

COLETÂNEA DE TÉCNICAS

VOLUME II

MANUAL DE TÉCNICAS PEDAGÓGICAS E
LUDOPEDAGÓGICAS PARA A OPERACIONALIZAÇÃO
DAS AÇÕES EDUCATIVAS NO SUS-SÃO PAULO

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DE SÃO PAULO
COORDENAÇÃO DOS INSTITUTOS DE PESQUISA - CIP
CENTRO DE VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA
“PROF. ALEXANDRE VRANJAC” - CVE
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE - NES

EDUCAÇÃO EM SAÚDE COLETÂNEA DE TÉCNICAS

VOLUME II

MANUAL DE TÉCNICAS PEDAGÓGICAS E
LUDOPEDAGÓGICAS PARA A OPERACIONALIZAÇÃO
DAS AÇÕES EDUCATIVAS NO SUS-SÃO PAULO

SÃO PAULO/2002

São Paulo (Estado). Secretaria da Saúde. Centro de Vigilância

Epidemiológica - “Prof. Alexandre Vranjac”. Núcleo de Educação em Saúde.

Educação em Saúde: coletânea de técnicas. São Paulo: CVE, 2002.

v.2

1. Educação em Saúde I. Lessa, Zenaide Lazara, coord. II. Título

NLM: WA 590

Manual destinado às equipes de saúde.

Distribuição gratuita no SUS-SP.

Permitida a reprodução dos conteúdos para atividades sem fins lucrativos com a obrigatoriedade de citação da fonte.

Tiragem - 3.000 exemplares

AGRADECIMENTOS

Aos profissionais do Sistema Único de Saúde do Estado de São Paulo, de Secretarias Municipais de Saúde do Estado de São Paulo e de outras instituições governamentais e não-governamentais, de grupos comunitários, participantes das oficinas pedagógicas de educação em saúde realizadas de 1994 até a presente data, e que com suas idéias, contribuições e sugestões, viabilizaram a transformação da prática em teoria.

Aos interlocutores da área de Educação em Saúde das Direções Regionais de Saúde e monitores das oficinas, cursos e eventos, pela parceria na construção do referencial metodológico teórico prático que norteou este trabalho.

FICHA TÉCNICA

Pesquisa, organização e elaboração de textos, pré-teste e avaliação do conteúdo e do processo pedagógico.

Elza Berro

Educadora de Saúde Pública - Núcleo de Educação em Saúde/CVE.

Maria Angélica Costa

Educadora de Saúde Pública - Núcleo de Educação em Saúde/CVE.

Maria Aparecida Pinheiro Sanches

Educadora de Saúde Pública - Núcleo de Educação em Saúde/CVE.

Maria de Lourdes Batista Diniz

Assistente Social - Núcleo de Educação em Saúde/CVE.

Otilia Simões Janeiro Gonçalves

Pesquisadora Científica - Programa de Controle da Hanseníase/CVE.

Zenaide Lazara Lessa

Pesquisadora Científica - Núcleo de Educação em Saúde/CVE.

COLABORAÇÃO

Ana Cláudia Fedato Nascimento

Psicóloga - DIR I, Capital.

Doralice de Souza

Enfermeira de Saúde Pública - Núcleo de Educação em Saúde/CVE.

CENTRO TÉCNICO DE DOCUMENTAÇÃO/SES

Lilian Nunes Schiavon

Lucrécia F. da Luz Crespigui

REVISÃO DE TEXTO

Léa Cunha,
Jornalista MTb 17923-71-21 SP.

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

José Luis Borges

PRODUÇÃO

Gráfica Benfica Ltda.

DIGITAÇÃO

Claudionor Santos Rodrigues
Solange Aparecida Lessa

**PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
(versão para Internet agosto/2003)**

Marcos Rosado - NIVE/CVE/SES/SP

**AUTORES QUE, EM DIFERENTES MOMENTOS,
PARTICIPARAM DA CONSTRUÇÃO DESTA COLETÂNEA**

Adriana Maria Sturion

Administradora de Empresas - DIR XV - Piracicaba

Ana Cláudia Fedato Nascimento

Psicóloga - DIR I - Capital

Carlos Valentino Valtingoer

Educador de Saúde Pública - Secretaria Municipal de Saúde de Atibaia

Célia Rose Langue

Assistente Social - Secretaria Municipal de Saúde de Santo André

Elza Berro

Educadora de Saúde Pública - Núcleo de Educação em Saúde/CVE

Eunice da Silva

Enfermeira - DIR XXII - São José do Rio Preto. Núcleo Reg. de Saúde de Jales

Gilson Carvalho

Médico Sanitarista - Consultor SUS-SP

Heleida Nobrega Metello

Assistente Social - Programa de Controle de Hanseníase/CVE

Lídia Batista Colombani

Educadora de Saúde Pública - DIR XXI - São José dos Campos

Maria Angélica Costa

Educadora de Saúde Pública - Núcleo de Educação em Saúde/CVE

Maria Aparecida Martins Moreira

Educadora de Saúde Pública - DIR XXII - São José do Rio Preto

Maria Aparecida Pinheiro Sanches

Educadora de Saúde Pública - Núcleo de Educação em Saúde/CVE

Maria Elizabeth Sartorelli

Assistente Social - DIR XXI - São José dos Campos

Maria de Lourdes Batista Diniz

Assistente Social - Núcleo de Educação em Saúde/CVE

Maria Luiza Simões Ribeiro

Pedagoga. *In memoriam*

Maria Marlene Gonçalves Lopes

Participante do Grupo de Terceira Idade “Estrelas da Manhã”

Maria Sebastiana Felix Bizetto

Assistente Social - QUALIS - Santa Marcelina

Marialda da Silva Inês

Pedagoga - Secretaria Municipal de Saúde de Santo André

Marly Novaes

Educadora de Saúde Pública - Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo

Margarida Aparecida P. G. Santos

Educadora de Saúde Pública - Secretaria Municipal de Saúde de Santo André

Nadia Maria Magalhães Meirelles

Farmacêutica - DIR XXIV - Taubaté

Neide Aparecida Bassi

Educadora de Saúde Pública - Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo

Otilia Simões Janeiro Gonçalves

Pesquisadora Científica - Programa de Controle de Hanseníase/CVE

Regina d’Alva Vianna

Educadora de Saúde Pública - Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo

Rute Pereira Mendonça Coutinho

Educadora de Saúde Pública - QUALIS - Santa Marcelina

Sirlei Bruno Toneto

Educadora de Saúde Pública - SUCEN - Campinas

Vânia Del’Arco Paschoal

Enfermeira, Docente da Fac. de Medicina e Enfermagem de São J. do Rio Preto

Zenaide Lazara Lessa

Pesquisadora Científica - Núcleo de Educação em Saúde/CVE

APRESENTAÇÃO

O primeiro volume desta Coletânea intitulado “Educação em Saúde - Coletânea de Técnicas”, instrumento pedagógico construído pelo Núcleo de Educação em Saúde do SUS/SP e publicado pela Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo em 1993, constituiu-se num referencial importante que atendeu às necessidades explicitadas pelos profissionais que atuam na área de Educação em Saúde. Sua utilização ultrapassou as fronteiras do estado de São Paulo, chegando aos estados do Paraná, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Tocantins, Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia que convidaram o Núcleo de Educação em Saúde do CVE para desenvolver, naqueles estados, Oficinas Pedagógicas de Educação em Saúde e Planejamento Local. No momento, essa edição está esgotada.

A contínua busca de alternativas metodológicas, as experiências vivenciadas e acumuladas e a ousadia de criar e inovar, constituíram-se em fatores fundamentais para a construção do Volume II da referida Coletânea por este Núcleo, trazendo novos subsídios para o desenvolvimento de atividades educativas na área de Saúde Coletiva.

A constatação, pelos profissionais do Núcleo de Educação em Saúde do CVE, de que a metodologia participativa, aplicada através de técnicas pedagógicas e ludopedagógicas, continua sendo um caminho que facilita a sistematização da ação educativa, a organização conceitual e estimula o processo criador, o diálogo e a interação entre os profissionais e população, motivou a elaboração deste volume.

As dinâmicas e as técnicas pedagógicas e ludopedagógicas, aqui contidas, têm como perspectiva oferecer oportunidades, não só de análise e reflexão, síntese e aprofundamento de diferentes situações do cotidiano mas, também, de criar uma prontidão para a ação, aprimorar o vínculo entre os profissionais e a instituição, os conselheiros de saúde, os usuários e a população em geral e resgatar o “emocional”, tão importante quanto às questões racionais e conceituais, mas que não tem sido cultivado.

Está comprovado que, dependendo da metodologia utilizada, o processo pedagógico será facilitado ou obstaculizado. Por isso, é importante que busquemos sempre criar um ambiente democrático e dialógico, favorecendo uma visão mais ampla e crítica da realidade, dos problemas e situações vividas no cotidiano de trabalho ou familiar.

Esperamos que esta Coletânea de Técnicas se constitua em um instrumento importante na viabilização dos objetivos pedagógicos pretendidos, colaborando efetivamente para a melhoria das condições de saúde da população e da qualidade dos serviços prestados.

A operacionalização de técnicas pedagógicas e ludopedagógicas propiciam momentos de prazer, satisfação e alegria; mas, certamente, são momentos que devem ser vivenciados com extrema responsabilidade e conduzidos com segurança e comprometimento. Os objetivos que se pretende atingir devem estar muito bem definidos, a fim de não comprometer o processo.

Oferecemos este documento a todos aqueles que, independente de sua formação profissional, tenham envolvimento com o processo educativo no seu cotidiano de trabalho e que ele seja um referencial que lhes propicie desenvolver atividades educativas competentes e prazerosas.

Maria Aparecida Pinheiro Sanches
São Paulo, janeiro de 2002

GLOSSÁRIO

Sugere-se a consulta de toda a Coletânea de Técnicas, com atenção especial aos objetivos a serem alcançados antes da utilização das mesmas. As técnicas aqui apresentadas, na maioria das vezes, atendem a mais de um objetivo, o que facilita a sua escolha.

Técnicas de apresentação/entrosamento

Para facilitar o entrosamento no início da atividade, curso, oficina, evento. Consistem em jogos dos quais todos participam. As pessoas se relacionam, se conhecem, diminuem as tensões facilitando a aprendizagem.

Técnicas de aquecimento

Para introduzir conteúdos, onde os participantes vivenciam subjetivamente aspectos do eixo temático a ser desenvolvido. Regra geral consistem em movimentos corporais, de descontração, de aproximação, de integração e verbalização, acompanhados de sons musicais, que ajudam a animar e a aquecer os participantes.

Técnicas de sensibilização

Para momentos de reflexão, de atenção para os objetivos a alcançar, para que diferentes olhares voltem-se para o mesmo enfoque.

Técnicas de reflexão e de aprofundamento

Favorecem a discussão do tema ou problema, relacionando-o com o objetivo pretendido, e que viabiliza o diagnóstico de uma situação e o planejamento de ações.

Técnicas com exercício de desafios

Facilitam o aguçar da imaginação, a criatividade, testar os limites e estimular a quebra de barreiras.

Técnicas de relaxamento

Apropriadas para momentos de cansaço grupal, dispersão, tensão, atividades muito longas, mesmo no meio de uma discussão e/ou plenária.

Técnicas de avaliação

Permitem aferir a caminhada e o trabalho executado, durante e/ou ao final do processo, permitindo a reavaliação e reprogramação das ações.

Agradecimentos	3
Ficha Técnica	5
Apresentação	9
Glossário	11
Parte I - Técnicas Pedagógicas e Ludopedagógicas	15
Parte II - Coletânea de textos diversos	
⊗ Casos para estudo	209
⊗ Textos Didáticos e para Reflexão	245
⊗ Mensagens e Frases	277
⊗ Dramatizações	289
Bibliografia	309

Parte I

TÉCNICAS PEDAGÓGICAS E LUDOPEDAGÓGICAS

TÉCNICAS PEDAGÓGICAS E LUDOPEDAGÓGICAS

- 1 - *O balão e o bastão*
- 2 - *Em busca do conceito*
- 3 - *A dança que divide*
- 4 - *Sem mosquito sem dengue*
- 5 - *Bexiga no pé*
- 6 - *Troca de lugares*
- 7 - *O feitiço*
- 8 - *O acolhimento*
- 9 - *O que é... o que é...*
- 10 - *O jogo da primavera*
- 11 - *Desenho coletivo*
- 12 - *Estudo de casos*
- 13 - *O presente*
- 14 - *O bingo*
- 15 - *Qual é o meu nome*
- 16 - *A árvore*
- 17 - *Nó humano*
- 18 - *Mágica do florescimento*
- 19 - *O jardim*
- 20 - *Passando a fita*
- 21 - *O equilíbrio*
- 22 - *A percepção das cores*
- 23 - *A história continua*
- 24 - *Como eu explico*
- 25 - *A praça*
- 26 - *A praça revisitada*
- 27 - *As casas da saúde*
- 28 - *O presente surpresa*
- 29 - *Ocupando o seu espaço*
- 30 - *A viagem*
- 31 - *A identidade*
- 32 - *Um presente para um amigo*
- 33 - *A bagagem*
- 34 - *A criatividade*
- 35 - *Uma questão de mudança*
- 36 - *O farol*
- 37 - *O tempo*
- 38 - *Ordenando os números*
- 39 - *Pinos mágicos*
- 40 - *As cirandas*
- 41 - *Seu eu fosse... eu*
- 42 - *As carinhas II*
- 43 - *Onde eu estou*
- 44 - *O raio e as flores*
- 45 - *Os signos*
- 46 - *Identificando conceitos*
- 47 - *Os impedidos*
- 48 - *Pranchas problematizadoras*
- 49 - *Oqueseraqueé*
- 50 - *A dança da bexiga*
- 51 - *O dado*
- 52 - *O jogo do X*
- 53 - *A gangorra*
- 54 - *Bem-me-quer*
- 55 - *A visita do ET*
- 56 - *Piquenique na montanha*
- 57 - *Imaginação ativa*
- 58 - *O baile*
- 59 - *Bingo da sexualidade*
- 60 - *Antagônicas e complementares*
- 61 - *Os cegos no trânsito*
- 62 - *Salada de frutas*
- 63 - *Para ser feliz*
- 64 - *A magia dos triângulos*
- 65 - *A estrela*
- 66 - *Piaba*
- 67 - *O comercial*
- 68 - *O jogo do corpo I*
- 69 - *O jogo do corpo II*
- 70 - *Rock pop*
- 71 - *O trem*

1 - O BALÃO E O BASTÃO

Autoras Maria Aparecida P. Sanches e Otilia Simões J. Gonçalves.

Objetivos

- Promover descontração e aquecimento;
- Exercitar a percepção para aspectos relacionados a alcance de objetivos, liderança e comunicação.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins e população em geral.

Número de Participantes

- De 20 a 40 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Local que comporte os participantes em círculo.

Materiais Necessários

- Bexigas ou balões coloridos;
- Bastões feitos com pedaços de cabo de vassoura com 30cm de comprimento, em média, ou parte interna, de papelão, do papel-toalha.

Instruções

- Preparar os bastões e reservá-los;
- Encher várias bexigas e reservá-las;
- Dispor os participantes em 2 ou 3 filas indianas, com o mesmo número de participantes em cada fila;
- Explicar, em detalhes, como ocorrerá a atividade;
- Dar uma bexiga ao primeiro de cada fila;
- Dar um bastão ao último de cada fila;
- Iniciar a atividade que é encerrada quando houver vencedor, ou seja, a fila que voltar à posição inicial em primeiro lugar.

Detalhes da Atividade

- Explicar que a partir de um sinal, o primeiro da fila que está com a bexiga deverá passá-la entre as pernas e entregá-la ao colega que está atrás;
- Quem está atrás de quem passou a bexiga e recebê-la por baixo deverá passá-la ao colega de trás por cima, sobre a cabeça. Quem recebê-la por cima deverá passá-la ao colega de trás por baixo, ou seja, entre as pernas;
- Quando a bexiga chegar ao último da fila, o mesmo deverá correr até o início da fila e passá-la ao colega de trás, continuando o jogo;
- Enquanto a bexiga tem todos esses critérios para o seu movimento, o bastão vai e volta de trás para a frente e da frente para trás de qualquer jeito. Ele só não pode parar. Quando o último da fila receber o bastão em movimento, **NÃO** deverá ir para o começo da fila. **SÓ VAI PARA O COMEÇO DA FILA O ÚLTIMO DA FILA QUE RECEBER A BEXIGA;**
- Ao término da explicação perguntar se têm dúvidas, se entenderam todas as regras do jogo;
- Indagar se querem eleger um coordenador por fila.

Pontos para Reflexão

- Como foi vivenciar a técnica?
- Foi mais fácil passar a bexiga ou passar o bastão?
- Foi fácil cumprir as regras?
- Alguém descumpriu as regras?
- Na nossa realidade, por analogia, quem são as bexigas e quem são os bastões?

- Considerando a bexiga como objetivo(s) a ser(em) alcançado(s), muitas vezes, no afã de cumpri-los, regras são burladas ou não. Às vezes a burla passa despercebida, às vezes é descoberta;
- Pode-se encontrar obstáculos (bastões) pelo caminho que poderão impedir a concretização do(s) objetivo(s);
- Havendo um coordenador, um líder, o planejamento, que é essencial para a realização do(s) objetivo(s), pode ser facilitado.

Cuidados e Dicas

- No caso de utilizar a parte interna, de papelão, do papel-toalha, revesti-la previamente com papel colorido;
- Deixar bexigas cheias à disposição, para repor no caso de necessidade. Alguma bexiga poderá estourar no momento da atividade e a mesma deverá ser repostada rapidamente para que fila não fique prejudicada;
- Verificar as condições do ambiente, retirando móveis, cadeiras. Observar as condições do chão para evitar acidentes;
- Ficar atento a tudo que acontecer durante a atividade, sobretudo no cumprimento das regras estabelecidas no jogo, para subsidiar a discussão.

2 - EM BUSCA DO CONCEITO

Autoras Otilia Simões J. Gonçalves e Maria de Lourdes B. Diniz.

Objetivos

- Identificar conceitos, percepções e opiniões sobre determinado assunto;
- Introduzir a discussão de um tema.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins e população em geral.

Número de Participantes

- De 15 a 20 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Local que comporte os participantes em círculo.

Materiais Necessários

- Figuras ou gravuras que lembrem o tema em questão e outras figuras abstratas, de acordo com o número de participantes;
- Papel sulfite, kraft ou quadro-negro para anotações;
- Pincel atômico, giz;
- Fita crepe.

Instruções

- Colocar as cadeiras em círculo;
- Colocar uma figura em cada cadeira;
- Pedir que as pessoas andem em volta das cadeiras, observem as figuras, pensem no tema em questão e escolham uma figura;
- Em seguida, pedir que cada um fale da sua figura e da relação da mesma com o tema;
- Anotar as palavras-chave do relato dos participantes nas folhas de papel ou quadro-negro.

Pontos para Reflexão

- Esta técnica permite-nos uma ação participativa, pois nos possibilita partir do universo conceitual das pessoas em relação ao assunto que queremos discutir;
- A partir dos conceitos apresentados sobre o assunto em estudo, o monitor/professor poderá comentar as apresentações dos participantes e discorrer sobre o tema em questão.

Cuidados e Dicas

- Sem sugestões.

3 - A DANÇA QUE DIVIDE

Autora Zenaide Lazara Lessa.

Objetivos

- Propiciar momentos de integração e descontração aos participantes de grupo;
- Dividir os grupos.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins e população em geral.

Número de Participantes

- Indefinido.

Tempo Previsto

- De 5 a 10 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Local que comporte o número de participantes e que permita a movimentação dos mesmos.

Materiais Necessários

- Aparelho de som;
- CD ou fita cassete com música, para dançar: samba, forró, rock etc.

Instruções

- Preparar o aparelho de som e selecionar a música;
- Solicitar que os participantes fiquem em pé e que ao iniciar a música, dançam à vontade;
- Após um minuto, mais ou menos, dar alguns comandos para que os participantes se agrupem, de acordo com um determinado número, e que continuem a dançar, exemplo: de 3 em 3, de 4 em 4, novamente só e assim por diante;
- No último comando, dar o número de acordo com o tamanho do grupo que se deseja formar;
- Solicitar que continuem a dançar e, após, sentem-se em grupo para a próxima atividade.

Pontos para Reflexão

- Finalidade da técnica;
- Sentimentos durante a vivência da mesma.

Cuidados e Dicas

- Sem sugestões.

4 - SEM MOSQUITO, SEM DENGUE*

Autora Neide Aparecida Bassi.

Objetivos

- Discutir sobre a importância do combate ao mosquito *Aedes aegypti*;
- Refletir sobre a responsabilidade de cada um e de todos no combate a Dengue e a importância do trabalho em equipe.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins e população em geral.

Número de Participantes

- 60 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 20 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala que comporte o número de participantes.

Materiais Necessários

- Filipetas com mensagens sobre Dengue;
- Quadro-negro;
- Giz.

Instruções

- Solicitar aos participantes que formem um círculo;
- Entregar seqüencialmente 60 filipetas numeradas (30 com nº 1 e 30 com nº 2), com as seguintes frases:

Frase nº 1: A maior arma contra o mosquito é você.

Sem mosquito, sem Dengue;

Frase nº 2: Você é o principal responsável pelo controle do mosquito. **Sem mosquito, sem Dengue;**

Frase nº 3: (transcrever no quadro-negro) Todos juntos na luta contra o mosquito. **Sem mosquito, sem Dengue.**

- Em seguida, solicitar a um participante, previamente escolhido, que o mesmo se vire para o vizinho da esquerda e, apontando em sua direção, leia a mensagem de número 1. Ao final da leitura, o vizinho apontado deverá responder com a leitura da mensagem de número 2, apontando em direção ao participante inicial. E assim, sucessivamente, até que todos os participantes tenham lido as mensagens;
- Após, solicitar ao grupo inteiro que leia em conjunto a frase de nº 3, que está escrita no quadro-negro.

Pontos para Reflexão

- Sentimentos durante a vivência da técnica;
- A responsabilidade de cada um e de todos;
- A participação da equipe e a união de todos para o alcance de objetivos em comum.

Cuidados e Dicas

- Sem sugestões.

**Dinâmica aplicada no "Treinamento de Culicídeos", para os Agentes de Controle de Zoonoses das dez Administrações Regionais de Saúde da Prefeitura do Município de São Paulo, em junho de 2001.*

5 - BEXIGA NO PÉ

Autoras Otilia Simões J. Gonçalves e Maria Aparecida P. Sanches.

Objetivos

- Promover momentos de descontração, aproximação e integração grupal;
- Estimular a percepção e refletir sobre os fatores intervenientes na desmotivação da luta para a concretização de objetivos.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins e grupos comunitários.

Número de Participantes

- De 15 a 20 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Local que comporte os participantes em círculo.

Materiais Necessários

- Bexigas ou balões coloridos em quantidade duas vezes superior ao número de participantes;
- Pedacos de barbante (30cm) para todos os participantes;
- CD e fita cassete, com música bem animada;
- Aparelho de som.

Instruções

- Preparar uma bexiga para cada participante, colocar uma bexiga dentro da outra e reservá-las;
- Entregar uma bexiga, já preparada, para cada participante e um pedaço de barbante;
- Pedir que encham a bexiga e com o auxílio do barbante, amarrem-na no tornozelo.
- Colocar a música escolhida para tocar;
- Convidar todos para dançar, tomando cuidado para não estourar a sua bexiga;
- Após, estando o grupo bem aquecido e descontraído, orientar para que cada um tente estourar a bexiga do outro, mas protegendo a sua própria bexiga e que continuem a dançar;
- Após o estouro da maioria ou de todas as bexigas, interromper a música;
- Solicitar que todos prestem atenção e cada um apanhe uma bexiga inteira, que deverá estar no chão (a bexiga reserva que estará dentro da primeira, que estourar);
- Pedir que encham a mesma e que continuem a dançar, cada um tomando conta da sua;
- Voltar a tocar a música até o final.

Pontos para Reflexão

- Significado dos balões (Programa/Projeto/Atividades Educativas);
- Sentimentos vivenciados quando os balões são estourados;
- Significado do segundo balão, o começar de novo;
- Experiências pessoais sobre a técnica;
- Significado do processo educativo.

Cuidados e Dicas

- Preparar um maior número de bexigas, para o caso das distribuídas estourarem antes da hora, ou se extraviarem durante a vivência;
- Tirar do ambiente possíveis obstáculos;
- Proteger equipamentos e materiais frágeis que estejam no ambiente.

6 - TROCA DE LUGARES

Autor Domínio Público.

Adaptação Equipe do Núcleo de Educação em Saúde/CVE, 1999.

Objetivos

- Promover a descontração e aquecimento do grupo;
- Refletir sobre o conceito de espaço e a percepção do outro.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins e população em geral.

Número de Participantes

- De 20 a 30 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Local que comporte o grupo disposto e sentado em círculo.

Materiais Necessários

- Cadeiras colocadas em círculos.

Instruções

- Colocar os participantes sentados sem nenhum objeto no colo ou nas mãos;
- Não deixar nenhuma cadeira desocupada;
- O facilitador/monitor deverá ficar em pé no centro do círculo;
- Dizer aos participantes que, em um determinado momento, ele irá trocar de lugar com um dos participantes e ocupará uma das cadeiras do ambiente;
- Informar que a primeira instrução da técnica ele dará, as outras instruções serão dadas pela pessoa que o substituir no centro do círculo;
- Motivar a primeira troca de lugares a partir de uma instrução. Para tanto, observar bem os participantes e identificar semelhanças nas características físicas (cor de cabelo, estatura), no modo de vestir (roupas, sapatos, tênis, sandálias de cores idênticas), nos ornamentos (brincos, colares, pulseiras, relógios etc.);
- Identificadas as semelhanças, pedir para que troquem de lugares as pessoas que possuem a mesma característica física ou que estiverem usando roupas ou acessórios similares. Ex.: “Vou pedir que troquem de lugar as pessoas loiras”(uma instrução de cada vez). Quando as pessoas levantarem para trocar de lugar o facilitador/monitor, rapidamente, sentar-se-á em uma das cadeiras. Conseqüentemente, um dos participantes ficará de pé, será o próximo a dar instruções e assim sucessivamente;
- Encerrar as trocas de lugares quando observar que o grupo já está aquecido, descontraído.

Pontos para Reflexão

- Como foi vivenciar a técnica?
- Que analogia pode ser feita, pensando na vivência da técnica e no tema em discussão?
- Será que, ao nos movimentarmos de um lado para o outro em busca de um lugar, nosso olhar e percepção mudam? Será que a vivência nos remete à necessidade de observarmos a realidade sobre vários ângulos, mostra-nos que esta mesma realidade não é estática e sim permeada de fatores que a dinamizam e se percebermos seus movimentos podemos apreendê-la, mudá-la, transformá-la?

7 - O FEITIÇO

Autora Maria de Lourdes B. Diniz.

Objetivos

- Promover reflexão sobre o tema;
- Descontração e aquecimento.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins e população em geral.

Número de Participantes

- De 20 a 30 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Local que comporte os participantes sentados em círculo.

Materiais Necessários

- Quadrados de papel em branco (10cm);
- Caneta.

Instruções

- Distribuir o papel em branco e a caneta para os participantes;
- Pedir que escrevam um castigo a ser cumprido pelo colega que estiver à sua direita;
- Em seguida, pedir que cada um leia o que escreveu como castigo;
- Após todos lerem, pedir para quem escreveu vivenciar o castigo que desejou para o outro;
- A atividade termina quando todos os participantes vivenciarem os castigos que desejaram aos colegas.

Pontos para Reflexão

- Sentimentos ao escutar o próprio castigo.
- O significado do “castigo”. Positivo ou negativo.
- Interpretação da atividade, considerando-se o dia-a-dia de cada um.

Cuidados e Dicas

- Sem sugestões.

8 - O ACOLHIMENTO

Autora Maria Aparecida P. Sanches.

Objetivos

- Discutir questões que envolvem a empatia, a importância de se colocar hipoteticamente em situações experimentadas por um(a) colega ou usuário;
- Refletir sobre o acolhimento a clientes nas UBs, como um componente essencial às relações no ambiente de trabalho e à integração entre a Instituição e a Comunidade.

População-Alvo

- Profissionais de saúde e de áreas afins.

Número de Participantes

- De 20 a 40 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 40 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla com cadeiras removíveis, que permita a movimentação dos participantes.

Materiais Necessários

- Cartolina para confecção de tocas e coelhos;
- Pincel atômico;
- Barbante;
- Tesoura;
- Aparelho de som;
- Fitas cassete e CDs.

Instruções

- Dividir o grupo em subgrupos de três participantes. Entregar “tocas” para dois deles e um “coelho” para o outro, que o pendurará no pescoço.
- Os que assumiram o papel de “tocas” se agrupam de dois em dois, levantam os braços e unem as mãos formando “tocas”;
- Os que assumiram o papel de “coelhos” (que serão em número maior que as “tocas”), ficarão dentro do círculo;
- Ao som de música, todos dançam, “coelhos” e “tocas” e quando a música parar, os “coelhos” devem correr em busca de uma “toca”. Sobrará um ou mais “coelhos” sem “tocas”. Isto não implica em castigo, mas visa estimular a disputa e oferecer elementos para reflexão;
- Continuar o jogo, invertendo-se os papéis entre os “coelhos” e as “tocas”. Todos devem passar pela experiência de ser “coelho” e de ser “toca”.

Pontos para Reflexão

- Analisar com o grupo a experiência vivenciada;
- Como as “tocas” receberam os “coelhos”?
- Alguma “toca” rejeitou o “coelho”?
- Como se sentiram como “coelhos”?
- E como “tocas”?
- No dia-a-dia na UBS quem são as “tocas” e quem são os “coelhos”?
- Como é esse acolhimento aos “coelhos”?
- O que se poderia fazer para que esse acolhimento fosse humano, sincero, justo e competente?

Cuidados e Dicas

- Os “coelhos” e as “tocas” devem ser preparados com antecedência e em número maior do que o previsto. Podem ser feitos de papel ou outro material a critério dos responsáveis. Vale a criatividade.

9 - O QUE É... O QUE É...*

Autora Maria Luiza S. Ribeiro.

Adaptação Elza Berro.

Objetivos

- Propiciar descontração e movimentação do grupo;
- Promover integração grupal;
- Discutir a importância do trabalho em equipe;
- Identificar o processo de construção coletiva do conhecimento.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins e grupos comunitários.

Número de Participantes

- De 25 a 30 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 10 a 15 minutos aproximadamente.

Materiais Necessários

- Cartolina;
- Papel Sulfite;
- Pilot Color;
- Aparelho de Som;
- CD ou fita cassete;
- Música (O que é, o que é - Gonzaguinha)

Instruções

- Escolher uma frase sobre Educação em Saúde ou outro assunto temático;
- Escrever a frase escolhida, com letra bem grande, em uma filipeta;
- Escrever, em papel sulfite, a mesma frase com as palavras fracionadas por sílabas ou por partes, cada palavra em uma folha separada;
- Verificar se a frase, já fracionada, está completa e reservar;
- Solicitar a todos que formem um círculo;
- Colocar o CD ou fita cassete no aparelho de som;
- Colocar aleatoriamente as palavras fracionadas da frase, em cadeiras ou no centro do círculo;
- Solicitar aos participantes que peguem uma folha cada um e que verifiquem “O que é” que está escrito;
- Ao som da música, deixar que os participantes tenham iniciativa própria para formar a frase escolhida para a atividade;
- Depois de formada, todos deverão ler a frase completa, já colocada na parede ou painel, na íntegra (filipeta preparada anteriormente).

Pontos para Reflexão

- Sentimentos durante a vivência;
- O ponto de partida de cada um;
- A análise de cada palavra;
- O caminhar, processo intelectual vivenciado até a formação completa da frase;
- A construção coletiva do conhecimento;
- O trabalho em equipe.

Cuidados e Dicas

- Sem sugestões.

Exemplos de Frases

- A educação é um processo de construção, de um saber coletivo, apontando as possibilidades de intervenção e transformação da realidade.
- Antes de nos propormos a mudar o outro, temos que pensar se também não devemos começar a mudança por nós mesmos.
- Repensar a nossa prática educativa é o começo da mudança.

**Esta técnica também pode ser usada para atividades de congraçamento e encerramento. Neste caso, utilizar letras de músicas como, por exemplo, a do Lulu Santos e Nelson Mota “Como uma Onda”.*

10 - O JOGO DA PRIMAVERA

Autora Zenaide Lazara Lessa.

Objetivos

- Propiciar momentos de integração e conagraçamento grupal;
- Desenvolver habilidades para utilização de linguagem corporal e lúdica.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins e população em geral.

Número de Participantes

- De 15 a 60 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Local amplo que permita a movimentação dos participantes.

Materiais Necessários

- Gravuras, fotos, desenhos de animais, aves ou insetos citados em uma história a ser contada para o grupo e que seja previamente selecionada;
- Gravuras de pessoas, objetos e flores citados na referida história;
- Sacos plásticos;
- Barbante;
- Fita crepe;
- Cola;
- Texto de história a ser representada;
- Aparelho de som, microfone no caso de grande número de participantes.

Instruções

- Selecionar previamente uma história (vide exemplo em anexo) a ser contada para o grupo;
- Preparar gravuras, fotos e desenhos relacionados à história escolhida, colocando-os dentro de sacos plásticos;
- Em cada saco plástico, prender um barbante de forma a permitir que as pessoas coloquem em seu peito a imagem a ser representada;
- Reservá-las;
- Solicitar que os participantes fiquem em pé, formando um círculo;
- Colocar as gravuras no chão, dentro do círculo, convidando a todos para pegar uma gravura ou flor ou borboleta;
- Explicar que a partir daquele momento, todos vão assumir o papel do seu personagem em gestos, palavras ou qualquer outra forma de expressão corporal;
- Informar que uma história será contada e que todos devem representar o seu personagem à vontade. Ao ouvirem a palavra PRIMAVERA, por exemplo, devem atravessar o ambiente para o lado oposto de onde se encontram, BATENDO PALMAS;
- Contar a história até o final;
- Aguardar a reação dos participantes.

Pontos para Reflexão

- É a própria vivência do jogo.

Cuidados e Dicas

- Este jogo é eminentemente de expressão corporal e de contato entre os participantes. Não é aconselhável para grupos que não se conhecem ou como primeira atividade de um evento;
- As gravuras podem ser substituídas, colocando-se nomes de animais, aves, objetos em uma folha de papel;
- A palavra-chave poderá ser substituída, de acordo com a época da vivência ou do objetivo a que se propôs.

Exemplos de Histórias*

a) Um Dia na Primavera

Amanhece o dia... o sol anuncia um belo dia de PRIMAVERA.

O GALO canta e o CACHORRINHO corre... espantando o GATINHO que ainda não acordou.

As FLORES olham para o sol sorridentes e as BORBOLETAS beijam as FLORES, a procura de alimento.

O PAPAGAIO sobe no poleiro e chama BEM-TE-VI... BEM-TE-VI.

O BOI espanta o calor abanando o rabo.

A manhã de PRIMAVERA desperta a vontade de cantar.

Um coro musical se forma com o PAPAGAIO... CURUPACO, com o BEM-TE-VI, o GALO... COCORICÓ, o CACHORRINHO... AU... AU, o BOI... MÚ... MÚ, e o GATO... MIAU... MIAU.

As FLORES e as BORBOLETAS dançam, acompanhando o coro, dando viva à PRIMAVERA.

Fim de tarde, o sol se esconde no horizonte.

O BOI vai para o curral... o BEM-TE-VI procura seu ninho.

O GATINHO briga com o CACHORRINHO e o PAPAGAIO corre atrás do GALO.

As FLORES se curvam para chegar perto das BORBOLETAS.

Todos estão felizes, se abraçam... agradecendo à PRIMAVERA.

b) Domingo no Parque

Era uma vez, um belo domingo de sol, na época da PRIMAVERA.

Nossa casa era rodeada por um grande parque e ao acordar logo cedo, ouvíamos o GALO cantar, anunciando o domingo feliz que tínhamos.

Os BEM-TE-VIS cantavam voando de árvore em árvore, enquanto os GATINHOS de madame se espreguiçavam e logo fugiam dos CACHORRINHOS dos meninos. As FLORES tomavam banho de sol e as BORBOLETAS beijavam as FLORES, colhendo mel. Todos estavam felizes no domingo no parque, na PRIMAVERA, e resolveram cantar, formando um enorme coro: os GATINHOS, os CACHORRINHOS, BEM-TE-VIS e o GALO também.

As FLORES e BORBOLETAS dançavam ao som do canto e da música e todos muito felizes, chegávamos ao fim do dia.

Enquanto o sol se escondia, os GATINHOS e CACHORRINHOS procuravam suas casas, o GALO e os BEM-TE-VIS procuravam abrigo, as FLORES e as BORBOLETAS também se despediam de todos, com um grande abraço, felizes com o alegre domingo de PRIMAVERA.

c) Um Dia... de reunião

Abri um olho e depois o outro... acordei!!... ouvi um GALO cantar... levantei, abri a janela, espreguicei.

Estava frio, mas era uma manhã muito clara anunciando um dia de PRIMAVERA. Me arrumei... e saí depressa para a reunião de Tuberculose.

Tomei um ônibus e lá fui eu, ainda com sono.

Estranho... o ônibus parou no Parque da Cidade e o motorista sorridente convidou... “É PRIMAVERA... vamos passear no parque”.

O que vejo?... Pássaros voando e cantando... FLORES se abrindo e as BORBOLETAS dançando ao redor das FLORES, buscando seu alimento.

As ABELHINHAS faziam o mesmo, apresentando a PRIMAVERA.

Tudo era calmo e harmonioso... mas... que som é este?

Vejo então os PALHACINHOS tocando tambor, os PEIXES do lago olham assustados, fazendo GLU... GLU... GLU... GLU.

Passam agora as BABÁS com seus bebês... acompanhadas pelos CACHORRINHOS que correm atrás dos GATINHOS.

Está ensolarado e o calor é de PRIMAVERA.

Tudo é tão lindo, mas... o que vejo... lá vem uma ÁGUIA dengosa, convidando todos para dançar, enquanto os PALHACINHOS tocam tambor.

Ouçó um som diferente, é um DRAGÃO que chega todo vibrante, dizendo: “Vamos nos abraçar... vamos desejar felicidades para os amigos e colegas”. É PRIMAVERA... até a próxima reunião, abraços... abraços... abraços.

d) Um Dia... no outono

Acordei... com o canto de um GALO...

Era dia de festa para a Educação.

Abri a janela... O dia estava frio, mas anunciava um belo dia de OUTONO.

Já estava atrasada para a reunião de Educação.

Saí correndo... tomei um ônibus para ir à Chácara das Flores.

Encolhida, por causa do friozinho de OUTONO, prestava atenção na paisagem.

De repente... me vi dentro de um parque.

Era lindo... desci do ônibus e fui andando, olhando tudo ao meu redor.

O friozinho do OUTONO continuava... e o sol apareceu.

Mas que som diferente... eram CACHORRINHOS... AUAU... AUAU... correndo atrás dos GATINHOS... MIAU... MIAU... fazendo uma enorme algazarra.

Um grupo de PALHACINHOS apareceu, tocando tambor e as PAGENS com seus BEBÊS o seguiam, felizes com a chegada do OUTONO.

Então senti o perfume das FLORES se abrindo e as BORBOLETAS dançando ao seu redor.

Vi os MACAQUINHOS fazendo micagens e os PAPAGAIOS voando em bando, fazendo um barulho intenso.

Os PEIXINHOS do lago olhavam assustados, GLU... GLU... GLU.

Era um belo dia de OUTONO.

Agora são as ABELHAS... ZUM... ZUM... atrás das FLORES.

Os PATINHOS saíam da lagoa, procurando alimento.

Que maravilha!!! Mas... olhe lá quem apareceu... uma bela e dengosa ÁGUIA, dizendo: “eu vejo longe... eu vejo tudo... a Educação em Saúde tem que estar de alerta para a saúde coletiva”.

Ouvi um som diferente. Não acreditei!!! Era um DRAGÃO, convidando todos para uma festa chinesa. “Vamos... meus queridos amigos... vamos dançar e cantar”.

Não resisti... fomos todos atrás do DRAGÃO... formando uma enorme cauda, dançando... cantando... nos alegrando... naquele lindo dia de OUTONO.

O DRAGÃO saudava o Dia da Educação em Saúde.

Abraçamo-nos muito felizes e... acordei... Foi um belo sonho que se tornou realidade para nós todos.

**Fonte: Texto a, b, c, d elaborados por Zenaide Lazara Lessa, Núcleo de Educação em Saúde/CVE, 1998, 1999 e 2000.*

11 - DESENHO COLETIVO

Autor Equipe do Núcleo de Educação em Saúde/CVE, 1998.

Objetivos

- Identificar percepções sobre um determinado tema ou conceito;
- Associar diferentes conceitos a partir de percepções individuais;
- Sistematizar e identificar determinantes de uma problemática de saúde;
- Introduzir a discussão de temas complexos.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, grupos comunitários e conselheiros de saúde.

Número de Participantes

- De 20 a 60 em média.

Tempo Previsto

- De 60 a 80 minutos, dependendo do número de grupos e de participantes, divididos em três momentos:
 - 1º momento - 20 minutos em média;
 - 2º momento - 20 minutos em média;
 - 3º momento - 30 a 40 minutos em média.

Espaço Físico

- Sala ampla, com cadeiras removíveis, possibilitando trabalho em grupo.

Materiais Necessários

- Folhas de papel sulfite - uma por participante;
- Canetas tipo hidrocor de diferentes cores;
- Papel Kraft, manilha;
- Pilot Color de três cores diferentes;
- Cola
- Tesoura;
- Fita crepe
- Tema(s) escrito(s) em uma folha de papel.

Instruções

• 1º momento:

- Dividir os participantes em grupos de até dez pessoas, no máximo: cada grupo deve ter o mesmo número de participantes;
- Distribuir uma folha de papel sulfite e canetas hidrocor para cada participante;
- Solicitar que façam uma pequena marca no papel para identificação;
- Informar que todos, a partir de um comando, deverão iniciar um desenho, para representar um determinado tema, que será dado a cada grupo. Após novo comando, todos devem passar a sua folha para o colega da direita e receber a folha do colega da esquerda e continuar o desenho na folha recebida, sempre pensando em representar o mesmo tema;
- Dar o tema para cada grupo;
- Iniciar o comando dando um minuto para a tarefa; após, continuar dando trinta segundos até que todas as folhas de todos os grupos retornem à sua origem.

•2º momento:

- Incentivar os membros dos grupos a fazerem comentários sobre o desenho final, comparando com a idéia (comum) inicial;
- Após, solicitar que construam um mural sistematizando todos os conceitos, percepção sobre o tema em estudo, utilizando os desenhos na integra ou divididos em partes. Poderão complementar a idéia escrevendo ou fazendo outros desenhos, organogramas etc.;
- Solicitar que cada grupo escolha um relator que apresentará o MURAL e as conclusões do grupo, em plenária.

• 3º momento: Plenária e Reflexão:

- Iniciar a plenária com a exposição dos MURALS e o relato de cada grupo, em ordem lógica, quando houver apresentação de mais de um conceito;
- Sistematizar e associar os pontos comuns, divergentes e complementares dos conceitos estudados.

Cuidados e Dicas

- É aconselhável que os diferentes grupos conheçam somente o seu tema/conceito;
- O comando deve ser único para todos os grupos.

Exemplos de Temas

- Saúde / Doença / Prevenção / Vigilância;
- Saúde / Doença / Participação / Educação;
- AIDS / Prevenção / Educação;
- Tuberculose / Prevenção / Tratamento / Participação.

12 - ESTUDO DE CASOS*

Autor Domínio Público.

Adaptação Equipe do Núcleo de Educação em Saúde/CVE, 1995/2000.

Objetivos

- Analisar um problema ou tema de maneira vertical, ou seja, sob todos os aspectos e em profundidade;
- Analisar um problema ou tema do ponto-de-vista da multideterminação de fatores;
- Identificar alternativas de solução para problemas.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, conselheiros de saúde e grupos comunitários.

Número de Participantes

- 5 a 10 pessoas ou vários subgrupos com 10 pessoas no máximo. O total fica a critério da coordenação.

Tempo Previsto

- De 60 a 90 minutos, em média, dependendo do número de grupos e casos a serem estudados.

Materiais Necessários

- O(s) caso(s) selecionado(s);**
- Papel sulfite para anotações individuais;
- Papel kraft ou similar para anotar a conclusão do grupo;
- Canetas tipo hidrocor;
- Caneta esferográfica azul ou preta;
- Fita crepe.

Instruções

- A técnica poderá ser realizada em diferentes etapas, conforme exemplos abaixo:
 - a) Um grupo analisa e discute um caso;
 - b) Vários grupos analisam e discutem um único caso;
 - c) Vários grupos analisam e discutem diferentes casos.

A - Um grupo analisa e discute um caso (2 etapas)

• 1ª Etapa:

- Entregar o caso ao grupo;
- O grupo deverá ler o caso coletivamente e analisá-lo a partir da contextualização dos fatores restritivos e/ou facilitadores que contribuiram para o seu desfecho. As dúvidas e conclusão do grupo deverão ser anotadas;
- Esta etapa dura, em média, 30 minutos.

• 2ª Etapa:

- O monitor/facilitador deverá responder às dúvidas, comentar e sistematizar a conclusão apresentada. O tempo para essa etapa fica a critério do mesmo.

B - Vários grupos analisam e discutem um único caso (3 etapas):

Quando o nº de participantes for superior a 10 pessoas, é necessário trabalhar em subgrupos. Para tanto, divide-se os participantes em subgrupos de, no máximo, 10 pessoas.

• 1ª Etapa: *(Leitura, análise e discussão do caso em subgrupos)*

- Distribuir o caso aos subgrupos;
- Orientar cada subgrupo para que eleja um relator;
- Os subgrupos deverão ler o caso coletivamente e analisá-lo a partir da contextualização dos fatores restritivos e/ou facilitadores que contribuiram para o seu desfecho. As dúvidas e conclusão do grupo deverão ser anotadas;
- Esta etapa dura, em média, 30 minutos.

- **2ª Etapa: (Plenária para socialização das discussões dos casos aos demais subgrupos)**
 - Os relatores dos subgrupos deverão ler em plenária para os demais subgrupos o caso estudado, bem como as dúvidas e conclusões a ele pertinentes. Determina-se 05 minutos, em média, para cada relator.

- **3ª Etapa:**
 - O monitor/facilitador deverá responder às dúvidas, comentar e sistematizar as conclusões apresentadas. O tempo para essa etapa fica a critério do mesmo.

NOTA - Quando o número de subgrupos for superior a quatro, ao término da 1ª etapa, junta-se os subgrupos de dois em dois para consolidar as conclusões. Desta forma, reduzir-se-á pela metade o número de apresentações em plenária.

C - Vários grupos analisam e discutem diferentes casos (4 etapas)

Quando trabalhar com mais de um caso, os mesmos deverão ser distribuídos em diferentes subgrupos. Exemplo: para 8 grupos estudando 4 casos, sugerimos a seguinte divisão:

- 2 grupos estudam o caso A
- 2 grupos estudam o caso B
- 2 grupos estudam o caso C
- 2 grupos estudam o caso D

- **1ª Etapa: (Leitura, análise e discussão do caso em subgrupos)**
 - Distribuir os casos aos subgrupos;
 - Orientar os subgrupos para que elejam um relator;
 - Os subgrupos deverão ler o respectivo caso coletivamente e analisá-lo a partir da contextualização dos fatores restritivos e/ou facilitadores que contribuíram para o seu desfecho. As dúvidas e conclusões do grupo deverão ser anotadas. Esta etapa dura em média 30 minutos.

- **2ª Etapa: (Consolidação das discussões dos grupos que estudaram o mesmo caso)**
 - Os subgrupos que estudaram o mesmo caso, deverão juntar-se e consolidar as discussões, observando o que de comum apareceu nas conclusões.

- **3ª Etapa: (Plenária para socialização das discussões dos diferentes casos)**
 - Os relatores dos subgrupos deverão ler em plenária para os demais subgrupos o caso estudado, bem como as dúvidas e conclusões a ele pertinentes. Determina-se 05 minutos, em média, para cada relator.

- **4ª Etapa:**
 - O monitor/facilitador deverá responder à dúvidas, comentar e sistematizar as conclusões apresentadas. O tempo para essa etapa fica a critério do mesmo.

Pontos para Reflexão

São os pertinentes a cada caso em estudo e à associação de fatores socioeconômicos, culturais, educacionais, políticos, ambientais e de Vigilância à Saúde, entre outros.

Cuidados e Dicas

- Esta técnica permite trabalhar com grande número de pessoas. Para tanto, é preciso considerar o espaço e monitores disponíveis, para acompanhar as discussões de cada subgrupo, além do coordenador;
- Técnicos especialistas nos temas a serem analisados devem participar das discussões dos casos e das plenárias, contribuindo assim, para a sistematização e conclusões finais.

* Técnica vivenciada nos Seminários do Programa Dose Certa e Seminários de Controle da Raiva. Projetos elaborados pela equipe do Núcleo de Educação em Saúde/CVE, 1995/2000.

** Consultar a parte II deste Manual, item "Casos" e selecionar aquele(s) pertinente(s) ao problema a ser analisado.

13 - O PRESENTE*

Autor Domínio Público.

Objetivos

- Promover a descontração;
- Estimular a percepção das pessoas em relação aos seus pares.

População-Alvo

- Diferentes grupos, sendo mais recomendável para pessoas que já convivem a algum tempo.

Número de Participantes

- De 15 a 20 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Local que comporte os participantes em círculo.

Materiais Necessários

- Caixa contendo bombons suficientes para todos os participantes;
- Papel colorido para presente;
- Papel sulfite;
- Canetas tipo hidrocor;
- Fita adesiva.

Instruções

- Providenciar a elaboração do pacote do presente, utilizando a caixa de bombons, embrulhando-a sete vezes com os papéis coloridos. Em cada vez que embrulhar o pacote, colar uma mensagem no mesmo. O papel do embrulho inicial não deve conter nenhuma mensagem. A parte externa deve ser igual a um presente qualquer;
- Colocar os participantes em círculo;
- Pedir que o grupo indique uma pessoa que mereça ganhar o presente;
- Entregar o mesmo para a pessoa escolhida, solicitando que o desembrulhe e leia a mensagem que está escrita, continuando a atividade até que a última mensagem seja lida;
- Aguardar a decisão do grupo.

Pontos para Reflexão

- Importância dos momentos de descontração e o quanto a mesma nos motiva;
- Importância de o nosso olhar ultrapassar os limites impostos ao nosso dia-a-dia e que, muitas vezes, nos impedem de observarmos os aspectos que fogem de nós e dos colegas, pessoas diferentes e únicas.

Cuidados e Dicas

- Em vez de bombons, podem ser utilizados outros doces ou prendas. Numa variação da mesma técnica, utilizar cupons escritos em pedaços de papel e colocados dentro da caixa. Quem receber o cupom, solicita ou dá o prêmio para colegas do grupo.

Sugestão de mensagens

- 1) Parabéns, você foi o(a) escolhido(a), mostre sua generosidade entregando este presente a(o) mais alegre do grupo;
- 2) Mostre que além de alegre, você também é gentil entregando este presente ao(à) mais simpático(a) do grupo;
- 3) Além de simpático(a) você também é observador(a), portanto, entregue este presente ao(à) colega mais charmoso(a) do grupo;
- 4) Com todo este charme você não está indiferente da(do) mais falante do grupo. Entregue o presente a ele(a);
- 5) Você tem o dom da palavra, faça um elogio e entregue este presente ao(à) mais inteligente do grupo;
- 6) Parabéns, você foi eleito(a) o(a) mais inteligente, mostre sua sabedoria entregando este presente ao(à) mais tímido(a) do grupo;
- 7) Timidez também é charme, desiniba-se compartilhando com os colegas o seu presente.

Sugestão de cupons elaborados

Este cupom vale

- Um abraço de um(a) colega do grupo;
- Um sorriso de um(a) colega do grupo;
- Um beijo no rosto de um(a) colega do grupo;
- Um carinho de um(a) colega do grupo;
- Uma palavra de incentivo de um(a) colega do grupo;
- Uma palavra amiga de um(a) colega do grupo;
- Uma palavra bonita de um(a) colega do grupo;
- Um elogio de um(a) colega do grupo;
- O reconhecimento de uma qualidade sua por um(a) colega do grupo;
- Um picolé pago por um(a) colega do grupo;
- A amizade sincera de um(a) colega do grupo;
- Uma mentira contada por um(a) colega do grupo;
- Um provérbio popular falado por um(a) colega do grupo;
- Uma palavra meiga de um(a) colega do grupo;
- Um segredo de um(a) colega do grupo;
- Uma receita para ser feliz dada por um(a) colega do grupo;
- Uma palavra de coragem de um(a) colega do grupo;
- Uma piada contada por um(a) colega do grupo;
- Um “mico” a ser pago por um(a) colega do grupo;
- Um exemplo de um(a) colega do grupo;
- Um pedaço de música cantada por um(a) colega do grupo;
- Uma mensagem de paz dada por um(a) colega do grupo;
- Uma receita para emagrecer, sem sacrifício, dada por um(a) colega do grupo.

* Atividade vivenciada na “Oficina Pedagógica Educação em Saúde e o Meio Ambiente”, 2000.

14 - O BINGO

Autoras Maria Aparecida P. Sanches e Otília Simões J. Gonçalves.

Objetivos

- Estimular a descontração e a comunicação, favorecendo a apresentação dos participantes entre si;
- Resgatar a percepção e/ou conhecimento em relação às questões formuladas sobre um determinado assunto;
- Introduzir uma discussão sobre um tema para posterior sistematização;
- Avaliar o conteúdo assimilado.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, conselheiros de saúde, grupos comunitários e população em geral.

Número de Participantes

- A ser definido pelo monitor da atividade.

Tempo Previsto

- De 30 a 40 minutos aproximadamente.

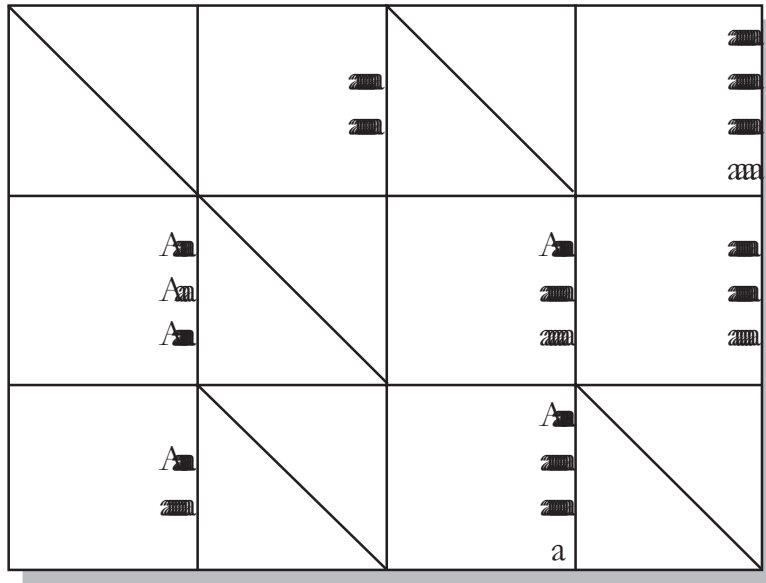
Espaço Físico

- Uma sala que permita a movimentação dos participantes.

Materiais Necessários

- Cartelas de papel sulfite semelhantes às cartelas de BINGO, com questões colocadas nos quadros abertos.

Modelo



- Prêmios para os vencedores de ambos os sexos. Exemplos: CDs, caixas de bombons, jogos de caneta e lapiseira etc.

Instruções

- Elaborar as “cartelas em forma de Bingo” com o tema escolhido e reservá-las;
- Solicitar aos participantes que fiquem em pé;
- Distribuir a todos uma cartela contendo questões sobre determinado assunto da área de saúde como, por exemplo: Tuberculose, Tabagismo, Meio Ambiente, Dose Certa e questões sobre assuntos do dia-a-dia como política, futebol, apagão etc.;
- Solicitar aos participantes que façam apenas uma pergunta a cada colega e que, após uma resposta afirmativa, coloquem o nome do colega que respondeu no quadro correspondente à questão formulada;
- Caso a pessoa não saiba a resposta, procurar outro colega e formular a mesma questão;
- Na seqüência, fazer a pergunta seguinte a outro colega e proceder da mesma forma até a última questão;
- Informar aos participantes que o primeiro que preencher a cartela deverá gritar BINGO e que receberá um prêmio. Nesse momento, o jogo estará encerrado.

Pontos para Reflexão

- Chamar à frente o colega ou os colegas que bingaram (se houver mais de um);
- Solicitar ao colega vencedor que faça as perguntas aos colegas cujos nomes estão assinalados na cartela para que respondam o que sabem sobre a questão formulada;
- Propiciar um pequeno debate e/ou maiores esclarecimentos quando houver divergência sobre o assunto questionado;
- Entregar o prêmio ao(s) vencedor(es) após a plenária das questões.

Cuidados e Dicas

- Quando o objetivo da atividade for para avaliar conteúdo assimilado, as cartelas deverão ser elaboradas antecipadamente com questões relacionadas ao assunto que será discutido ou que já foi discutido;
- Neste caso, orientar sobre a tarefa que será desenvolvida pelos participantes;
- O monitor observará a atuação dos colegas durante o jogo e anotará se as perguntas estão sendo feitas a um só participante;
- Reiterar, se necessário, que os participantes devem fazer só uma pergunta a cada colega;
- Se as questões forem enunciadas com as palavras CONCORDA ou DISCORDA, todos os nomes das pessoas questionadas serão anotadas independente da resposta dada;
- O desenvolvimento do processo da atividade seguirá os mesmos passos já descritos.

Exemplos de Bingo

1 - Encontre uma pessoa que responda:

- Como os alunos de Medicina podem ser sensibilizados para a problemática biológica e social da Hanseníase;
- O que é diagnóstico educativo;
- Como integrar a área de Hanseníase ao atendimento geral das Unidades de Saúde, envolvendo funcionários, usuários e os próprios doentes;
- Como trabalhar com o doente e comunicantes, a interpretação do diagnóstico e a importância do B.C.G;
- Como a Educação em Saúde pode contribuir para o diagnóstico precoce em Hanseníase;
- Se já ganhou nota alta em videokê;

- Se já passou por um grande vexame;
- Se já sonhou em ser artista famoso;
- O que fazer para prevenir problemas sociais na vida do doente, conseqüentes ao diagnóstico da Hanseníase;
- Qual o modelo pedagógico ideal para nortear as ações educativas no controle de Hanseníase;
- Quem é responsável por trabalhar em parceria com o doente e as intercorrências sociais durante o tratamento ou após alta por cura;
- Como planejar as ações educativas para um município;
- Como trabalhar o estigma da Hanseníase dentro e fora da Unidade de Saúde;
- Se, em campanha, é possível fazer ações educativas em Hanseníase.

2 - Pergunte a cada colega se sabe responder uma das questões abaixo, marque o nome de quem responder sim. Cada nome só pode aparecer uma vez.

1. Qual é a relação que você identifica entre Participação, Comunicação e Educação?
2. O que representa, em Educação, a palavra Técnica?
3. Qual tipo de participação queremos?
4. Namorar, ficar ou enrolar?
5. Como você explica a construção do conhecimento?
6. Qual das técnicas vivenciadas você mais gostou?
7. Existe relação entre a opção pedagógica do Educador e a escolha das técnicas para desenvolver o trabalho educativo?
8. Como você explica a diferença entre Programa e Campanha?
9. São Paulo, Corinthians ou Palmeiras?
10. A vivência deste curso, mudou alguma coisa em você?
11. Como você explica a relação entre as opções pedagógicas e a participação?
12. Qual a sua melhor nota no videokê, com que música?
13. Você lembra de alguma coisa que diferencia a memória da criança e a do adulto?
14. Como o adulto se motiva para aprendizagem?
15. Você já passou um grande vexame?
16. Qual a relação entre saúde, doença, prevenção e vigilância?
17. O que você aprendeu com a técnica “Oqueseráqueé”?
18. Qual a relação entre Educação em Saúde e Promoção da Saúde?
19. F.H.C ou Itamar Franco?

3 - Encontre alguém que concorde ou não com as seguintes frases. Anote 3 - 3 - Encontre alguém que concorde ou não com as seguintes frases. Anote na folha sim ou não.

1. Todas as questões ligadas ao meio ambiente devem ter legislação específica.
2. Na Constituição Brasileira existe um artigo que fala sobre meio ambiente.
3. A PPI/ECD não contempla ações educativas para o meio ambiente.
4. A Seleção Brasileira quase ficou fora das eliminatórias da Copa do Mundo de 2000.
5. No diagnóstico situacional os fatores de risco não devem ser considerados.
6. Todos somos responsáveis pelo nosso planeta.
7. Os Conselhos de Saúde devem conhecer os problemas ambientais em sua região.
8. O Corinthians é o maior e melhor time do mundo.
9. A coleta seletiva de lixo deve ser implantada em todos os municípios.

4 - Encontre alguém que concorde ou não com as seguintes afirmativas. Anote na folha sim ou não.

1. Fumar não causa nenhum dano ambiental.
2. A fumaça do cigarro contém menos de 100 substâncias tóxicas.
3. O cigarro é o causador de várias doenças.
4. Fumar não causa nenhum dano à saúde.
5. O consumo de cigarro é a maior causa isolada de adoecimento no mundo.
6. Cigarro com filtro não faz mal à saúde.
7. A propaganda leva as pessoas ao vício de fumar.
8. Pais que fumam na frente das crianças são co-responsáveis pelo vício dos filhos.
9. O cowboy do Marlboro, que morreu de câncer no pulmão, fumava bastante.
10. Não existe fumante passivo.
11. Fumar na gravidez não prejudica o bebê.
12. Cigarro também é droga.

15 - QUAL É O MEU NOME?

Autora Marli Novaes.

Objetivos

- Identificar a percepção e as diferentes interpretações de uma realidade concreta;
- Refletir sobre o caráter subjetivo da interpretação da linguagem escrita;
- Ressaltar a importância da construção coletiva do conhecimento.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, grupos comunitários e população em geral.

Número de Participantes

- 40 pessoas em média.

Tempo previsto

- 20 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala que comporte o número de participantes e a formação de grupos.

Materiais Necessários

- Texto para leitura;
- Papel kraft ou sulfite.

Instruções

- Dividir os participantes em grupos;
- Entregar o texto para leitura e discussão;
- Solicitar de cada grupo um título para o texto;
- Afixar na parede os títulos sugeridos pelos grupos.

Pontos para Reflexão

- Percepção de cada um;
- Construção do conhecimento;
- Motivos dos títulos sugeridos.

Cuidados e Dicas

- Reservar, em tamanho grande, o nome oficial do texto em estudo, que é: “PROCEDIMENTOS PARA A LAVAGEM DE ROUPAS”, para afixar, após o conhecimento dos títulos sugeridos.

Texto

Qual é o meu nome?

“O procedimento, na realidade, é muito simples: em primeiro lugar, se distribuem as peças em diversos grupos. Certamente, em função do trabalho a ser realizado, pode ser suficiente um só grupo; se a falta de instalações adequadas obrigá-lo a deslocar-se, este será um fator a ser levado em conta. Caso contrário, a tarefa fica simplificada. É importante não se sobrecarregar, isto é, é preferível fazer poucas coisas em algumas vezes do que fazer muitas coisas de uma única vez.

A curto prazo, isto pode parecer algo sem importância, mas é fácil surgirem complicações. Qualquer erro pode custar muito caro. Em princípio, o procedimento pode ser trabalhoso. Contudo, logo será, simplesmente, uma faceta a mais na sua vida cotidiana.

É difícil prever, no futuro imediato, a suspensão definitiva da necessidade deste trabalho, ainda que nunca se possa garantir algo assim. Uma vez completado o processo, novamente se deve ordenar o material em diversos grupos, devendo colocar cada peça no lugar adequado. Afinal, serão utilizadas novamente e deverá ser repetido todo o ciclo, mas isso faz parte consubstancial de nossa vida.”

16 - A ÁRVORE

Autora Rute Pereira Mendonça Coutinho.

Elaboração Equipe do Núcleo de Educação em Saúde/CVE,1995.

Objetivos

- Propiciar a integração e a apresentação dos participantes de um grupo;
- Levantar expectativas e opiniões sobre uma determinada atividade;
- Avaliar uma atividade vivenciada no decorrer da mesma ou no final dela.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, conselheiros de saúde, grupos comunitários e população em geral.

Número de Participantes

- Mínimo de 10 pessoas e máximo indeterminado.

Tempo Previsto

- Acompanhamento de todo o processo: aproximadamente 60 minutos, divididos em quatro momentos intercalados com outras atividades:

1º momento - 30 minutos

2º momento - 10 minutos

3º momento - 10 minutos

4º momento - 10 minutos

Espaço Físico

- Sala que permita a movimentação dos participantes, bem como, a formação de pequenos grupos e as atividades em plenária.

Materiais Necessários

- Papéis diversos e de cores variadas para a confecção de: árvore(s), terra, grama, sementes, gotas, folhas, flores, adubo(s), jardineiro(s), regador(es), nuvem(ns), sol, frutas, borboletas, beija-flores, passarinhos, abelhas e outros elementos a critério dos monitores;
- Fita dupla face;
- Árvore(s) delineada(s) em papel sulfiteado;
- Fita crepe de três e cinco centímetros;
- Cola, tesoura, caneta tipo Pilot-color e outros materiais necessários para a confecção dos elementos.

Instruções

• 1º momento

- Colocar em uma das paredes da sala, ou em flip-chart, a árvore delineada e, sobre a base desta, a grama e a terra;
- Chamar a atenção do grupo para o cenário montado;
- Indagar aos participantes o que representa para eles o que está afixado na parede;
- Após alguns comentários, perguntar aos participantes qual a analogia do cenário com o tema/atividade que está sendo desenvolvido. Por exemplo: Programa Dose Certa, Programa de Combate à Raiva, Programa de Controle da Tuberculose, da Hanseníase etc;
- Continuar resgatando com o grupo, quando começou o programa cujo tema está sendo trabalhado e lembrar das pessoas que trabalharam inicialmente no mesmo, referindo-se às sementes anteriores que já foram plantadas e da qual germinaram as primeiras ações. Nesse momento, colocar duas ou três sementes grandes na terra do cenário.
- Indagar aos participantes o que é preciso para que a árvore floresça. A partir das respostas, colocar no cenário nuvens azuis, sol, adubo, jardineiro e regador, analisando o significado desses elementos em relação às ações que estão sendo discutidas;
- Na seqüência, distribuir gotas pequenas de chuva para que eles escrevam seus nomes e as coloquem na árvore, indagando sobre o significado da mesma;
- Distribuir, em seguida, sementes para que os participantes escrevam o que cada um trouxe de bom, ou quais são suas expectativas em relação ao evento, e que as coloquem na terra;
- Nesse momento dá-se uma pausa na primeira reflexão da atividade e introduz-se, a seguir, a temática a ser discutida (conteúdo, dados epidemiológicos e outros) por técnicos da área, de acordo com a atividade proposta.

- **2º momento**
 - No mesmo dia ou em dia posterior, dar continuidade à técnica e refletir com o grupo como se sentem, o quanto caminharam em relação à atividade que está sendo vivenciada, se as sementes por eles colocadas na terra já germinaram, se já nasceu alguma folha. Conforme a resposta do grupo, solicitar aos participantes que coloquem as folhas na árvore.
- **3º momento**
 - Na seqüência das atividades, em outro momento, solicitar ao grupo que coloque as flores na árvore, conforme o andamento dos trabalhos e desenvolvimento de cada um.
- **4º momento**
 - Ao final dos trabalhos (oficinas, cursos, eventos), os participantes deverão escrever nos frutos sua avaliação referente a todo o processo vivenciado e o que cada um está levando de bom para o seu local de trabalho;
 - Em seguida, colocar os frutos na árvore.

Pontos para a reflexão

- Já inseridos nos diferentes momentos.

Cuidados e Dicas

- O material necessário para o desenvolvimento da técnica deverá ser preparado com antecedência e ser de acordo com o número de participantes (uma árvore para cada grupo, bem como os demais elementos);
- O material necessário para confecção dos elementos fica a critério de cada um;
- Quando se tratar de grupos grandes, os participantes deverão ser divididos em grupos de 10 pessoas, no máximo, para cada monitor e para cada árvore. Após o primeiro momento, as árvores (quando se tratar de mais de uma) deverão ser colocadas em um mesmo ambiente, umas ao lado das outras para formar um bosque;
- Na falta de monitores (um para cada árvore), o desenvolvimento de técnica poderá ter comando único;
- O desenvolvimento da técnica poderá ser vivenciado em um ou mais dias;
- Entre o primeiro e o segundo momento, a atividade poderá ser trabalhada com diferentes temas, bem como, com estudo de casos, como “O Programa de Assistência Farmacêutica, Dose Certa”, “Programa do Controle da Raiva”, “Doenças Crônicas Não-Transmissíveis” e outros;
- Para detalhamento e utilização de “Estudo de Casos”, vide técnica própria contida neste Manual;
- Para exemplos de casos já estudados, vide parte II deste Manual.

17 - NÓ HUMANO

Autora Adriana Maria Sturion.

Objetivos

- Discutir sobre o significado do trabalho em grupo;
- Sensibilizar os componentes do grupo sobre a importância da participação de cada um;
- Sensibilizar os participantes para a procura de estratégias, para enfrentar os desafios e problemas;
- Contribuir para aumentar os esquemas de relacionamento interpessoal no grupo;
- Despertar a percepção de cada componente do grupo da ação e do trabalho dos demais;

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, grupos comunitários e população em geral.

Número de Participantes

- Qualquer número a partir de 10 participantes.

Tempo Previsto

- 20 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala grande, galpão ou ao ar livre.

Materiais Necessários

- Nenhum.

Instruções

- Solicitar que o grupo forme um círculo dando-se as mãos;
- Ao sinal do monitor, todos devem soltar as mãos e dirigir-se ao meio do círculo com as mãos para cima;
- Rapidamente, cada um dos participantes deve pegar outras mãos (de preferência ao lado dele);
- Concluído o tempo (aproximadamente 45 segundos), sem soltar as mãos, o grupo deve abrir novamente o círculo, verificar a formação dos “nós humanos” e encontrar alternativas para que o círculo volte ao normal sem soltarem as mãos.

Pontos para Reflexão

- Discutir sobre a força da cooperação grupal;
- Refletir sobre a participação de todos no grupo;
- Levantar a importância da contribuição e das idéias de cada um para a resolução de problemas;
- Fortalecer as relações interpessoais;
- Atingir um objetivo comum.

Cuidados e Dicas

- Caso a dissolução dos “nós” demore muito e percebendo que o grupo está cansado, interromper a atividade e discutir qual(is) foi(ram) a(s) dificuldade(s) para não alcançar o objetivo proposto.

Observação - Solução

- Todos os participantes, na maioria das vezes, têm que passar por baixo ou por cima dos braços dos colegas, até que se desfaçam os “nós”. Às vezes, o grupo encontra outras soluções.

18 - MÁGICA DO FLORESCIMENTO

Autora Eunice da Silva.

Objetivos

- Propiciar momentos de sensibilização;
- Levantar expectativas;
- Promover encerramento de cursos, oficinas ou outros eventos.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, grupos comunitários e população em geral.

Número de Participantes

- Qualquer número a partir de 10 participantes.

Tempo previsto

- 15 a 20 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala que permita a movimentação das pessoas.

Materiais Necessários

- Um dispositivo em forma de funil com 50cm de diâmetro no seu bocal. A parte longa do funil deve ter 50cm de altura e 7,50cm de diâmetro;
- Três anéis de isopor com 7cm de diâmetro por 2,5cm de altura;
- Um galho de planta com mais ou menos 50cm de altura que caiba dentro do funil;
- Uma jarra de água;
- Um vaso com 50cm de diâmetro de boca por 50cm de altura;

- Sementes de girassol, acondicionadas em saquinhos plásticos, que devem ser amarrados com fitinhas coloridas e poderão ter cartõezinhos com uma bela frase em cada cartão;
- Uma cesta de vime enfeitada com flores ou uma “bexiga” de látex bem grande para acondicionar os saquinhos de sementes;
- Música: “Começar de Novo” - música 1;
“Pra não dizer que não falei das flores” - música 2;
- Aparelho de som.

Instruções

- Antes de iniciar a técnica, colocar o galho de planta dentro dos anéis e introduzir os anéis com o galho, no funil e este, dentro do vaso e reservar;
- Formar com os presentes um grande círculo na sala e colocar a música 1;
- Se usar cesta, distribuir os saquinhos com sementes, um para cada participante. Se usar o balão, pedir que estourem a bexiga e que cada um apanhe um saquinho;
- O apresentador deve pegar um saquinho também;
- Parar a música;
- Desenvolver uma fala relacionando a semente com o conhecimento que, se plantado em terra cuidada e fértil, florescerá;
- Dizer que as suas sementes você irá plantar neste vaso e que eles levem as suas como lembrança;
- Para que esta semente cresça, floresça e dê frutos, é necessário que os cuidados continuem (adubo, retirada de bichinhos e ervas daninhas e principalmente que seja regada sempre nas épocas recomendadas);
- Pegar a jarra e começar vagarosamente a colocar a água. Quando a planta sair fora do vaso, colocar a música 2. Deixar tocar até que se repitam duas ou mais vezes o refrão;
- Distribuir antes aos participantes a letra da música 2, para que todos cantem juntos.

Pontos para Reflexão

- Plantar e fazer florescer a semente do conhecimento.

Cuidados e Dicas

- Medir a quantidade de água para que não seja colocada a mais ou a menos. A mais, a planta tomba, a menos, não sai completamente do recipiente.

19 - O JARDIM

Autores Equipe do Núcleo de Educação em Saúde/CVE, 1997.

Objetivos

- Propiciar a apresentação, a descontração e a integração dos participantes;
- Levantar expectativas e opiniões sobre uma determinada atividade;
- Avaliar uma atividade vivenciada no decorrer da mesma e/ou no final dela;
- Refletir sobre a importância do trabalho em equipe.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, grupos comunitários e população em geral.

Número de Participantes

- 60 pessoas aproximadamente.

Tempo Previsto

- O acompanhamento de todo o processo é de 60 minutos, em média, divididos em três momentos:

1º e 2º momentos - 45 minutos;
3º momento - 15 minutos.

Espaço Físico

- Sala que comporte todos os participantes, com cadeiras removíveis, para formação de grupos.

Materiais Necessários

- Papéis diversos e de várias cores para confecção de terra, grama, pétalas, miolo de flor, caules, sementes, gotas, flores, borboletas, passarinhos, abelhas, beija-flores, formigas, cobras, minhocas, sapos, abacaxis, nuvens azuis, nuvem preta com raio, jardineiros, regadores, adubos, coelho, coelha e coelhinhos;
- Folhas de papel sulfiteado;
- Fita crepe;
- Fita dupla face;
- Canetas hidrográficas de várias cores;
- Tesoura;
- Grampeador.

Instruções

- **1º momento - Em plenária**
 - Colocar em um painel ou parede três folhas de papel sulfiteado no sentido vertical e sobre elas, na base, colocar a grama e a terra já confeccionadas;
 - Chamar a atenção do grupo para o cenário montado e indagar: “O que vemos afixado? Terra?”
 - Terra simboliza chão, firmeza, onde nós nos sustentamos, mantemos nossa estrutura. Terra lembra raízes. Na nossa família, quais são nossas raízes? E no trabalho, onde temos nossas raízes, profissionalmente? (Aqui, no chão, a terra poderá significar o SUS? O Programa de Controle da Hanseníase? O Programa de Saúde da Mulher? Enfim, o tema que será trabalhado no evento);
 - Resgatar com o grupo a implantação do Programa que será trabalhado e lembrar das pessoas que inicialmente plantaram sementes. Neste momento, colocar 3 ou 4 sementes grandes na terra, representando as primeiras ações;
 - Dizer que as mesmas germinaram e surgiu a grama aqui representada;
 - Indagar se o cenário não está pobre, pálido? Será que podemos lhe dar mais vida?

- **2º momento - Discussão em Grupos**

- Distribuir pétalas de diferentes cores e solicitar a formação de grupos com pétalas da mesma cor; ter, se possível, o acompanhamento de um monitor munido de fita crepe, canetas hidrográficas e o miolo da flor;
- Os componentes de cada grupo e o monitor devem se apresentar e escrever seu nome, categoria profissional e local de trabalho nas pétalas;
- Discutir e, após consenso, escrever as expectativas do grupo no miolo da flor e eleger um relator cuja função será a leitura das expectativas do grupo, na plenária;
- Em seguida, chamar os grupos, um a um, até o jardim. Seus componentes devem se apresentar e o relator, deve ler as expectativas e colocar sua flor acima da terra, em local por eles escolhido.

Pontos para reflexão do 1º e 2º momentos

- Conseguimos construir o jardim?
- Quem conseguiu? Nós. As flores estão simbolizando cada um de nós, cada um com sua especificidade, contribuindo através de suas ações sociais, educativas, médicas, de enfermagem, odontológicas etc.;
- Mas, não dá a impressão que estamos flutuando, que não temos raízes e que estamos soltos no espaço? O que falta? Caules. Neste momento, ligar as flores à terra, através de caules, que simbolizam o vínculo, o compromisso com o Programa que está sendo trabalhado, com o local de trabalho, dos membros do grupo e com o SUS;
- Para que o programa e o SUS viabilizem-se, existem outras pessoas, colegas que, por diferentes motivos, não estão presentes, mas pode-se representá-los por outras flores (permeia-se entre as primeiras flores, outras, enriquecendo-se ainda mais o jardim);
- Para manter a vida deste jardim, alguns componentes são essenciais, fundamentais. Quais são? Sol? (coloca-se o sol e as nuvens azuis). O sol fornece energia, vida, calor. Na vida profissional, o sol representa a garra, a predisposição, a energização que é oferecida em momentos como este, de reunião, de enriquecimento. O que mais falta além do sol? Chuva? (coloca-se as gotas). A chuva fornece nutrientes importantes para a vida do jardim. São os momentos agradáveis oferecidos por colegas, usuários, no cotidiano da unidade;
- Existem também alguns seres vivos no jardim. Quais são? Borboletas (coloca-se borboletas grandes, representando usuários adultos, médias - usuários adolescentes - e pequenas - as crianças);

- Quais as características mais importantes da borboleta? Metamorfose e polinização, que significam mudança e multiplicação;
- Abelhas? (coloca-se abelhinhas que também simbolizam multiplicação);
- O que se pode colocar no jardim para que ele fique mais real e alegre? Passarinhos, beija-flores? (coloca-se passarinhos e beija-flores no jardim);
- Existem outros elementos que não fazem parte do jardim, mas que poderão aparecer, como na vida profissional: abacaxi, sapos, cobras (entraves), minhocas (neste momento, coloca-se esses elementos no jardim). O jardim está bonito? Sim? Mas será que vai ser sempre assim colorido o jardim, o trabalho? De repente, o que pode acontecer? Vir uma tempestade (neste momento, coloca-se a nuvem preta com raio) e acabar com o jardim, levando todos os seus nutrientes. No dia-a-dia também sofremos, às vezes, interrupções dos trabalhos em andamento, por questões políticas e/ou administrativas;
- O que fazer com o jardim, com o trabalho? Revolver a terra (coloca-se o jardineiro), adubá-la e semeá-la novamente, sempre que necessário (neste momento coloca-se adubo, novas sementes e gotas ou regador). Sempre buscar soluções. Após, exortar a todos, ir em frente com a atividade seguinte.
- **3º momento**
 - Ao final das atividades, coloca-se no jardim as figuras de um casal de coelhos simbolizando também, a multiplicação;
 - Distribuir figuras de coelhinhos;
 - Solicitar aos participantes que anotem a avaliação da atividade, nos coelhos e que os coloquem no jardim.

Cuidados e Dicas

- Todo material utilizado deverá ser confeccionado anteriormente e de acordo com o número previsto de participantes;
- Para sua confecção, não existe um modelo específico, vale a criatividade do grupo responsável;
- Entre o segundo e o terceiro momento, introduzir diferentes temáticas de acordo com o objetivo do evento, oficina, curso etc.;
- O terceiro momento, de avaliação final, é opcional, podendo ser adaptado, mudado ou retirado, de acordo com o programado;
- Para maior envolvimento dos participantes no decorrer do desenvolvimento da técnica, passar do impessoal (“O Jardim”) para o pessoal (“Nosso Jardim”).

20 - PASSANDO A FITA

Autor Domínio Público.

Adaptação Vânia Del'Arco Paschoal.

Objetivos

- Contribuir para a integração grupal no início de uma atividade;
- Incentivar a criatividade;
- Discutir o trabalho em equipe.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins e grupos comunitários.

Número de Participantes

- De 10 a 20 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 15 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala que permita a colocação de cadeiras em círculo de acordo com o número de participantes previsto.

21 - O EQUILÍBRIO

Autor Domínio Público.

Adaptação Vânia Del'Arco Paschoal.

Objetivos

- Introduzir ou finalizar reuniões demonstrando que a união e o equilíbrio de um grupo, dependem de cada pessoa que o compõe.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins e grupos comunitários.

Número de Participantes

- De 15 a 30 participantes em média.

Tempo Previsto

- 15 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Ambiente que permita a movimentação dos participantes.

Materiais Necessários

- Aparelho de som ou CD ou fita cassete com músicas escolhidas pelos responsáveis.

Instruções

- Separar os grupos em número de até 6 pessoas;
- Pedir para que eles fiquem em pé e se dêem as mãos;
- Colocar as músicas escolhidas e solicitar que todos dançam à vontade;
- Pedir em seguida, após o grupo “quebrar o gelo”, que eles, segurando firmemente as mãos, joguem as cabeças para trás, “caiam” para trás sem deixar que um derrube o outro; o círculo deve ser mantido. Desta forma, todos terão a cabeça, pescoço e tronco caídos para trás e apoiados uns aos outros;
- Em determinado momento, pedir que um elemento do grupo caia para frente. Com isto haverá um desequilíbrio no grupo e todos deverão sair da posição para se reequilibrarem novamente. Às vezes uns caem, outros tentam manter o grupo... possivelmente o grupo se desfaz...;
- Aguardar o resultado final;
- Iniciar a análise sobre o que aconteceu.

Pontos para Reflexão

- Sentimentos;
- Equilíbrio e desequilíbrio do grupo;
- Significado da interação grupal, para o alcance dos objetivos do grupo.

Cuidados e Dicas

- Verificar as condições ambientais para evitar acidentes;
- Respeitar o fato de algum participante, por motivos pessoais, não desejar participar da atividade.

22 A PERCEPÇÃO DAS CORES

Autora Vânia Del'Arco Paschoal.

Objetivos

- Identificar a percepção e as mudanças ocorridas frente a um agravo à saúde e suas conseqüências, no dia-a-dia de cada pessoa;
- Avaliar as necessidades e definir formas de atenção individualizada.

População-Alvo

- Usuários do Sistema Único de Saúde.

Número de Participantes

- Individual ou em pequenos grupos, a critério dos responsáveis.

Tempo Previsto

- 10 minutos em média.

Espaço Físico

- Sala com mesa e cadeiras suficientes para acomodar os participantes.

Materiais Necessários

- Cartela individual contendo as informações como, por exemplo: para o portador de Hanseníase em crise reacional:
 1. Azul: nada mudou na sua vida, com o advento da Hanseníase e do estado reacional.
 2. Verde: sua vida modificou, mas está sabendo conviver com a situação.
 3. Amarelo: sua vida modificou e está sabendo lidar, apenas em parte, com as dificuldades, necessidades e sentimentos afetados pela doença.
 4. Vermelho: sua vida modificou e não está sabendo como lidar com as dificuldades, necessidades e sentimentos afetados.

- Papel sulfite individual com os seguintes itens escritos do lado esquerdo, sendo um elemento por linha: alimentação, atividades manuais, atividades de lazer, atividades de deambular, mudanças no corpo físico, no sono, na estética ou beleza pessoal, na convivência com a dor, na expectativa do futuro ou o sonho do futuro;
- Folhas de adesivos em forma de bolinhas, nas cores: azul, verde, amarela e vermelha;
- Lápis ou caneta;
- Papel sulfite.

Instruções

- Acomodar os participantes e entregar a cada um a cartela individual com o significado das cores, os adesivos nas cores indicadas e o papel sulfite com os itens escritos;
- Explicar o significado das cores e dos itens e orientar como cada um deve escolher a cor (bolinhas), relacionando-a com as mudanças ocorridas após o surgimento das “reações”;
- Solicitar que destaquem a cor escolhida, colando-a na frente de cada um dos itens, segundo a forma como percebeu ter sido afetado pela doença;
- Perguntar aos participantes: “O que modificou na sua vida, em relação a...” (por exemplo, alimentação);
- Aguardar a escolha e colagem do adesivo no item em discussão;
- Estimular o(s) participante(s) a definir melhor suas expectativas, individualmente, em cada situação apresentada;
- Registrar as falas, inquietações e respostas do(s) participante(s) em relação a cada item;
- Repetir as questões para todos os itens do roteiro;
- Recolher o(s) roteiro(s) com os adesivos na cor escolhida e reservá-los para análise posterior.

Pontos para Reflexão

- Diálogos ocorridos durante a execução da atividade;
- Recomendações ou orientações, após a análise dos resultados.

Cuidados e Dicas

- A técnica pode ser utilizada para qualquer agravo à saúde, que envolva mudanças no agir e sentir da clientela, facilitando a intervenção de diferentes profissionais da equipe técnica;
- Dependendo da problemática pessoal, sugere-se a aplicação individual, embora a análise possa se referir a vários participantes.

23 - A HISTÓRIA CONTINUA

Autor Domínio Público.

Adaptação Sirlei Bruno Toneto e Maria Aparecida Martins Moreira

Objetivos

- Propiciar a descontração e a integração grupal;
- Estimular a criatividade e a capacidade de improvisação;
- Introduzir a discussão sobre os conceitos de planejamento e do processo da comunicação.

População-Alvo

- Profissionais de saúde e educação, grupos comunitários e usuários.

Número de Participantes

- De 30 a 40 pessoas em média.

Tempo Previsto

- De 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla, que permita a colocação de cadeiras em círculo, de acordo com o número de participantes.

Materiais Necessários

- Texto com a história inicial;
- Cartelas com as palavras-chave previstas.

Instruções

- Colocar as cadeiras em círculo fechado, de acordo com o número de participantes; não deverá sobrar nenhuma cadeira;
- O facilitador deverá ficar no centro da roda, com as cartelas na mão;
- Explicar que existem cinco cartelas com palavras e que serão utilizadas por quem o substituir no centro da roda;
- Dizer ao grupo que irá contar uma história, colocando no centro da roda a primeira cartela que contém a palavra-chave que norteará a sua parte da história;
- Explicar que existem mais quatro cartelas com outras palavras e que serão utilizadas por quem o substituir no centro da roda;
- Iniciada a história, quando a palavra escrita na cartela que estiver no chão for mencionada, todos devem mudar de lugar;
- O participante que ficar em pé vai para o centro da roda e receberá as cartelas para continuidade da história; mostra a segunda cartela, põe no chão e o participante continua a história. Quando a palavra-chave for mencionada novamente, todos trocam de lugar e assim sucessivamente até a última cartela, terminando a vivência.

Pontos para Reflexão

- Medo da exposição e de continuar a história;
- Respeito ao espaço do outro;
- Exercício de criatividade, concentração;
- Planejamento de uma ação;
- Procura de seu espaço.

Cuidados e Dicas

- Observar o ambiente e retirar equipamentos e objetos que possam ser danificados;
- Verificar se as cadeiras são resistentes, para a proteção dos participantes (para o caso de dois sentarem em uma mesma cadeira);
- Não forçar a participação em caso de possíveis impedimentos (gestantes, pessoas com dificuldades de locomoção etc.).

Texto de Apoio - Sugestão

Um pai de família lá do Nordeste (ou outro local escolhido) não suportando mais o sofrimento da família, causado pela grande seca (ou outra causa), resolveu subir num pau-de-arara (ou outro transporte) e tentar a sorte em São Paulo (ou outra cidade). Assim, ele se preocupou... e a VIAGEM terminou.

1ª Cartela: VIAGEM

2ª Cartela: ESPERANÇA

3ª Cartela: SOL

4ª Cartela: MUCURICI (ou outra cidade)

5ª Cartela: ESTRELA

Nota: Cada vez que a palavra-chave é citada, deverá ocorrer a troca de lugares.

24 - COMO EU EXPLICO?

Autora Vânia Del'Arco Paschoal.

Objetivos

- Identificar os conceitos-chave referentes ao processo de comunicação;
- Discutir diferentes formas de comunicação, identificando facilidades e dificuldades;
- Refletir sobre as diferentes formas de comunicação no dia-a-dia de cada um.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins e grupos comunitários.

Número de Participantes

- Até 40 participantes.

Tempo Previsto

- 60 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla que permita a movimentação dos participantes.

Materiais Necessários

- Tiras de papel com frases/tarefas:
 - Explicar a uma pessoa surda-muda que existe um perigo à frente;
 - Vender panela a um cego;
 - Você perdeu o seu gatinho, você é surdo-mudo; pedir ajuda;
 - Explicar como é o fogo para uma pessoa que não sente dor e tem dificuldade para enxergar;
 - Você é surdo, dar seu endereço para um cego.
- Sucata

Instruções

- Separar os participantes em grupos aleatórios de acordo com o número de tarefas previstas (quatro? cinco? etc.);
- Dar uma frase/tarefa para cada grupo;
- Pedir para passar a mensagem contida nas frases, dramatizando ou de outra forma, de acordo com a criatividade do grupo;
- Cada grupo deve executar a sua tarefa no tempo estabelecido;
- Após todas as apresentações, sistematizar os conceitos discutidos.

Pontos para Reflexão

- Dificuldades e facilidades que enfrentaram para realizar a tarefa;
- Como trabalhar com limitações;
- As diferentes formas de percepção e interpretação de mensagens;
- O papel do processo de comunicação nas intervenções educativas.

Cuidados e Dicas

- Solicitar voluntários para a vivência dos personagens, ou deixar os subgrupos decidirem sobre quem fará o quê;
 - Colocar sucata à disposição dos grupos.

25 - A PRAÇA

Autora Zenaide Lazara Lessa.

Elaboração Equipe do Núcleo de Educação em Saúde/CVE,1999.

Objetivos

- Propiciar a integração e a apresentação dos participantes de um grupo;
- Levantar expectativas e opiniões sobre determinada atividade;
- Avaliar uma atividade no decorrer e ao final da mesma;
- Refletir sobre a importância do trabalho em equipe e as ações educativas.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins e grupos comunitários.

Número de Participantes

- De 20 a 60 participantes em média.

Tempo Previsto

- O acompanhamento de todo o processo é de 60 minutos, aproximadamente, divididos em quatro momentos intercalados com outras atividades:
 - 1º e 2º momentos - 40 minutos;
 - 3º e 4º momentos - 20 minutos.

Espaço Físico

- Sala que permita a movimentação dos participantes, a formação de pequenos grupos e as atividades em plenária.

Materiais Necessários

- Papéis diversos e de cores variadas para a confecção de figuras de: terra, grama, semente, árvores pequenas, árvore com flores, árvore com flores e frutos, árvore com frutos e sementes, sol, nuvem azul, gotas azuis, bancos tipo de praça, jardineiro, adubo, regador, minhocas, borboletas, beija-flores, pássaros em geral e outros elementos de interesse para o tema em discussão; figuras representando: prefeitura municipal, secretaria municipal de saúde, de promoção social, hospital, pronto-socorro, ONGs, UBS, farmácia, escola e outros recursos comunitários de interesse para o tema em discussão;
- Figuras representando: casas, igrejas, famílias, crianças, população, agente comunitário de saúde e outras necessárias para a discussão proposta;
- Fonte de água representando as ações educativas de um programa ou projeto em discussão;
- Bonecos representando os profissionais de saúde ou outro grupo participante da atividade;
- Figuras significando obstáculos às atividades analisadas, tais como: dinheiro, tempo, pacotes, formigas, cobras, sapos, abacaxis e outros a critério dos responsáveis;
- Folhas de papel sulfiteado;
- Fita crepe;
- Canetas hidrográficas de várias cores;
- Cola;
- Tesoura;
- Outros materiais necessários à confecção dos elementos.

Instruções

1º momento - Plenária

- Colocar em um painel ou parede, cinco folhas de papel sulfiteado no sentido vertical e sobre elas, na base, colocar a grama e a terra já confeccionadas;
- Colocar na terceira folha a fonte de água, representando “a educação”;
- Chamar a atenção do grupo para o cenário montado;
- Indagar o que representa para eles o que está afixado; após alguns comentários, relacionar a terra com o programa/projeto/tema em discussão;
- Resgatar com o grupo as ações já desenvolvidas em especial as educativas, se for o caso;

- Dependendo da resposta, colocar no cenário: sementes, as pequenas árvores, as árvores com flores, com flores e frutos, significando a implantação ou implementação das ações educativas;
- Chamar a atenção para a fonte, relacionando-a com as ações/atividades educativas e o significado da água para o crescimento das árvores;
- Indagar aos participantes o que é preciso, na natureza, para que as árvores cresçam; a partir das respostas, colocar no cenário: nuvens azuis, gotas de chuva, sol, adubo, regador, analisando o significado desses elementos em relação às ações que estão sendo discutidas;
- Indagar sobre o que falta no cenário relacionado à temática em discussão: equipe de saúde.

2º momento - Discussão em pequenos grupos

- Distribuir bonecos de diferentes cores e solicitar a formação de grupos com os bonecos da mesma cor. Ter, se possível, o acompanhamento de um monitor, por grupo, munido de “um banco de praça”, caneta hidrográfica e fita crepe;
- Os componentes de cada grupo devem se apresentar e escrever no seu boneco seu nome e outros dados de identificação solicitados;
- Discutir e, após consenso, escrever as expectativas do grupo no “banco” e eleger um relator cuja função será a leitura das expectativas do grupo na plenária;
- Em seguida, chamar os grupos, um a um, até o cenário. Seus componentes devem se apresentar e os relatores ler as expectativas e escolher um local no “cenário - praça” para colocar o “banco e seus ocupantes”.

Pontos para Reflexão - 1º e 2º momentos

- Conseguimos construir “A PRAÇA DO NOSSO MUNICÍPIO”?
- Para que o SUS (ou o Programa...) se viabilize, o que falta? De acordo com as respostas, colocar: unidade básica de saúde, hospital, pronto-socorro, prefeitura municipal, secretaria de saúde, farmácia, igrejas etc.;
- Quem são nossos usuários? Colocar: população, casas etc.;
- Rever o significado da fonte e colocar borboletas que significam metamorfose, mudanças; pássaros e abelhas que significam polinização, socialização dos conhecimentos científico e popular;
- O que fazer, qual o nosso papel junto à fonte? Colocar o jardineiro e resgatar as opiniões dos participantes sobre “a responsabilidade educativa de cada um”;
- Passar para a atividade programada a seguir sobre o tema em discussão.

3º Momento - opcional

- Após algumas horas ou dias de atividades, indagar sobre o que pode destruir ou minimizar a harmonia da “Praça”. Após alguns comentários, colocar no cenário figuras que representa as dificuldades de caráter estrutural, econômico, pedagógico, político e outros. Exemplos: pedra, cobra, sapo, abacaxi, pacote, dinheiro, nuvem preta com raio e outros elementos a critério do monitor.

4º Momento

- Ao final da atividade, reunião ou evento distribuir figuras de sementes aos participantes;
- Solicitar que anotem na mesma a avaliação da atividade e o que estão levando para plantar e que a coloquem na terra da Praça.

Pontos para Reflexão

- Já inseridos nos diferentes momentos.

Cuidados e Dicas

- Todo o material a ser utilizado deverá ser confeccionado anteriormente e de acordo com o número previsto de participantes;
- Para a sua elaboração, não existe um modelo específico, valendo a criatividade do grupo responsável;
- Os terceiro e quarto momentos são opcionais, podendo ser adaptados de acordo com o programado;
- Para maior envolvimento do grupo, no decorrer do desenvolvimento da técnica, passar do impessoal (a praça) para o pessoal (a nossa praça, o nosso município, a nossa equipe).

26 - A PRAÇA REVISITADA

Autoras Zenaide Lazara Lessa e Otília Simões J. Gonçalves.

Elaboração Equipe do Núcleo de Educação em Saúde/CVE, 2000.

Objetivos

- Levantar expectativas sobre uma atividade, programa ou projeto;
- Avaliar um processo pedagógico ou oficina, no decorrer e ao final dos mesmos;
- Discutir a implantação ou implementação de um programa/projeto de saúde coletiva, incluindo as ações e a discussão dos princípios/diretrizes do SUS.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, conselheiros de saúde e grupos comunitários.

Número de Participantes

- De 20 a 60 participantes em média.

Tempo Previsto

- O acompanhamento de todo o processo é de 60 minutos, aproximadamente, divididos em quatro momentos, intercalados com outras atividades, em períodos e dias diferentes:
 - 1º Momento - 30 minutos, no início do primeiro dia;
 - 2º Momento - 10 minutos;
 - 3º Momento - 10 minutos;
 - 4º Momento - 10 minutos.

Espaço Físico

- Sala ampla ou auditório que permita a movimentação dos participantes e atividades em plenária.

Materiais Necessários

- Papéis diversos e de cores variadas para a confecção de figuras de: terra, grama, sementes pequenas de diferentes cores e duas sementes grandes, sol, nuvem azul, gotas azuis, jardineiro e instrumentos de jardinagem, adubo, regador e outros elementos de acordo com o tema em discussão;
- Frases e figuras sobre o programa/projeto em discussão do tamanho de um quarto de papel sulfite;
- Figuras representando: Ministérios da Saúde, da Promoção Social, SUS, Secretaria Estadual de Saúde, Secretaria Municipal de Saúde, Prefeitura e Câmara Municipal, hospital, pronto-socorro, centros de referência/especialidades, unidades de saúde, unidades do Programa de Saúde da Família - PSF -, ONGs, conselhos Estadual e Municipal de Saúde e outros elementos de acordo com o tema em discussão.
- Figuras representando: casas, igrejas, farmácia, famílias, crianças, jovens, adultos, idosos, agente comunitário de saúde, população em geral, conselheiros de saúde, profissionais de saúde, equipe de saúde, equipe do PSF e outros elementos de acordo com o tema em discussão;
- Figura de uma árvore delineada do tamanho de um sulfite;
- Figuras significando obstáculos institucionais, as atividades analisadas, dinheiro, tempo, pacote, nuvem preta com raio, pedra e outros;
- Figuras representando problemas de comunidade: falta de segurança, lixo, inundação, mortalidade infantil, contaminação do solo e outros de acordo com o tema em discussão;
- Folhas de papel tipo sulfite;
- Fita crepe;
- Canetas hidrográficas de várias cores;
- Papel colorido;
- Cola;
- Tesoura;
- Outros materiais tais como: revistas e jornais.

Instruções

1º Momento

- Colocar em um painel ou parede cinco folhas de papel sulfite, no sentido vertical e sobre elas, na base, a grama e a terra, já confeccionadas; caso o painel ou parede seja de cor branca, dispensa-se o papel sulfite;
- Colocar no meio (3ª folha) a árvore delineada, representando a implantação ou implementação do programa/projeto em discussão;
- Chamar a atenção do grupo para o cenário montado, indagando qual o significado da imagem;
- Incentivar comentários e relacionar a terra, grama e árvore delineada com as ações do projeto/programa/tema em discussão;
- Resgatar, se for o caso, as ações já desenvolvidas, utilizando as frases/ figuras já selecionadas, afixando-as junto com a semente grande em um dos cantos da terra;
- Associar a implantação e/ou implementação do programa/projeto, com a presença dos participantes, convidando-os a fazer parte do cenário. Neste momento, distribuir as figuras de sementes pequenas coloridas solicitando que anotem nas mesmas “suas expectativas” com relação a atividade/projeto/programa e, após, propor que as coloquem no cenário;
- Chamar a atenção para a árvore delineada, o que ela representa e para o significado das sementes e do que é necessário, na natureza, para que a mesma cresça e se desenvolva;
- Colocar no cenário, a partir das respostas: o sol, a nuvem azul, as gotas azuis (chuva);
- Refletir em como podemos interferir na natureza e colocar: o jardineiro com seus instrumentos (representando os profissionais de saúde), o adubo, o regador, discutindo o seus significados;
- Questionar: “conseguimos representar a ‘praça do nosso município?’” “Para que o SUS e/ou o programa/projeto se viabilize, o que falta?” De acordo com as respostas, colocar no cenário todas as figuras representando a estrutura do SUS, desde o Ministério da Saúde até a Unidade Básica de Saúde;
- Questionar: “quem são nossos parceiros?” De acordo com as respostas, colocar outras instituições, ONGs, igrejas etc.;
- Questionar: “quem são os usuários do SUS?” Após as respostas, incluir no cenário: casa, vilas, população representando grupos comunitários e usuários de diferentes idades e sexo;
- Discutir a interação entre todos os componentes do cenário e os princípios e diretrizes do SUS relacionados ao programa/projeto/tema em discussão;
- Introduzir a próxima atividade, ligada ao objetivo do evento.

2º Momento

- Após algumas horas, períodos ou dias de atividade, chamar novamente a atenção dos participantes para a “Praça ideal construída” e indagar sobre o que pode destruir ou minimizar a harmonia da Praça/Município/SUS;
- Incentivar comentários e, de acordo com as respostas, colocar no cenário figuras que representem as dificuldades de caráter institucional, econômico, pedagógico, político e outras. Colocar as figuras já relacionadas e/ou outras identificadas pelos participantes. A praça torna-se real;
- Em relação ao evento/atividade em andamento, indagar sobre a imagem da árvore delineada: “Já tem vida?” Caso sim, incentivar o grupo a colocar as folhas da árvore/programa/projeto. Continuar com as atividades programadas.

3º Momento

- Em um momento considerado adequado, indagar sobre o desenvolvimento da árvore e colocar as flores.

4º Momento

- Ao final da atividade, reunião, oficina ou evento, distribuir aos participantes figuras de frutos;
- Solicitar que registrem nos mesmos, sua avaliação da atividade. O que estão levando como resultado, o que pretendem implantar ou implementar, em especial em relação à intervenção educativa;
- Convidar todos a colocar a sua figura de fruto no cenário construído pelo grupo.

Pontos para Reflexão

- Já inseridos nos diferentes momentos e nas discussões em plenária. Os profissionais participam ativamente da construção do cenário/prança.

Cuidados e Dicas

- Todo o material a ser utilizado, deverá ser confeccionado anteriormente e de acordo com o número previsto de participantes, especialmente as figuras de sementes e de frutos;
- Não existe um modelo específico para este material. Vale a criatividade do grupo responsável;
- A divisão em quatro momentos é opcional, podendo ser adaptado, mudado de acordo com o objetivo pretendido e as atividades programadas;
- Sugere-se a elaboração das figuras de frutos em duplicata. Um é colocado no cenário com a avaliação e propostas. O outro, contendo uma mensagem positiva, será oferecido aos participantes;
- Disponibilizar material suplementar para o caso dos participantes, no decorrer do processo, criarem outros elementos ou símbolos para comporem o cenário, relacionados à municipalização da saúde;
- Para maior envolvimento do grupo, no decorrer do desenvolvimento da técnica, passar do impessoal (a praça) para o pessoal (a nossa praça, o nosso município).

27 - AS CASAS DA SAÚDE

Autoras Zenaide Lazara Lessa e Otilia Simões J. Gonçalves.

Elaboração Equipe do Núcleo de Educação em Saúde/CVE, 1999.

Objetivos

- Levantar elementos para o diagnóstico de organização de serviços, atividades operacionais e ações epidemiológicas, a partir da percepção de um determinado grupo;
- Identificar expectativas e propostas de ações gerais ou específicas relacionadas a determinada área como, por ex.: ações educativas, enquanto parte de um programa/projeto de vigilância à saúde;
- Avaliar um programa/projeto no decorrer de um determinado tempo e prever/propor o planejamento de estratégias/ações para o futuro.

População-Alvo

- Profissionais de saúde e de áreas afins, conselheiros de saúde e grupos de liderança comunitária.

Número de Participantes

- 30 participantes em média.

Tempo Previsto

- O acompanhamento de todo o processo é de 90 minutos, aproximadamente, divididos em quatro momentos, a saber:
 - 1º momento - individual - 15 minutos;
 - 2º momento - em grupo - 30 minutos;
 - 3º momento - coletivo/plenária - 30 minutos;
 - 4º momento - individual - 15 minutos;
 - 5º momento - em grupo - opcional.

Espaço Físico

- Sala ampla que permita a movimentação dos participantes, atividades em pequenos grupos e em plenária.

Materiais Necessários

- Casas (três) de cartolina branca, delineadas sem porta e janelas;
- Casa (uma) de cartolina, coberta com papel prateado, representando uma casa “virtual”;
- Casas (três) de papel sulfite branco, na mesma medida das casas de cartolina;
- Tijolos de papel, cor de terra, tamanho 2cmx10cm, correspondendo a, no mínimo, três exemplares para cada participante;
- Papel colorido de diferentes tamanhos e formatos, representando todas as cores do “arco-íris”, mais as cores preta e branca;
- Figuras de homens correndo ou pares de pé, de acordo com o número de participantes (xerox em papel colorido e recortados);
- Figuras representando pontos de interrogação;
- Um caminho de mais ou menos 2m, elaborado com papel kraft ou prateado;
- Canetas hidrocor de diferentes cores;
- Pilot-color de diferentes cores;
- Cola;
- Fita crepe;
- Tesoura escolar;
- Papel sulfite ou similar;
- 3 tampas de caixa tipo xerox;
- Tiras de papéis com títulos:
 - PASSADO (definir o tempo);
 - PRESENTE (o que temos);
 - FUTURO (o que queremos);
 - TEMA ESCOLHIDO.

Instruções

1º Momento

- Afixar em um painel ou parede, as três casas delineadas, uma ao lado da outra e acima o tema em discussão, ex:
 - A Educação em Saúde nas Unidades Básicas de Saúde;
 - A organização do Sistema de Vigilância Epidemiológica;
 - O Programa de Controle da Hanseníase;
 - O controle social e o SUS;
 - A assistência farmacêutica.
- Em seguida e no mesmo nível das casas, colocar o caminho de papel kraft ou prateado e após, a casa prateada;
- Chamar à atenção do grupo para o cenário montado, indagando sobre o significado das casas, associando-as ao tema em discussão;
- Introduzir “qual é o objetivo pretendido” e explicar os próximos passos;
- Distribuir a figura de um tijolo para cada participante, solicitando que anotem no mesmo a sua opinião/percepção sobre, por exemplo: a assistência farmacêutica antes de 1995 (passado);

- Recolher os tijolos em uma caixa;
- Caso algum participante desconheça o passado, solicitar que coloque um ponto de interrogação, explicando a escolha;
- A seguir, mostrar os papéis coloridos, dispostos em local apropriado, e solicitar que, pensando na resposta dada e registrada no tijolo, escolham uma cor colocando-a junto com os tijolos;
- Repetir a ação para a pergunta: “A assistência farmacêutica que temos (presente) é a assistência farmacêutica que queremos (futuro)?”.

2º Momento

- Dividir os participantes em três grupos aleatórios;
- Entregar para o primeiro grupo todos os tijolos e papéis coloridos referentes ao passado e, para os demais, o conteúdo do presente e do futuro, respectivamente;
- Explicar a tarefa grupal para a criação da casa:
 - Construir a casa, utilizando todos os tijolos/opinião dos participantes;
 - Ler o conteúdo escrito nos tijolos, a fim de definir o tipo de casa a ser representada;
 - Utilizar os papéis coloridos para compor o cenário. Os mesmos podem ser recortado para formar imagens, mas todas as cores escolhidas devem fazer parte da casa;
 - Montar a casa no papel sulfite que a representa;
- Solicitar que anotem os motivos da construção, contendo a opinião/percepção do grupo, para apresentação em plenária;
- Definir previamente o tempo para esta tarefa;
- Colocar à disposição do grupo o material necessário para a elaboração da tarefa (cola, tesoura, fita crepe e outros);
- Apoiar o grupo na decodificação das mensagens, se necessário.

3º Momento

- Apresentação, em plenária, do produto final/visual de cada grupo e respectivas conclusões sobre o passado, o presente e o futuro;
- Anotar as opiniões/conclusões explicitadas, para posterior sistematização/relatório;
- Após a apresentação dos relatores, analisar com os participantes o processo / planejamento / momentos diferentes, sobre o tema em discussão;
- Resgatar no visual e no explicitado: “O que mudou?” “O que temos?” “O que queremos?” “Pontos de atrito, confronto?” “Necessidades presentes e futuras?” “Qual a percepção das imagens como um todo?” “Pontos positivos e perspectivas?”;
- Definir qual o diagnóstico (passado e presente) e a expectativa (futuro). Qual a avaliação (ações, área temática, projeto/programa);
- Sistematizar e/ou acrescentar itens relevantes, sobre o assunto em discussão.

4º Momento

- Chamar a atenção do grupo para o restante do cenário (caminho e casa prateada), associando-o à continuidade do processo de planejamento/avaliação/diagnóstico em discussão;
- Associar o caminho com o espaço a percorrer pela pessoa/equipe para o alcance de objetivos/metasp pretendidas para a implementação do programa/projeto/atividade, representado pela casa virtual (prateada);
- Convidar cada participante a anotar na figura (homem correndo ou pés) o que necessita para alcançar os objetivos/metasp? O que propõe? Sugestões para partir da situação presente (o que temos) e alcançar o futuro (o que queremos), sem esquecer o passado (o que pretendemos reforçar ou evitar?). Dependendo do objetivo, solicitar que identifiquem o município, serviço etc.;
- Orientar para que coloquem sua figura no caminho, no local que julgam se encontrar para o alcance da “casa virtual”/objetivo a ser atingido. Isto é, próximo do “presente”, no meio do caminho ou próximo do objetivo final.

Pontos para Reflexão

- Já inseridos nos diferentes momentos e nas discussões em plenária. A construção do cenário já representa a percepção/reflexão do grupo participante. A técnica é projetiva e racional, apresentando propostas e sugestões.

Cuidados e Dicas

- Todo o material a ser utilizado, deverá ser confeccionado anteriormente e de acordo com o número previsto de participantes, especialmente o tijolo, pés ou homens;
- Não existe um modelo específico para este material, vale a criatividade do grupo responsável;
- O 4º momento, pode ser realizado como o descrito ou após período/dias de atividades específicas relacionadas ao mesmo assunto, de acordo com objetivo previsto pelo grupo responsável;
- O importante é registrar todos os passos e seus conteúdos, para posterior confecção de documentos para diagnóstico/avaliação ou planejamento de ações;
- O 5º momento é opcional e corresponde a nova análise e discussões em grupo dos conteúdos já redigidos em forma de “documento preliminar”, para aprovação final;
- A técnica exige a presença de mais de um monitor/facilitador, preparados anteriormente para a condução de todo o processo;
- Essa técnica já foi utilizada com sucesso para grupos de técnicos de nível médio e universitários e com conselheiros de saúde.

28 - O PRESENTE SURPRESA

Autora Zenaide Lazara Lessa.

Objetivos

- Explicitar a formação de conceitos a partir da percepção de uma dada situação;
- Inferir como se produz o conhecimento a começar da investigação empírica;
- Analisar os determinantes de percepção de grupos, pessoas perante o “desconhecido”;
- Identificar e analisar situações problema, a partir de um conhecimento fragmentado.

População-Alvo

- Profissionais de saúde e de áreas afins, conselheiros de saúde e grupos comunitários.

Número de Participantes

- De 20 a 30 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 40 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla, com cadeiras removíveis.

Materiais Necessários

- Seis figuras, fotos, desenhos que, em conjunto, formem um conceito, idéia ou situação, de 40x40cm aproximadamente, assim distribuídas:
 - Duas figuras concretas, exemplo: uma ave voando, uma bússola;
 - Duas figuras abstratas e com muitos detalhes, ex.: alimentos estilizados, uma paisagem;
 - Duas figuras que complementem a idéia/conceito, exemplo: um barco, uma âncora.
- Uma caixa de papelão de aproximadamente 1m², exemplo: caixas de TV, fogão etc.;
- Papel branco ou pardo suficiente para embrulhar a caixa;
- Fita crepe;
- Uma toalha, lençol ou outro material qualquer para cobrir a caixa;
- Uma mesa para colocar a caixa em cima;
- Papel sulfiteado ou quadro negro;
- Pilot-color ou giz.

Instruções

- Embrulhar a caixa e depois prender em cada lado uma figura, já selecionada com o seguinte critério: uma figura concreta em lados opostos, exemplo: bússola e pássaro voando, uma figura abstrata nos outros dois lados opostos, exemplo: alimentos e paisagem, em baixo e em cima as figuras complementares, exemplo: âncora e barco. Cobrir a caixa e reservar;
- Colocar a mesa/móvel no centro da sala e em cima dela a caixa coberta;
- Dividir as cadeiras reservadas aos participantes em quatro grupos, colocando-as na frente de um dos lados da caixa respectivamente;
- Solicitar que os participantes escolham o lado e se acomodem;
- Após, iniciar a atividade informando que ganharão um presente e só o receberão se advinharem “o que é”;
- Mostrar a caixa coberta e estimular a descoberta. Após alguns minutos, descobrir a caixa esclarecendo que o presente não é o que a caixa sugere, mas sim as figuras nela contidas;
- Iniciar a vivência pela decodificação das descobertas do presente, que só acontecerá quando os lados forem conhecidos;
- Incentivar os participantes de um lado a descrever a figura que estão vendo em detalhes e recomendar que os demais gravem na memória a imagem criada a partir da descrição dos colegas;

- Anotar o descrito no sulfite ou quadro negro;
- Após, passar para a figura abstrata do lado oposto, seguindo os mesmos passos;
- A seguir, realizar a mesma atividade com os lados concretos;
- Neste momento, indagar se o grupo, conhecendo só um lado, já sabe o que contém os outros lados (Haverá dúvidas);
- Virar a caixa e perguntar, em primeiro lugar, se as imagens das figuras abstratas correspondem à informação passada pelos colegas;
- Solicitar que dêem a sua opinião e anotar;
- Virar a caixa quatro vezes, até que todos conheçam os quatro lados, indagando se as figuras podem estar associadas;
- Aguardar as respostas e perguntar se já sabem exatamente, qual é o presente;
- Questionar: “O que contém o lado de cima e o de baixo?”;
- Virar a caixa, mostrar os dois lados desconhecidos para todos e aguardar a reação/resposta do grupo;
- Questionar: “Qual o presente surpresa?”;
- Seguir, em plenária para troca de experiências vivenciadas e sistematização do assunto em discussão, com o auxílio das opiniões/idéias registradas.

Pontos para Reflexão

- Visão e interpretação dos diferentes lados;
- Semelhanças e diferenças havidas entre os quatro grupos;
- A imaginação e a realidade concreta;
- O significado de conhecer o todo no dia-a-dia profissional;
- Conhecimento fragmentado e o papel da Educação em Saúde;

Cuidados e Dicas

- O grupo não deve ser muito grande para permitir visões bem delimitadas dos lados/faces da caixa;
- A critério do facilitador e do objetivo previsto, a caixa pode conter imagens complementares ou antagônicas ou mesmo a ausência de símbolos. O que irá valer, é a percepção de cada um e do grupo;
- Cuidar para que os participantes não vejam os símbolos contidos nos seis lados da caixa, antes e/ou durante a atividade, para que esta não perca a sua finalidade;
- Para maior agilidade, contar com, pelos menos, dois facilitadores.

29 - OCUPANDO O SEU ESPAÇO

Autor Domínio Público.

Adaptação Zenaide Lazara Lessa.

Objetivos

- Facilitar a integração grupal;
- Aliviar tensões e descontraír;
- Preparar o grupo para a discussão de temas que envolvam as relações interpessoais.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afíns, grupos comunitários, usuários e população em geral.

Número de Participantes

- Mais de 15 pessoas.

Tempo Previsto

- 10 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla, com cadeiras removíveis e espaço para movimentação dos participantes.

Materiais Necessários

- Cadeiras de acordo com o número de participantes;
- Aparelho de som;
- Fita cassete ou CD com músicas agitadas e alegres.

Instruções

- Preparar o ambiente, colocando as cadeiras bem juntas, em círculo, viradas para fora e exatamente correspondentes ao número de participantes. As cadeiras também podem ser colocadas em duas fileiras bem juntas ou dispostas em outra forma definida pelo facilitador;
- Convidar os participantes para dançar livremente ao redor das cadeiras, enquanto a música estiver tocando;
- No momento em que a música for interrompida, devem sentar na cadeira mais próxima;
- Ao iniciar novamente a música, devem levantar e continuar a dançar, até a próxima parada, quando devem sentar novamente. Informar que todos devem dançar e sentar durante todo o tempo da vivência da atividade;
- Iniciar o jogo e a cada parada da música retirar uma cadeira;
- Sempre alertar que “todos devem dançar e sentar em seguida”;
- Desenvolver a atividade até o final da música ou quando perceber que o grupo está ficando cansado;
- Observar a reação dos participantes e a tomada de decisões em “precisar sentar e não ter cadeiras”;
- Encerrar, de acordo com o tema em discussão, se for o caso.

Pontos para Reflexão

- Dificuldade e facilidades, soluções encontradas;
- O sentir e o agir durante a atividade;
- O significado da perda de espaço;
- Cooperação X Competição;
- Criatividade;
- Relação entre o que aconteceu e o dia-a-dia de trabalho de cada um.

Cuidados e Dicas

- Verificar se o ambiente é seguro, evitando a possibilidade de acidentes;
- Caso alguém não deseje participar, não forçar, demonstrando respeito à decisão pessoal;
- Retirar ou preservar no ambiente, equipamentos e outros objetos.

30 - A VIAGEM

Autora Zenaide Lazara Lessa.

Objetivos

- Introduzir a discussão do tema: o processo de comunicação;
- Discutir a importância da comunicação no processo pedagógico;
- Vivenciar a importância do planejamento de uma atividade;
- Propiciar a integração grupal.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, conselheiros de saúde e grupos comunitários.

Número de Participantes

- De 20 a 50 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla com cadeiras removíveis e espaço para movimentação dos participantes.

Materiais Necessários

- Bóias de papel ou sucata para uso individual;
- Colete salva-vidas de papel ou sucata para uso individual;
- Barcos de papel de, mais ou menos, 30cm de comprimento, informando o número máximo de tripulantes;
- Texto sobre as normas a serem seguidas em caso de naufrágio, com termos técnicos e sem muitos detalhes.

Instruções

- Preparar o ambiente antes do início da atividade e sem o conhecimento dos participantes;
- Colocar as cadeiras em círculo de acordo com o número de participantes;
- Distribuir as bóias e os coletes salva-vidas pela sala, em diferentes locais, alguns bem visíveis e outros escondidos;
- Colocar três ou quatro barcos de papel com a indicação de sua tripulação, sendo um em local de destaque e outros bem escondidos;
- O número de bóias, coletes e lugares, nos barcos, deve corresponder ao total dos participantes;
- Solicitar que os participantes acomodem-se nas cadeiras do círculo, explicando que todos vivenciarão a atividade através de expressões verbais e corporais;
- Esclarecer que contará uma história sobre um navio e que toda vez que se referir à palavra onda, todos devem levantar de seus lugares e mudar para as cadeiras à sua esquerda ou à direita, ou levantar e sentar na mesma cadeira, conforme o solicitado; quanto aos outros aspectos da história, dramatizar livremente a situação;
- Iniciar a vivência, convidando o grupo para uma viagem de navio, estimulando-o a escolher o destino da viagem;
- A seguir, todos juntos devem dramatizar o preparo das malas, a chegada ao navio, a recepção do comandante e assistentes, dando-lhes as boas-vindas;
- Todos devem acomodar-se nas cadeiras que representam o convés do navio e conversar para se conhecerem;
- Em um determinado momento, o comandante chama um dos assistentes para “ler rapidamente” as normas a serem seguidas em caso de naufrágio (preparar um texto com todas as palavras técnicas e nomes específicos de um navio; na leitura não dar todos os detalhes);

- Continuar dizendo que o tempo está maravilhoso e o mar muito calmo, com pequenas ondas. “Olhe... uma onda nos leva para a direita!”- todos devem levantar e sentar na cadeira à sua direita. “Agora... duas ondas nos levam para a esquerda!”- todos devem levantar e sentar na segunda cadeira a sua esquerda. “Agora é uma onda que nos empurra para a frente!”- todos levantam e sentam no mesmo lugar cumprimentando os vizinhos;
- Um dos assistentes entra no círculo informando que uma tempestade está a caminho (notícia que chegou pela internet). “Mas... o mar está calmo, não há nada a temer”.
- Continuar a história: “de repente, o sol se esconde, o céu escurece, ondas mais fortes balançam o barco para a direita e para a esquerda e começa a chover”. “Vamos todos para o centro do navio. Todos juntos nos protegeremos. Piorou, é uma grande tempestade!!! O barco vai afundar... Salve-se quem puder...”;
- Observar a reação dos participantes;
- Depois, verificar quem se salvou (bóias ou coletes de salva-vidas ou barcos com a tripulação adequada) e quantos ficaram no mar pedindo socorro;
- Abrir a discussão/reflexão sobre o tema em discussão.

Pontos para Reflexão

- O que aconteceu? Qual a conclusão do grupo?
- O que facilitou e/ou dificultou a tomada de decisão de cada um e de todos para o desfecho da história?
- Qual a relação entre o processo de comunicação com o do planejamento de uma ação?
- Como esta vivência ocorre no dia-a-dia de cada um?

Cuidados e Dicas

- Proteger objetos e ou equipamentos que possam ser danificados;
- Observar se o espaço utilizado permite a movimentação rápida dos participantes, sem causar acidentes;
- Respeitar a não-adesão de algum participante, por motivos pessoais;
- Contar com, pelo menos, dois facilitadores para o desenvolvimento da mesma.

31 - A IDENTIDADE*

Autor Domínio Público.

Adaptação Maria Angélica Costa.

Objetivos

- Promover a descontração e a integração dos participantes;
- Discutir sobre a importância do trabalho em equipe;
- Refletir sobre a identificação de parceiros, dentro e fora do local de trabalho.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, grupos comunitários e população em geral.

Número de Participantes

- 30 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Espaço amplo onde as pessoas possam formar um círculo e movimentar-se com liberdade.

Materiais Necessários

- Nenhum.

Instruções

- Solicitar aos participantes que formem um círculo;
- Informar que irá dizer alguma(s) características de pessoas do grupo e que as mesmas devem deixar o círculo inicial formando outro círculo menor no centro do primeiro;
- Repetir a ação várias vezes, sempre citando características diferentes e com a mesma solicitação de formarem outros círculos;
- No último comando, indicar uma característica que reúna todos novamente no grande círculo.

Pontos para Reflexão

- Sentimentos e percepções no decorrer da vivência;
- Facilidades e dificuldades para perceber o outro;
- Identificação de parceiros no local de trabalho e fora dele.

Exemplos de características simples

Formar um círculo menor todos aqueles que estiverem:

- de sapato preto;
- usando óculos;
- de batom vermelho;
- de calça branca etc.

Exemplos de características comuns a todos

Formar um círculo todos aqueles que:

- são funcionários públicos;
- moram no mesmo bairro;
- são conselheiros de saúde;
- são homens e mulheres etc.

Cuidados e Dicas

- O facilitador deve ficar atento aos aspectos individuais e coletivos na identificação dos parceiros.

* Técnica vivenciada na Oficina Pedagógica, sobre Leishmaniose/1999.

32 - UM PRESENTE PARA UM AMIGO

Autor Domínio Público.

Adaptação Zenaide Lazara Lessa.

Objetivos

- Facilitar o conhecimento e a integração grupal;
- Aliviar tensão;
- Desenvolver laços afetivos;
- Introduzir à discussão do tema: relações interpessoais;
- Encerrar uma atividade, conagraçamento.

População-Alvo

- Profissionais da saúde, de áreas afins, grupos comunitários, usuários e população em geral.

Número de Participantes

- Indefinido.

Tempo Previsto

- 15 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala com cadeiras removíveis, que permita a formação de pequenos grupos, acomodando o total de participantes.

Materiais Necessários

- Uma folha de papel sulfite para cada participante;
- Canetas coloridas tipo hidrocor: uma ou mais por participantes;
- Aparelho de som;
- Fita cassete ou CD, com música instrumental e para dançar;
- Relógio com marcador de minutos.

Instruções

- Convidar o grupo para uma atividade surpresa;
- Solicitar que fiquem em pé, deixando todos os objetos pessoais na cadeira;
- Colocar uma música alegre e movimentada, convidando todos para dançar; no início livremente e depois formando duplas, trios etc. O último comando, deve corresponder ao número de participantes para a atividade seguinte, ou pequenos grupos com seis participantes em média;
- Após os pequenos grupos se acomodarem, distribuir para todos uma folha de papel sulfite e uma ou mais canetas hidrocor;
- Iniciar com um comentário sobre o valor de um presente oferecido com carinho e o quanto este gesto pode representar para um amigo;
- Esclarecer que todos vão receber presentes dados pelos amigos, solicitando que cada um escreva o seu nome e/ou apelido na sua folha de sulfite;
- Orientar que passe a sua folha para o colega da direita e receba a folha do colega da esquerda;
- Solicitar que, na folha recebida e pensando no dono da mesma, escreva uma mensagem, palavra, frase ou desenhe algo de presente para o(a) amigo(a);
- Aguardar mais ou menos um minuto e pedir para que todos novamente passem a folha para o colega da direita, novamente dando um presente para outro(a) amigo(a);
- Continuar até que todos de cada grupinho, dêem seus presentes para cada um dos participantes;
- A seguir, ao som de uma música instrumental, convidar todos a conhecer os seus presentes, comentá-los, agradecer e mostrá-los para os outros colegas;
- Dar liberdade para os participantes expressarem livremente suas opiniões/emoções;
- Iniciar a discussão do tema em pauta.

Pontos para Reflexão

- A própria reação dos participantes durante a vivência interativa.

Cuidados e Dicas

- Esta atividade deve ser feita quando o grupo já se conhece ou tem algum grau de aproximação, favorecendo o conagraçamento;
- A divisão dos participantes em pequenos grupos, pode ser feita utilizando-se outro critério, sem a música inicial;
- No final, a música instrumental pode ser substituída por outra, que contribua para reforçar a imagem de um amigo.

33 - A BAGAGEM

Autora Maria Aparecida P. Sanches.

Objetivos

- Discutir o relacionamento no ambiente de trabalho como aspecto fundamental para o aprimoramento da qualidade dos serviços prestados;
- Relacionar os componentes essenciais para o estabelecimento das relações construtivas e do trabalho em equipe.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas fins e conselheiros de saúde.

Número de Participantes

- De 20 a 40 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 60 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla, com cadeiras removíveis e que comporte a formação de 4 a 5 grupos.

Materiais Necessários

- Figuras de um homem e de uma mulher delineados em cartolina ou papel kraft;
- Retalhos coloridos de papel no formato de confeitos e de recheio de bolo;
- Recortes de cartolina em forma de triângulo, com os itens: farinha, açúcar, leite, ovos, fermento e manteiga que, no conjunto, formem um círculo;
- Tesoura;
- Fita crepe;
- Canetas hidrocor ou esferográficas;
- Figuras representando pontos de interrogação (quatro ou cinco);
- Figuras de uma mala grande e de quatro ou cinco malinhas;
- Mural para afixar as figuras que compõem a técnica.

Instruções

- Com a participação verbal do grupo montar no mural a representação de um bolo, com os ingredientes indispensáveis à sua produção, utilizando os triângulos já confeccionados;
- Refletir com o grupo a importância dos ingredientes do bolo serem de boa qualidade, dentro do prazo de validade, quantidade na medida certa e temperatura adequada do forno; como também a importância dos requisitos de um profissional de saúde - como perfil, qualidades, princípios, responsabilidade, ética etc. - serem características indispensáveis para que a prestação de serviços atenda realmente às necessidades da população;
- Concomitantemente, colocar na parede ou painel as figuras de duas silhuetas, masculina e feminina, simbolizando os profissionais de saúde;
- Na seqüência, colocar, ao redor das silhuetas, quatro ou cinco pontos de interrogação de cores diferentes, dependendo do número de grupos que será formado;
- Afixar no mural a figura de uma mala grande, representando a bagagem, a trajetória de vida de cada profissional de saúde;
- Distribuir aos grupos figuras de malinhas nas cores correspondentes às cores das interrogações onde os grupos deverão anotar o que foi elencado individualmente;
- Sugerir aos grupos que escrevam nas malinhas de cada um as anotações correspondentes;
- Cada grupo deverá expor em plenária, as conclusões substituindo as interrogações pelas malinhas nas cores correspondentes;
- O facilitador deve voltar à representação do bolo com os seguintes comentários: “assim como um bolo, que, de simples, poderá ser recheado e enfeitado, as nossas qualidades poderão ser enriquecidas através de referências teóricas, de vivência e troca de experiências”. (Nesse momento, rechear e enfeitar o bolo);
- No encerramento da atividade/evento, distribuir meia folha de papel sulfite, solicitando aos participantes que registrem o que a atividade vivenciada contribuiu para enriquecer sua bagagem pessoal e profissional, colocando-a na mala grande.

Pontos para Reflexão

- A reflexão é feita com a participação do grupo durante o decorrer da técnica;
- Aspectos não mencionados poderão ser resgatados e acrescentados no final da atividade.

Cuidados e Dicas

- Todo material deverá ser providenciado e confeccionado com antecedência e de acordo com o número de participantes.

34 - A CRIATIVIDADE

Autor Domínio Público.

Adaptação Carlos Valentino Valtingojer.

Objetivos

- Avaliar a reação dos participantes frente a situações inusitadas;
- Facilitar a reflexão sobre a importância do uso da criatividade no desenvolvimento do processo educativo;
- Incentivar os participantes do grupo a trabalhar com o material de que dispõem;
- Valorizar os recursos alternativos como facilitadores das ações educativas.

População-Alvo

- Profissionais da saúde, de áreas afins, usuários e população em geral.

Número de Participantes

- De 20 a 30 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 20 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala com cadeiras removíveis e que permita a movimentação das pessoas.

Materiais Necessários

- Garfo;
- Abridor de lata;
- Escova de dente e/ou outros objetos de uso comum.

Instruções

- Solicitar aos participantes, que formem um círculo;
- Propor que cada um represente um profissional de Marketing;
- Entregar aos participantes os objetos selecionados de uso comum;
- Solicitar que cada um represente uma ou mais funções do objeto, diferente do seu uso habitual;
- Cada participante deve enaltecer as qualidades do produto, convencendo aos demais que eles não podem viver sem o mesmo;
- Associar o processo utilizado para o marketing do objeto, com o processo ensino-aprendizagem.

Pontos para Reflexão

- Reação e comentários dos participantes, frente a situações inusitadas;
- Criatividade nas ações educativas;
- Discussão e fechamento dos conceitos levantados.

Cuidados e Dicas

- Os objetos podem ser escolhidos de acordo com o tema em discussão e o objetivo pretendido.

35 - UMA QUESTÃO DE MUDANÇA

Autor Domínio Público.

Adaptação Equipe do Núcleo de Educação em Saúde/CVE, 2000.

Objetivos

- Propiciar a integração entre os participantes;
- Discutir sobre as situações de mudanças resultantes do processo ensino/aprendizagem.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, usuários e população em geral.

Número de Participantes

- Indeterminado.

Tempo Previsto

- De 5 a 10 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala que comporte o número de participantes.

Materiais Necessários

- Papel sulfite tamanho A4.

Instruções

- Distribuir uma folha de papel sulfite a cada participante;
- Solicitar a todos que movimentem a folha de papel de um lado para outro, por um segundo, e que ouçam o som do movimento do mesmo;
- Em seguida, pedir a todos que amassem bem o papel formando uma bola;
- Na seqüência, solicitar que todos desamassem o papel e que repitam o movimento de um lado para outro e que novamente prestem a atenção no som do mesmo.

Pontos para Reflexão

- Percepção das diferenças e suas causas;
- Situações novas a serem enfrentadas no dia-a-dia;
- Mudanças resultantes do processo ensino/aprendizagem.

Cuidados e Dicas

- Cabe ao monitor reforçar a reflexão sobre as mudanças pelas quais as pessoas passam ao vivenciar diferentes situações de ensino/aprendizagem.

36 - O FAROL

Autora Zenaide Lazara Lessa.

Objetivos

- Identificar situações-problema de um programa, projeto e/ou atividade;
- Levantar informações complementares e qualitativas, referentes ao diagnóstico de saúde;
- Avaliar os resultados de um programa, projeto, atividade em termos de estrutura, processo e resultados;
- Avaliar eventos, oficinas e cursos sob o ponto-de-vista qualitativo.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, conselheiros de saúde e grupos comunitários.

Número de Participantes

- De 20 a 50 participantes em média.

Tempo Previsto

- 90 minutos, aproximadamente, distribuídos em três momentos de trinta minutos.

Espaço Físico

- Sala que comporte o número de participantes.

Materiais Necessários

- Uma figura em cartolina ou similar, na cor preta, representando a silhueta de um farol de trânsito;
- Círculos de cartolina, ou similar, nas cores verde, vermelha, amarela e cinza com mais ou menos 10cm de diâmetro, em quantidade suficiente para uso dos participantes durante todos os passos da atividade a ser executada;
- Caneta esferográfica azul ou preta;
- Fita crepe;
- *Flip-chart* com sulfiteado;
- Tiras de cartolina, ou similar, na cor preta para a base dos títulos;
- Títulos dos itens em discussão;
- Pincel atômico ou similar;
- Painel para afixar os elementos durante a execução da técnica.

Instruções

- 1º Momento

- Colocar no *flip-chart*, o farol de trânsito já elaborado e um círculo vermelho, um amarelo, um verde e um cinza, com a descrição do significado de cada cor:
 - Vermelho: pontos negativos, situações-problema, dificuldades, impecilhos etc.;
 - Amarelo: alguns problemas, pontos negativos e dificuldades não impedindo totalmente o alcance dos objetivos pretendidos;
 - Verde: pontos positivos, poucos problemas e dificuldades, trânsito livre para o alcance dos objetivos;
 - Cinza: situação desconhecida, não muito clara, sem condições de opinar.
- Dispor em local próprio os círculos coloridos em quantidade suficiente para diferentes escolhas, para diferentes itens, de acordo com o total de participantes previsto;
- Esclarecer qual o objetivo da atividade, por exemplo “avaliação da campanha de combate à Hanseníase”;
- Explicar o significado dos círculos coloridos afixados e que cada participante deve escolher a cor de acordo com a sua avaliação do item indicado, por exemplo “participação das escolas na socialização dos conhecimentos sobre Hanseníase”;

- Solicitar que anotem no círculo escolhido o(s) motivo(s) da referida cor, afixando-o, após, no local indicado no painel em frente do item a ser avaliado;
- Repetir os mesmos passos para todos os itens escolhidos para a avaliação do programa, projeto ou atividade em discussão;
- Chamar a atenção dos participantes sobre o cenário construído e a diversidade ou não das cores relativas a cada item avaliado e ao programa, projeto ou atividade como um todo.

- 2º Momento: Opção A

- Separar os círculos por itens e cores, tabular os dados quantitativos (cor), analisar os dados descritivos e elaborar os documentos correspondentes.

- 2º Momento: Opção B

- Dividir os participantes em subgrupos;
- Separar os círculos por itens e cores;
- Solicitar que cada grupo analise determinado item, ou todos os referentes a uma determinada região/município e, após, avaliar e apresentar as sugestões e as propostas.

- 3º Momento

- Realizar plenária para apresentação e consolidação dos resultados, sugestões e propostas.

Pontos para Reflexão

- Os próprios resultados da avaliação qualitativa e projetiva.

Cuidados e Dicas

- Dependendo do objetivo proposto, solicitar aos participantes que identifiquem seus círculos;
- Dependendo do item analisado, uma mesma pessoa pode escolher símbolos de cores diferentes, mas sempre anotando o motivo da escolha;
- A disposição visual dos itens e círculos pode variar, dependendo do número de itens a serem avaliados e das condições ambientais existentes;
- O cenário visual resultante da aplicação da técnica, se fotografado, poderá fazer parte de relatório ou dos documentos elaborados.

37 - O TEMPO

Autora Zenaide Lazara Lessa.

Objetivos

- Realizar o diagnóstico de uma dada situação, programa, projeto ou atividade;
- Identificar situações-problema de um programa, projeto ou atividade;
- Avaliar os resultados de um programa, projeto ou atividade em termos de estrutura, processo e resultados;
- Avaliar eventos, oficinas ou cursos sob o ponto-de-vista qualitativo.

População-Alvo

- Profissionais de saúde e de áreas afins, conselheiros de saúde e grupos comunitários.

Número de Participantes

- Indefinido.

Tempo Previsto

- 60 minutos, aproximadamente, distribuídos em dois momentos respectivamente de quinze e quarenta e cinco minutos.

Espaço Físico

- Sala que comporte o número de participantes.

Materiais Necessários

- Figuras de cartolina ou similar, representando: sol, nuvem azul-clara com meio sol, nuvem azul sem sol, nuvem cinza, nuvem preta com raio e ponto de interrogação;
- Mapa do estado, região ou município, objeto de diagnóstico e/ou avaliação ou painel para afixar as figuras durante a execução da técnica;
- Caneta esferográfica azul ou preta;
- Fita crepe;
- Papel tipo sulfite;
- Pincel atômico ou similar.

Instruções

- 1º Momento

- Afixar na parede ou painel, o mapa do estado, região ou município;
- Elaborar um quadro/legenda, descrevendo o significado de cada símbolo:
 - Sol: pontos positivos, situação clara, ótimos resultados;
 - Nuvem azul com meio sol: pontos positivos, situação clara, bons resultados;
 - Nuvem azul: pontos positivos e negativos, situação com pontos obscuros, resultados favoráveis, com prognóstico de melhoria;
 - Nuvem cinza: poucos pontos positivos e mais negativos, situação nebulosa, resultados preocupantes;
 - Nuvens pretas com raio: pontos negativos, situação problemática, sem previsão de melhoria;
 - Ponto de interrogação: desconhecimento da situação.
- Dispor em local próprio, os símbolos - do sol, da nuvem azul com meio sol, da nuvem azul e cinza, nuvem preta com raio - em quantidade suficiente para uso de todos os participantes durante a atividade a ser executada;
- Esclarecer qual o objetivo da técnica, por exemplo “resultado dos dados coletados sobre o diagnóstico epidemiológico de um determinado agravo à saúde”;
- Explicar o significado dos símbolos do tempo utilizando o quadro/legenda e que cada participante e/ou grupo escolha o(s) símbolo(s) de acordo com os resultados obtidos do tema avaliado;
- Cada pessoa/grupo deve anotar no(s) símbolo(s) escolhido(s) o(s) motivo(s) da referida escolha;
- Solicitar que cada grupo, se for o caso, escolha um relator.

- 2º Momento

- Verificar se todos os participantes ou grupos terminaram a tarefa e iniciar a plenária;
- Solicitar que cada participante e/ou relator de grupo, apresente os símbolos escolhidos e seus motivos, afixando-os no local indicado no mapa ou no painel;
- Abrir espaço para o esclarecimento de dúvidas e/ou complementação de informações;
- Seguir com a apresentação de todos os relatos;
- Sistematizar o tema em discussão, chamando a atenção dos participantes sobre o cenário construído e a diversidade, ou não, dos símbolos relativos ao programa, projeto ou atividade avaliados como um todo.

Pontos para Reflexão

- Os próprios resultados da avaliação qualitativa e projetiva.

Cuidados e Dicas

- Dependendo do objetivo proposto, solicitar aos participantes que identifiquem seus símbolos, facilitando assim qualquer análise posterior;
- De acordo com o tema, os participantes podem escolher mais de um símbolo, mas sempre anotando o motivo da escolha;
- O cenário visual resultante da aplicação da técnica, se fotografado, poderá fazer parte de relatórios ou documentos sobre o assunto em questão.

38 - ORDENANDO NÚMEROS

Autora Maria Sebastiana Felix Bizetto.

Objetivos

- Explorar influências interpessoais na solução de um problema;
- Observar atitudes grupais na solução de um problema;
- Discutir as interfaces do processo ensino-aprendizagem, analisando a postura e a reação dos envolvidos.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, conselheiros de saúde e grupos comunitários.

Número de Participantes

- De 20 a 40 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla, com cadeiras removíveis.

Materiais Necessários

- Figura em papel sulfite, contendo números, de 1 a 60, em quantidade suficiente para o total de participantes.
- Caneta esferográfica azul ou preta;
- Painel ou quadro-negro;
- Pilot color ou similar ou giz;

Instruções

- Preparar a figura em papel sulfite: dobrar uma folha de papel sulfite ao meio, no sentido vertical; do lado esquerdo, colocar aleatoriamente números ímpares. Iniciar no topo do sulfite com o número 1 e, a seguir, distribuir os números seguintes, utilizando todo o lado esquerdo da folha até o número 59; Repetir do lado direito, espalhando números pares, a partir do número 2 até o 58; Providenciar cópias para todos os participantes e reservar;
- Convidar o grupo para uma atividade em que os vencedores ganharão prêmios;
- Dividir os participantes em dois grupos: A e B;
- Explicar que cada participante do grupo receberá uma folha de papel com números, devendo ordená-los a partir do número um até o sessenta, colocando um círculo ao redor dos mesmos;
- Informar que o tempo será marcado para definir quem terminará a tarefa em primeiro e em último lugar. Ganhará o prêmio o grupo que gastar o menor tempo para ordenar adequadamente os números;
- O grupo A inicia a tarefa sem nenhuma informação complementar, enquanto o grupo B anota o tempo num painel ou quadro-negro;
- A seguir, trocam-se as posições: o grupo A observa e anota e o grupo B realiza a tarefa;
- Antes do grupo B iniciar a tarefa é informado que existe um meio de facilitar a ordenação dos números: do lado esquerdo estão os números ímpares e do lado direito os pares;
- O grupo B inicia a tarefa com o apoio do facilitador e o grupo A observa e anota o tempo no mesmo painel ou quadro-negro;
- No final da atividade, iniciar a discussão e a reflexão sobre o acontecido.

Pontos para Reflexão

- Dificuldades e/ou facilidades para executar a tarefa;
- Postura do facilitador e o processo ensino-aprendizagem;
- Reações individuais e grupais frente ao resultado final;
- Associação com o dia-a-dia de trabalho de cada um.

Cuidados e Dicas

- No preparo da folha com os números, ter o cuidado de não demarcar o meio da folha. A aparência deve ser de números misturados na folha, como um todo;
- Colocar números grandes de, mais ou menos, 1cm de largura e de altura;
- Os prêmios podem ser reais (bombons, por exemplo) ou trocados por mensagens, palmas etc.;
- Premiar os dois grupos, considerando as dificuldades colocadas para o Grupo A;
- Contornar as reações negativas, caso aconteçam, ressaltando o significado/objetivo da atividade.

39 - PINOS MÁGICOS

Autora Maria Sebastiana Felix Bizetto.

Objetivos

- Discutir o processo de comunicação e seus elementos e a relação com situações de ensino-aprendizagem;
- Reconhecer os ruídos da comunicação;
- Identificar fatores que influenciam no processo de comunicação.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, conselheiros de saúde e grupos comunitários.

Número de Participantes

- De 15 a 20 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 40 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla, com cadeiras removíveis.

Materiais Necessários

- Peças de jogos infantis tipo “LEGO” o suficiente para a montagem de diferentes modelos de “pinos mágicos”;
- Caneta esferográfica azul ou preta ;
- Ficha/roteiro de observação da atividade.

Instruções

- Preparar modelos, utilizando três ou quatro peças do jogo “LEGO” e reservar peças soltas da mesma cor, forma e número dos modelos montados;
- Dividir os membros do grupo em trios;
- Explicar que em cada trio, um será o “observador”, outro o “orientador” e o terceiro o “executor” da tarefa;
- Colocar cadeiras equidistantes, onde deve sentar “o executor”. Atrás, em pé, “o orientador” e, ao lado e atrás “o observador”;
- Distribuir para cada “orientador” um “modelo de pinos mágicos” e para o “executor” as peças soltas idênticas “ao modelo”. Para o “observador” as “folhas de observações” e a caneta esferográfica ou lápis;
- Repetir a distribuição para cada trio;
- Explicar a todos que o “executor” deverá montar um modelo de pinos mágicos idêntico ao que o “orientador” possui. Este deve dirigir a montagem, explicando oralmente e sem mostrar o modelo original. O “observador” deverá anotar todas as facilidades/dificuldades para a execução da tarefa, inclusive o tempo exigido para a conclusão da mesma, se for o caso;
- Ao final da atividade, em plenária, refletir sobre o acontecido, com a participação de todos;
- Repetir a atividade, trocando os trios e com o “orientador” de frente, ajudando o colega na execução da tarefa (opcional);
- Novamente analisar e concluir sobre os resultados alcançados (opcional).

Pontos para Reflexão

- Dificuldades e/ou facilidades para a memorização da seqüência de passos para executar a tarefa;
- Sentimentos durante a execução da tarefa;
- Relação entre a atividade vivenciada e o processo de comunicação no dia-a-dia de trabalho.

Cuidados e Dicas

- Preparar com antecedência “modelos de pinos mágicos” e igual número de peças correspondentes para o total de trios previsto;
- Distribuir as cadeiras da forma que facilitar a execução da tarefa;
- Caso algum trio demore muito ou não consiga executar a tarefa, parar a atividade e na discussão, em plenária, identificar os motivos da dificuldade por parte do “executor” e ou do “orientador”;
- Os “modelos” podem ser de diferentes cores e formas, mas com o mesmo número de “pinos”.

40 - AS CIRANDAS

Autor Domínio Público.

Adaptação Lídia Batista Colombani e Maria Elisabeth Sartorelli.

Objetivos

- Promover a integração e a descontração dos participantes de um grupo;
- Discutir as dificuldades/ruídos no processo de comunicação.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, usuários, grupos comunitários e população em geral.

Número de Participantes

- De 30 a 60 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 20 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala com espaço livre permitindo a movimentação dos participantes.

Materiais Necessários

- Letras de três CIRANDAS:
 - “Atirei o pau no gato...”
 - “Se essa rua, se essa rua, fosse minha...”
 - “A galinha do vizinho...”

Instruções

- Dividir os participantes em três grupos aleatórios, contendo:
 - 1º grupo - 50% dos participantes;
 - 2º grupo - 35% dos participantes;
 - 3º grupo - 15% dos participantes.
- Entregar a tarefa para cada grupo, dando alguns minutos para o “treino” de sua atividade, sigilosamente:
 - 1º Grupo - recordar a cantiga de roda “a galinha do vizinho..”
 - 2º Grupo - recordar a cantiga de roda “se essa rua, se essa rua, fosse minha..”
 - 3º Grupo - recordar a cantiga de roda “atirei o pau no gato..”
- Após o treino, formar com os subgrupos três círculos concêntricos com a seguinte distribuição:
 - 1º Grupo - roda externa;
 - 2º Grupo - roda do meio;
 - 3º Grupo - roda interna.
- Em seguida, incentivar todos a “rodar e cantar” o mais alto possível, cada grupo a sua música;
- Observar a reação dos participantes e ao término das canções, convidar todos a explicitarem os seus sentimentos e opiniões.

Pontos para Reflexão

- Dificuldades na comunicação com a presença de “ruídos” entre fonte e receptor;
- Motivos pelos quais as diferentes canções, foram mais ou menos compreendidas;
- Opinião do grupo sobre o papel de cada um e de todos ao trabalhar com mensagens.

Cuidados e Dicas

- Ter cuidado na divisão dos participantes por roda. O grupo interno e o do meio devem ser menores, a fim de facilitar a movimentação, o que também explica a necessidade do grupo externo ser o maior de todos.

41 - SE EU FOSSE...EU...

Autor Domínio Público.

Adaptação Zenaide Lazara Lessa.

Objetivos

- Promover a integração e a descontração do grupo;
- Vivenciar a importância da comunicação multilateral;
- Concretizar idéias e concepções abstratas, a partir da comunicação interpessoal.

População-Alvo

- Profissionais de saúde e de áreas afins, usuários, grupos comunitários e população em geral.

Número de Participantes

- De 15 a 30 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla que permita a colocação de cadeiras em círculo de acordo com o número de participantes.

Materiais Necessários

- Folhas de papel sulfite, cortadas em quatro e em número suficiente para o total de participantes;
- Canetas esferográficas azul ou preta;
- Caneta tipo hidrocor.

Instruções

- Preparar antecipadamente o material necessário, dobrando as folhas de sulfite, já cortadas, ao meio, no sentido horizontal, deixando os lados livres para baixo. Em um dos lados e na parte superior, escrever com a caneta hidrocor a frase “SE EU FOSSE...”, no outro lado, também na parte superior escrever “EU...”;
- Dispor os participantes do grupo sentados em círculo, sem cadeiras vagas;
- Distribuir as folhas de sulfite já preparadas e explicar que todos devem imaginar um objeto, animal, ave, cenário, situação ou pessoa e anotar no espaço correspondente. Exemplo: - Se eu fosse...um pássaro;
- Solicitar que, após, virem a folha e continuem a escrever a idéia original. Exemplo: - Eu...voaria para a liberdade;
- Aguardar que todos terminem a tarefa e, em seguida, explicar como todos tomarão conhecimento sobre os desejos de cada um;
- Iniciar lendo o seu desejo. Exemplo: “- Se eu fosse um pássaro” e solicitar ao seu colega da direita que leia o que anotou como “Eu...”. Exemplo: “- Eu compraria um colar de diamantes.”;
- Pedir ao colega que, a seguir, leia o seu desejo, que será completado pelo próximo colega a sua direita;
- Continuar o jogo até chegar novamente a sua vez de completar o desejo do seu colega da esquerda, com a frase “Eu voaria para a liberdade”;
- Encerrar a atividade com as reflexões e observações dos participantes.

Pontos para Reflexão

- O significado das palavras e frases e a percepção de cada um;
- A importância do diálogo nas relações interpessoais;
- A decodificação das mensagens no nosso dia-a-dia.

Cuidados e Dicas

- Verificar, anteriormente, as facilidades e/ou dificuldades dos participantes para registrarem por escrito idéias e conceitos;
- No caso da combinação das respostas, sugerir algo engraçado ou divertido, estimular o grupo e aproveitar o momento de descontração;
- A técnica poderá ser utilizada também apenas como integração e/ou descontração, sem reflexão posterior.

42 - As Carinhas II*

Autor Equipe do Núcleo de Educação em Saúde/CVE.

Objetivos

- Avaliar uma ou mais atividades educativas a partir das emoções dos participantes;
- Avaliar coletivamente um programa e/ou projeto a partir da percepção individual dos envolvidos;
- Avaliar qualitativamente um curso, oficina e/ou evento.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, usuários, grupos comunitários e população em geral.

Número de Participantes

- Indefinido.

Tempo previsto

- 5 minutos em média para avaliação individual.

Espaço Físico

- Qualquer tipo de ambiente.

Materiais Necessários

- Filipeta, contendo sete carinhas, representando as seguintes emoções: preocupado, satisfeito, surpreso, cansado, com dúvidas, quero mais e indiferente, de acordo com o modelo;

SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE - SP
CENTRO DE VIGILÂNCIA EPIDEMIOLÓGICA
“Prof. Alexandre Vranjac”

NÚCLEO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE

AVALIAÇÃO

*Como você está se sentindo em relação à atividade que acabou de vivenciar?
Seu registro é muito importante para nós! Anote um X em uma ou mais “carinhas”,
de acordo com os seus sentimentos. Coloque esta filipeta, ao sair, na caixa indicada.
Desde já agradecemos*

Núcleo de Educação em Saúde - CVE/96



PREOCUPADO

SATISFEITO

SURPRESO

CANSADO

COM DÚVIDAS

QUERO MAIS

INDIFERENTE

Comentários:

- Canetas esferográficas azul ou preta;
- Caixa e ou cesta para colocar as filipetas preenchidas.

Instruções

- Durante e ou término de uma atividade, oficina, evento, explicar aos participantes o objetivo da FILIPETA e solicitar que anotem na mesma “como se sentem”, colocando uma marca (X) em quantas carinhas desejarem. A resposta é múltipla;
- Distribuir as filipetas a todos os participantes, indicando o local onde devem colocá-las após o seu preenchimento;
- Informar que ao final da atividade, oficina, evento os participantes conhecerão os resultados globais (através de gráficos);
- Analisar os dados obtidos com a participação dos envolvidos, avaliando a dinâmica grupal.

Pontos para Reflexão

- O próprio resultado das emoções vivenciadas.

Cuidados e Dicas

- Providenciar xerox das carinhas para todos os participantes e, depois, tabular os dados transformando-os em gráficos de barras. A visualização concomitante de todas as emoções facilita a avaliação/comparação. Os dados referentes aos comentários explicam e/ou justificam a escolha;
- No caso da avaliação de um programa, projeto, com grande número de participantes - como, por exemplo, 30.000 pais e escolares no “Programa Educação mais Saúde, não existe melhor remédio”-, sugere-se a elaboração de um plano de tabulação e análise dos dados e elaboração de relatórios/documentos para divulgação do resultados;
- A critério dos responsáveis e de acordo com objetivo e tema, “as carinhas” podem representar outras emoções, em número maior ou menor. Em alguns casos, sugere-se deixar uma “carinha delineada”, sem definição de sentimentos, aguardando que os participantes criem outras imagens e emoções.

* Técnica Elaborada para os projetos “Educação mais saúde: não existe melhor remédio” e “Agita São Paulo”, 1996/97/98.

43 - ONDE EU ESTOU ?

Autora Rute Pereira Mendonça Coutinho.

Objetivos

- Identificar a percepção dos participantes frente a determinado agravo à saúde;
- Refletir sobre a questão do estigma/preconceito;
- Desvendar as mudanças ocorridas após intervenções educativas.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, usuários, grupos comunitários e população em geral.

Número de Participantes

- De 10 a 30 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 30 minutos divididos em dois momentos de 15 minutos cada. O primeiro no início da atividade e o outro após a discussão do tema em estudo.

Espaço Físico

- Sala que comporte o total de participantes sentados em círculo.

Materiais Necessários

- Duas folhas de cartolina, sulfite ou similar;
- Figuras representando: um posto de saúde, um hospital, uma família, um local de trabalho, um local de lazer, um cemitério;
- Bonecos de papel de duas cores, em número suficiente para distribuição a todos os participantes;
- Pincel atômico ou similar;
- Fita crepe;
- Painel para afixar murais.

Instruções

- 1º Momento

- Marcar na cartolina vários espaços, utilizando o pincel atômico e em cada um deles colar uma das figuras selecionadas e reservar;
- Iniciar a apresentação do tema em discussão. Por exemplo: Hanseníase;
- Colocar no painel ou na parede o mural montado;
- Distribuir aos participantes os bonecos de papel (apenas uma cor), associando-os ao “portador de hanseníase”;
- Solicitar que cada um coloque o boneco, no mural, no espaço em que concluir ser o melhor ou onde ele deve ficar;
- Verificar o resultado final, anotando os comentários ou observações do grupo, se for o caso.

- 2º Momento

- Discutir conceitos sobre o tema. Por exemplo: sinais, sintomas, transmissão e outros sobre Hanseníase, em especial, questões sobre o estigma e preconceito.

- 3º Momento

- No final da atividade/reunião, afixar o outro mural montado, igual ao primeiro;
- Distribuir novos bonecos da outra cor, solicitando que cada um coloque-o no mural, no espaço em que julgar adequado;
- Informar que têm a liberdade de deixá-lo no mesmo espaço em que o colocou da primeira vez ou mudá-lo;
- Comparar o cenário dos dois murais e conjuntamente com os participantes, refletir sobre as mudanças ocorridas e o porquê das mesmas.

Pontos para Reflexão

- Preconceito e estigma: causas e conseqüências;
- Os rótulos atribuídos e suas conseqüências.

Cuidados e Dicas

- Evitar constrangimento pessoal no caso da troca ou não-troca de lugar do boneco;
- Deixar espaços livres dando oportunidade para a criação dos participantes. Propiciar a análise, discussão e reflexão sobre o novo espaço que pode ser de integração e/ou desintegração;
- As figuras que representam diferentes lugares e situações, podem ser mudadas e/ou acrescentadas dependendo do tema e objetivo pretendido.

44 - O RAIO E AS FLORES

Autores Equipe do Núcleo de Educação em Saúde/CVE, 1997.

Objetivos

- Favorecer a integração grupal diminuindo as tensões externas, no início de uma oficina, curso ou evento;
- Reverter situações consideradas negativas;
- Predispor o grupo para o alcance dos objetivos pretendidos de um tema/situação.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, grupos comunitários, usuários e população em geral.

Número de Participantes

- Indeterminado.

Tempo Previsto

- 30 minutos divididos em dois momentos de 15 minutos cada.

Espaço Físico

- Sala que comporte o total de participantes.

Materiais Necessários

- Raios desenhados e recortados em papel amarelo ou de outra cor escolhida;
- Figura de um balde de gelo afixada em uma folha de sulfite e/ou em painel;
- Flores de papel de diferentes cores;
- Vaso de papel, para colocar as flores, afixado em uma folha de sulfite e/ou em painel;
- Fita crepe;
- Caneta hidrocor.

Instruções

- Afixar em um painel ou parede o balde de gelo já preparado;
- Comentar com o grupo “o quanto algumas situações familiares, de trabalho e sociais, entre outras, nos impedem de realizar um desejo, de aproveitar um curso ou de desenvolver uma tarefa profissional”;
- Convidar todos para congelarem as situações e problemas pessoais que desejarem, a fim de melhor vivenciarem as atividades da reunião ou curso;
- Entregar a cada participante a figura de um raio, solicitando que anotem no mesmo o que desejam congelar, colocando-o no balde de gelo;
- Dar liberdade aos participantes para explicitarem o que congelaram;
- Ao final das atividades, oficina ou curso, retirar do painel o “balde de gelo com os raios” e substituí-lo por um vaso contendo flores com uma mensagem positiva para a resolução de problemas;
- Mostrar o novo visual para o grupo, “desejando que encontrem soluções para seus problemas”;
- Convidar todos a colherem uma flor como despedida da atividade, oficina, curso.

Pontos para Reflexão

- Os problemas têm solução, depende de onde a procuramos.

Cuidados e Dicas

- Preparar o material necessário com antecedência e em número suficiente para todos os participantes;
- Aumentar o número de baldes de gelo e vasos de flores conforme o número de participantes.

45 - OS SIGNOS

Autora Regina d'Alva Vianna.

Objetivos

- Promover o conhecimento e a integração dos participantes de uma equipe;
- Identificar as expectativas de um grupo frente a um trabalho proposto;
- Relacionar a imagem de cada um com o coletivo.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, conselheiros de saúde, usuários e grupos comunitários.

Número de Participantes

- De 20 a 40 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla com cadeiras removíveis, facilitando a movimentação do grupo.

Materiais Necessários

- Gravuras ou desenhos do tamanho de um papel sulfite, representando os signos divididos de acordo com o seu elemento:
 - AR: Gêmeos, Libra e Aquário;
 - TERRA: Touro, Virgem e Capricórnio;
 - FOGO: Leão, Áries e Sagitário;
 - ÁGUA: Câncer, Escorpião e Peixes.
- Textos contendo as principais características dos signos, de acordo com o seu elemento;
- Fita crepe;
- Sucata (opcional).

Instruções

- Colocar as gravuras, desenhos ou textos, representando os quatro grupos de signos (ar, terra, fogo e água), distribuídos pelo ambiente;
- Pedir que cada um procure o seu signo, formando assim quatro subgrupos;
- Solicitar que os participantes se apresentem, se for o caso, e que tomem conhecimento das características de seu signo;
- Orientar que, a partir desse conhecimento, o grupo deve criar uma imagem que represente o seu elemento e cada um, em particular, para apresentá-las aos colegas dos demais subgrupos;
- Estimular a criatividade dos participantes no uso de expressões verbais e não-verbais, corporais, individuais e coletivas para “dizerem quem são, suas características e o que oferecem para os outros”;
- Dar um tempo, em torno de dez minutos, para o preparo da ação;
- Após, iniciar a apresentação grupo por grupo;
- Abrir para comentários, reflexões e outras reações/emoções de cada um e do grupo como um todo.

Pontos para Reflexão

- É a própria vivência envolvendo todos os participantes.

Cuidados e Dicas

- Dependendo do objetivo e do tema, novas etapas podem ser acrescentadas.

CARACTERÍSTICAS DOS SIGNOS AGRUPADOS POR ELEMENTO - SUGESTÃO

Ar - Aqui estão homens de idéias; são os mais sociáveis e comunicativos de todos os signos. De personalidade atraente e talentos múltiplos, seduzem. Vivem rodeados de livros, revistas e todos os aparatos de comunicação. Suas cores são: bege, cinza e azul metálico.

Terra - Os regidos pelo elemento terra, vivem o aqui e o agora. Sua consciência está ligada à matéria. São atraídos pela beleza externa, têm raciocínio prático e persistência para alcançar seus objetivos. Seu olho clínico vai a procura das texturas como couro, madeira, cerâmica e do artesanato. Suas cores são o bege, marrom, preto e neutras.

Fogo - Entusiasmados e confiantes, os regidos pelo fogo, transbordam em energia criativa. Toda experiência está centrada na identidade pessoal e na fé em si mesmos. Cores quentes como o vermelho, ouro e púrpura, fazem parte do seu universo.

Água - Sensíveis e intuitivos, preferem as formas com nuances e transparências. São flexíveis, ecléticos e se adaptam facilmente às novidades. Vivem no mundo-da-lua e suas fantasias normalmente estão expostas ao ambiente em que vive, repleto de plantas, transparências e cores como o prata e o verde azulado.

46 - IDENTIFICANDO CONCEITOS

Autora Regina d'Alva Vianna.

Objetivos

- Identificar os conceitos-chave, referentes a um determinado tema;
- Introduzir a discussão de um conceito a partir da percepção individual e grupal sobre o mesmo;
- Refletir sobre a formação de conceitos a partir da percepção da situação apresentada.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, conselheiros de saúde e grupos comunitários.

Número de Participantes

- De 20 a 40 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 60 minutos, aproximadamente, divididos em três momentos:
 - 1º Momento - 10 minutos;
 - 2º Momento - 20 minutos;
 - 3º Momento - 30 minutos.

Espaço Físico

- Sala ampla, com cadeiras removíveis permitindo a movimentação das pessoas, trabalho em pequenos grupos e plenária.

Materiais Necessários

- Folhas de papel sulfite cortadas em tiras de: 16cm, 7cm, 7cm, respectivamente, em quantidade suficiente para todos os participantes;
- Canetas coloridas, tipo hidrocor: uma ou mais por participante;
- Papel kraft, sulfite ou similar;
- Cola;
- Tesoura escolar;
- Exemplos de pilot-color ou pincel atômico de diferentes cores;
- Fita crepe;
- Painel para afixar murais.

Instruções

- 1º Momento

- Distribuir a todos os participantes, um sulfite cortado de 7cm e uma ou mais canetas coloridas;
- Introduzir o tema em discussão, por exemplo: método em educação, vigilância, visita domiciliar;
- Solicitar que utilizando apenas uma palavra, escrevam na tira de sulfite a primeira idéia sobre o referido tema;
- Recolher os sulfites e reservar;
- Distribuir o outro sulfite de 7cm e pedir que redijam uma frase sobre o mesmo tema;
- Recolher e reservar, distribuindo a seguir o sulfite de 16cm;
- Informar que devem registrar suas idéias sobre o mesmo tema, mas na forma de desenho(s) utilizando todo o espaço do sulfite;
- Recolher e reservar.

- 2º Momento

- Dividir o grupo em quatro subgrupos;
- Orientar que os mesmos receberão um conjunto dos sulfites: palavras ou frases ou desenhos;
- Solicitar que tomem conhecimento do conteúdo dos mesmos e, após analisar e discutir, montar um mural que represente as idéias de todos. Informar que devem usar todas as palavras, frases e desenhos, podendo complementar com outras opiniões do grupo;
- Distribuir um conjunto de sulfites (palavras e frases) para dois grupos e os desenhos divididos para os outros dois grupos;
- Fornecer material para a montagem do mural (cola, tesoura, pincel atômico, papel kraft etc.);
- Dar atenção aos grupos para esclarecimentos de dúvidas e solicitar a escolha de um relator para a apresentação do mural em plenária.

- 3º Momento

- Iniciar com a apresentação do mural das palavras e a seguir das frases e desenhos;
- Sistematizar os pontos complementares e discutir os divergentes, se for o caso;
- Introduzir a próxima etapa para continuidade do tema, a critério dos responsáveis.

Cuidados e Dicas

- Preparar o grupo para trabalhar com desenhos e colagens: lado direito do cérebro;
- Reforçar a análise conceitual com a distribuição de textos e bibliografia sobre o assunto em pauta.

47 - OS IMPEDIDOS*

Autor Domínio Público.

Objetivos

- Identificar os diferentes conceitos e tipos de participação e/ou exclusão social;
- Analisar situações que levam a prejulgamento de situações/pessoas;
- Promover o estudo/análise da situação-problema do dia-a-dia da equipe de saúde.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, conselheiros de saúde e grupos comunitários.

Número de Participantes

- De 15 a 30 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla que permita a movimentação dos participantes.

Materiais Necessários

- Bexigas ou balões coloridos;
- Um lenço para vedar os olhos;
- Ataduras de crepe e ou fraldas;
- Um pau de vassoura ou similar.

Instruções

- Convidar o grupo para uma atividade lúdica: jogar balões;
- Solicitar três voluntários preparando-os para participar da atividade:
 - 1 - Prender os braços e mãos até a ponta dos dedos com o auxílio de ataduras de crepe ou fraldas;
 - 2 - Prender junto ao corpo, o braço direito com a ajuda de ataduras de crepe ou fraldas. Prender também a perna direita contando com o auxílio do cabo de vassoura;
 - 3 - Vendar os olhos;
- Formar um círculo com os outros participantes e com os três voluntários no centro;
- Entregar a todos, inclusive para os voluntários, uma bexiga solicitando que cada um encha a sua;
- Quando todas estiverem cheias, convidar os participantes a jogá-la para cima, tomando conta para que a sua bexiga não caia no chão;
- Observar a reação dos três voluntários impedidos e do grupo em relação a eles;
- Após um minuto, mais ou menos, aproximar-se de um dos participantes, pedir que saia do jogo, mas deixe a sua bexiga;
- Repetir várias vezes esta ação ao mesmo tempo que dá o comando “bexigas para o ar, nenhuma no chão”;
- Observar a reação dos participantes;
- O jogo terminará com os três personagens impedidos, tendo que tomar conta da maioria das bexigas;
- Encerrar a atividade e abrir para reflexão com a participação de todos.

Pontos para Reflexão

- Facilidade e dificuldades para cumprir a tarefa;
- Na sociedade, quem são os impedidos ?
- E no dia-a-dia de cada um, como são percebidas tais situações ?
- Significado da exclusão social.

Cuidados e Dicas

- Tomar cuidado na escolha dos impedidos, caso um dos participantes apresente uma dificuldade ou situação especial, por exemplo: gestante (agradecer e solicitar outro voluntário);
- Retirar do ambiente objetos que possam causar acidentes;
- Dirigir a reflexão para aspectos coletivos e de interesse do grupo, como um todo, evitando referências pessoais.

* Técnica vivenciada na “Oficina pedagógica de planejamento das ações educativas para o Programa de Tuberculose”- Prefeitura Municipal de São José dos Campos, 1999.

48 - PRANCHAS PROBLEMATIZADORAS

Autor Domínio Público.

Adaptação Equipe do Núcleo de Educação em Saúde/CVE, 1989/93/95/2000.

Objetivos

- Identificar a percepção dos participantes para uma dada situação ou agravo de saúde;
- Discutir relações interpessoais entre equipes de trabalho e a organização de serviços de diferentes instituições;
- Resgatar a história da saúde pública em suas diferentes vertentes, associando-a a fatores biológicos, socioeconômicos, políticos, culturais, educacionais e ambientais;
- Criar situações de ensino-aprendizagem a partir da percepção da realidade concreta dos próprios participantes.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, conselheiros de saúde, usuários, comunidades indígenas, entre outras e população em geral.

Número de Participantes

- De 20 a 40 pessoas em média.

Tempo Previsto

- 60 minutos, aproximadamente, divididos em dois momentos: o primeiro em subgrupos e o segundo em plenária.

Espaço Físico

- Sala ampla com cadeiras removíveis que permita a formação de grupos e atividade em plenária.

Materiais Necessários

- Xerox das pranchas elaboradas a partir dos desenhos e/ou pinturas produzidas pelos próprios participantes;
- Xerox de fotos, desenhos, figuras ou colagens, representando situações relevantes do(s) tema(s) a ser(em) discutido(s) e problematizado(s) e, depois, convertido(s) em pranchas;
- Fita crepe;
- Papel kraft ou sulfiteado;
- Outros materiais para a confecção das pranchas, quando artesanais.

Instruções

- Montar um conjunto de pranchas sobre um determinado tema, exemplos: “trabalhando com gestantes”, “o processo saúde/doença e a vigilância de saúde”, “organização de serviços e as relações interpessoais”, “conselhos de saúde e sua história”, “a saúde do índio” e outros;
- Estabelecer um roteiro para a análise e discussão;
- Orientar o grupo sobre a análise de mensagens não-verbais utilizando pranchas problematizadoras;
- Dividir os participantes em grupos aleatórios e de acordo com o objetivo pretendido;
- Distribuir as pranchas (iguais ou diferentes) para todos os membros do grupo;
- Solicitar que observem a(s) prancha(s), opinando sobre o significado da(s) mesma(s), de acordo com a sua percepção sobre o cenário representado (desenho, foto, história em quadrinhos, figuras, montagens);
- Incentivar para que todos opinem mesmo com idéias divergentes, analisando discutindo e concluindo sobre o significado real e concreto, ideal e subjetivo, associados a fatores intervenientes de natureza biológica, socioeconômica, cultural, educacional, política e/ou de relações interpessoais;
- Pedir que relacionem as imagens com experiências pessoais e/ou familiares, que reforcem ou não a idéia contida na(s) prancha(s);
- Solicitar que o grupo anote suas conclusões e escolha um relator ou outra forma para apresentar as pranchas e sua história em plenária;
- Após a apresentação de todos os grupos, cada um com sua “história”, sistematizar os conceitos-chave da temática em discussão;
- Propor a leitura coletiva de um texto de apoio sobre o assunto em pauta.

Pontos para Reflexão

- A reflexão é inerente à própria vivência que utiliza imagens projetivas e perceptivas.

Cuidados e Dicas

- O(s) facilitador(es) deve(m) ter muito claro o objetivo pretendido, a fim de apoiar o grupo na análise, se necessário.

Observação

- As “pranchas problematizadoras” podem ser parte de um projeto pedagógico mais amplo e contarem com um roteiro próprio para a discussão dentro de um determinado contexto. As mesmas podem ser produzidas para distribuição ou como parte de um curso, oficina etc.

Exemplos:

- Condições de vida: o processo saúde/doença. Ministério da Saúde, Divisão Nacional de Educação em Saúde, 1982/1987;
- Condições de vida: Diarréia .Ministério da Saúde. Divisão Nacional de Educação em Saúde, 1982/1987;
- Trabalhando com gestantes. Instituto de Saúde. Serviço de Educação de Saúde Pública, 1986;
- Em outros projetos “as pranchas” são elaboradas artesanalmente, a partir das conclusões de projetos de pesquisa e utilizadas como recurso pedagógico em projetos educativos, Exemplos:
 - A unidade de saúde, organização de serviços X operacionalização das ações. Núcleo de Educação em Saúde/CVE, 1989/94/95;
 - Projeto de educação continuada para conselheiros de saúde. Parceria: Conselho Estadual da Saúde, Núcleo de Educação em Saúde/CVE e Museu Emílio Ribas, 1995.
 - A Educação em Saúde e as ações de Vigilância. Núcleo de Educação em Saúde/CVE, 2000;
- Outras “pranchas” são elaboradas pelo próprio grupo, a partir do processo ensino-aprendizagem, trazendo a vivência, a visão do mundo, através de pinturas/desenhos que são convertidos em pranchas. Exemplo:
 - A Saúde do Índio. Parceria: FUNASA, FUNAI, Núcleo de Educação em Saúde/CVE, 1995.

49 - OQUESERÁQUEÉ (2ª Versão)

Autoras Zenaide Lazara Lessa e Maria Aparecida P. Sanches.

Objetivos

- Descobrir o processo de conhecimento que se faz através de análise e síntese;
- Identificar os mecanismos utilizados pelo homem ao produzir conhecimentos embasados na realidade concreta;
- Discutir as interfaces do processo ensino/aprendizagem no trabalho de cada um;
- Discutir a importância da construção coletiva do conhecimento a partir de experiências vividas.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, conselheiros de saúde e grupos comunitários.

Número de Participantes

- 30 pessoas em média.

Tempo Previsto.

- Entre 40 a 60 minutos dependendo do tamanho do grupo.

Espaço Físico

- Sala ampla com cadeiras removíveis.

Materiais Necessários

- Pincel atômico, papel manilha e fita crepe;
- Folha sulfite para todos os participantes;
- Folha sulfite ou papel kraft para conclusão dos grupos e para uso do monitor na apresentação dos conceitos conforme a fonte consultada como, por ex., dicionário.

Instruções

- Preparar filipetas com a frase selecionada e reservá-las;
- Dividir os participantes em três, quatro ou mais grupos, dependendo do número de pessoas;
- Entregar para os grupos as filipetas com a frase escolhida;
- Solicitar que todos leiam a mesma, analisando-a, discutindo-a e concluindo sobre o seu significado;
- Tempo: 10 minutos;
- Esgotado o tempo, cada grupo deverá colocar em folha de sulfite todos os conceitos conhecidos e/ou sugeridos para formar uma nova frase com consenso do grupo;
- Solicitar a todos que sugiram um nome para o grupo e que coloquem também o nome dos participantes no sulfite;
- Solicitar que escolham um relator para fazer a apresentação da discussão dos grupos, em plenária;
- Após o relato de todos os grupos, o monitor apresentará os significados das palavras colhidas literalmente de uma fonte científica atual. Exemplo: Dicionário da Língua Portuguesa.

EXEMPLOS DE FRASES:

Um tabaréu nos recomendou um tугúrio, mas não aceitamos devido às boicingas.

A grande carga de grumixamas e de gomis provocou o rompimento do canzil.

O Zarelho quinzila de carpins azuis, com o trangalhadaças, se esbaldaram na folheca.

Pontos para Reflexão

- Discussão sobre a frase;
- Ponto de partida dos grupos;
- Semelhanças e diferenças encontradas;
- Interpretação, discussão e construção da nova frase;
- Significado da construção coletiva do conhecimento.

Cuidados e Dicas

- Neste jogo o monitor atua como alguém que introduz a tarefa e controla suas etapas;
- Observar os grupos durante a atividade e na plenária e anotar as falas dos relatores que possam facilitar a sistematização a seguir;
- Ter muito claros os pontos que deseja abordar relativos ao “processo de construção do conhecimento”. Sugere-se, para sua maior segurança, consultar a bibliografia sobre o assunto em questão;
- Quando o grupo for muito grande e em local com cadeiras fixas, a primeira parte da atividade poderá ser feita com as técnicas “Grupo de Cochicho” ou “Phillip 66”.

50 - A DANÇA DA BEXIGA

Autora Otilia Simões J. Gonçalves.

Objetivos

- Estimular a descontração, a empatia, a comunicação e a importância do trabalho através de parcerias;
- Identificar o papel de cada um e seus respectivos parceiros dentro e fora das organizações institucionais;
- Estabelecer confiança e a importância do trabalho entre equipe e parcerias.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, grupos comunitários e população em geral.

Número de Participantes

- Indeterminado.

Tempo previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala que permita a movimentação das pessoas e que comporte o número de participantes.

Materiais Necessários

- Balões de látex coloridos (bexigas);
- Aparelho de som;
- CD com música para dançar.

Instruções

- Formar um círculo com os participantes;
- Solicitar voluntários (exatamente a metade) do total de participantes;
- Distribuir uma bexiga a cada participante voluntário, solicitando que cada um encha a bexiga de ar;
- Solicitar aos voluntários que escolham um colega de altura diferente da sua, formando pares;
- Orientar a todos que coloquem a bexiga na testa do parceiro escolhido e, em seguida, que ambos coloquem os braços para trás e segurem as mãos;
- Enfatizar que as bexigas ficarão apoiadas somente nas testas dos parceiros;
- Colocar um CD com música de forró ou samba e solicitar que todos dancem ao som da música sem deixar a bexiga cair, para não serem desclassificados;
- Observar a reação dos participantes.

Pontos para Reflexão

- Importância das parcerias no desenvolvimento das ações educativas;
- Escolha dos parceiros.

Cuidados e Dicas

- Sem sugestões.

51 - O DADO

Autora Maria Aparecida P. Sanches.

Objetivos

- Estimular a descontração, a comunicação e a integração;
- Propiciar a percepção e/ou conhecimento dos participantes em relação às questões formuladas;
- Introduzir uma discussão entre os participantes sobre um tema para posterior sistematização;
- Avaliar os temas, quando já trabalhados anteriormente.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, conselheiros de saúde e grupos comunitários.

Número de Participantes

- Indeterminado.

Tempo previsto

- 30 a 40 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala que permita a movimentação das pessoas e que comporte o número de participantes.

Materiais Necessários

- Um dado grande feito de papelão;
- Filipetas grandes, numeradas de 01 a 06, contendo questões sobre um determinado assunto e também sobre questões lúdicas.

Instruções

- Solicitar aos participantes que fiquem em pé e formem um círculo;
- Pedir a um voluntário que jogue o dado. Verificar o número sorteado (número que ficou na parte superior do mesmo) e selecionar a questão de número correspondente na filipeta numerada;
- Solicitar ao participante que jogou o dado que responda a referida questão;
- Quando a questão for técnica, caso o participante não saiba ou não queria respondê-la, o monitor deverá pedir ajuda aos colegas. Se a questão for lúdica, o participante que jogou o dado, juntamente com o monitor, convidarão os demais colegas para executarem a tarefa solicitada;
- Em seguida, esse participante voluntário chamará outro colega para jogar o dado e, na seqüência, a atividade seguirá os passos já descritos, até o término das questões;
- Avaliar conhecimentos de assuntos já trabalhados (se for o caso).

Pontos para Reflexão

- Tarefas, facilidades, dificuldades, colaboração, participação e comunicação;
- Emoções, conhecimentos e avaliação.

Cuidados e Dicas

- Nesta atividade, o monitor atua como alguém que introduz a tarefa e controla suas etapas, podendo também participar na execução das mesmas;
- O monitor deve evitar que os participantes passem por alguma situação constrangedora.

EXEMPLOS DE QUESTÕES E DE TAREFAS

- Quais são os sinais e sintomas da Tuberculose?
- Quanto tempo dura o tratamento da Tuberculose?
- Como é a transmissão da Tuberculose?
- Quais orientações devem ser dadas aos comunicantes?

CANTAR

- Atirei o pau no gato...
- Ciranda cirandinha...
- Oh! Jardineira por que estás tão triste?...
- A galinha do vizinho...

52 - O JOGO DO X

Autora Maria Sebastiana Félix Bizetto.

Objetivos

- Propiciar um primeiro contato entre as pessoas e os grupos com os quais elas irão trabalhar;
- Promover a integração dos indivíduos nos grupos;
- Possibilitar a descontração e a movimentação física dos participantes;
- Discutir a importância do trabalho em equipe no dia-a-dia de cada um;
- Identificar os objetivos comuns entre os participantes.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, grupos comunitários e população em geral.

Número de Participantes

- Indeterminado.

Tempo previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala que permita a movimentação das pessoas.

Materiais Necessários

- Fita crepe de três centímetros de largura;
- Aparelho de som;
- CD com música alegre.

Instruções

- Sinalizar o chão em três ou mais pontos distantes da sala, fazendo um “X” com fita crepe em cada ponto escolhido;
- Solicitar aos participantes que fiquem em pé;
- Informar ao grupo que será colocado um CD no aparelho de som e que todos deverão dançar ao som da música;
- Informar aos participantes que, quando a música parar, todos deverão se dirigir a um dos pontos assinalados com “X”;
- Ligar o som novamente para que os participantes continuem dançando e, nesse ínterim, o monitor deverá retirar um dos pontos marcados com “X”;
- Parar a música novamente, momento em que os participantes deverão se dirigir aos “X” que ficaram no chão;
- A seguir, a técnica continua seguindo os passos já descritos, até todos se agruparem em um único “X”.

Pontos para Reflexão

- Integração, entrosamento;
- União, objetivos comuns.

Cuidados e Dicas

- Sem sugestões.

53 - A GANGORRA*

Autor Domínio Público.

Objetivos

- Vivenciar a importância das parcerias na equipe de trabalho;
- Promover relação de confiança e respeito entre os participantes;
- Identificar objetivos comuns entre os participantes;
- Discutir com os colegas o medo do desconhecido.

População-Alvo

- Profissionais que desenvolvem atividades educativas grupais com adolescentes, gestantes, terceira idade e outros.

Número de Participantes

- 30 pessoas em média.

Tempo previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Lugar amplo que possibilite a movimentação das pessoas e a formação de grupos.

Materiais Necessários

- Nenhum.

Instruções

- Pedir aos participantes que fiquem em pé, procurem um parceiro e formem duplas;
- Solicitar a ajuda de um voluntário;
- Demonstrar com o voluntário como se faz a técnica, depois que as duplas estiverem formadas;
- As duplas devem ficar de mãos dadas, um de frente para o outro;
- Os pés dos participantes devem estar juntos, um de frente para o outro;
- Os participantes seguram as mãos um do outro e, aos poucos, vão se distanciando e equilibrando-se, sem desencostar os pés uns dos outros;
- A dupla deve procurar a melhor forma de equilibrar-se, esticando os braços e soltando o peso do corpo para trás, facilitando o movimento da gangorra.

Pontos para Reflexão

- Necessidade de parcerias;
- Importância do trabalho individual e do trabalho em equipe;
- Segurança e confiança entre os pares;
- Medo do desconhecido

Cuidados e Dicas

- Respeitar a decisão de cada um em não participar da técnica, por motivos de natureza pessoal.;
- Sugerir a formação de duplas com pessoas com o mesmo tipo físico. Ex.: altura e peso, para facilitar a execução da técnica.

* Técnica vivenciada no Curso "Introdução ao Psicodrama" CEDRHU/SES junho 2000

54 - BEM-ME-QUER*

Autor Domínio Público.

Objetivos

- Propiciar momentos de descontração entre os participantes;
- Desenvolver com o grupo o sentimento de auto-estima;
- Preparar o grupo para a discussão do tema em questão.

População-Alvo

- Grupos de gestantes, de climatério, de adolescentes grávidas etc.

Número de Participantes

- 12 pessoas em média.

Tempo previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla com cadeiras removíveis.

Materiais Necessários

- Flor feita com palito de sorvete ou outro palito mais grosso, miolo e pétalas em papel colorido (duas cores ou mais), cola ou fita crepe.

Instruções

- Formar um círculo;
- Dar a flor para um participante, para que o mesmo comece tirando uma pétala da flor, iniciando o bem-me-quer e dizendo uma palavra ou uma frase positiva sobre o assunto em questão;
- Pedir que a flor seja passada para outro participante e o mesmo retire uma outra pétala mal-me-quer e diga uma palavra ou uma frase negativa sobre o assunto;
- Verificar que todos os participantes tenham falado e tirado todas as pétalas da flor, mesmo que haja repetição de pessoas;
- Anotar todos os pontos positivos e negativos que os participantes disserem.

Pontos para Reflexão

- Leitura das palavras ou frases;
- Discussão sobre o significado das palavras ou frases na realidade de cada um.

Cuidados e Dicas

- Evitar situações constrangedoras.

* Técnica vivenciada durante atividades educativas na Secretaria de Saúde do Município de Mariporã - 1999.

55 - A VISITA DO ET

Autor Domínio Público.

Adaptação Ana Claudia Fedato Nascimento.

Objetivos

- Levantar questionamentos sobre determinado assunto vinculado ao contexto sociocultural de um determinado grupo;
- Identificar fatores subjetivos e estereótipos que influenciam no prejudgamento de situações, no cotidiano de cada um.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins que desenvolvam atividades educativas grupais com adolescentes, terceira idade, gestantes etc.

Número de Participantes

- De 20 a 30 pessoas em média.

Tempo previsto

- 40 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla onde as pessoas se movimentem com liberdade e onde possam formar pequenos grupos.

Materiais Necessários

- Cartolinas;
- Pincéis atômicos;
- Fita crepe;
- Adereços para a cabeça;
- Crachás para os jornalistas (Imprensa);
- Aparelho de som;
- CD ou fita cassete;
- Celofane colorido, talco, confete, papel picado, pétalas de flores etc., para efeitos especiais.

Instruções

- Solicitar que o grupo escolha um tema para discussão;
- Solicitar 5 voluntários para serem os ET's que devem ficar fora do grupo com os adereços na cabeça;
- Solicitar 5 voluntários para serem os jornalistas;
- Pedir aos demais, junto com os jornalistas, que caminhem pela sala;
- Avisar que chegaram ETs na Terra que gostariam muito de saber sobre o assunto previamente escolhido;
- Comentar que apareceram 5 jornalistas para conversar com os ETs e que os mesmos têm crachás com a inscrição "Imprensa";
- Pedir que formem 5 grupos, colocando em cada grupo um ET e um jornalista, todos sentados em círculo;
- Pedir para cada jornalista que registre em cartolina as perguntas e comentários que os ETs estão fazendo para os terráqueos e vice-versa;
- Dar para cada grupo uma cartolina e um pincel atômico;
- Os resultados serão apresentados e discutidos em plenária;
- Pedir à Prefeitura do Município, onde ocorreu a visita dos ETs, para participar das discussões enviando 5 consultores para elucidar as dúvidas que os ETs também têm sobre o assunto em questão (nesse caso, poderão ser envolvidos outros profissionais da Instituição);
- Perguntar se as expectativas dos ETs foram atendidas e pedir aos jornalistas que fixem a matéria da reportagem (as cartolinas) na parede.

Pontos para Reflexão

- Facilidades e dificuldades sobre o tema;
- Facilidades e dificuldades pessoais sobre o assunto em questão;
- Relações de afinidade e confiança para falar sobre o assunto em sua realidade local.

Cuidados e Dicas

- O monitor pode fazer anotações no decorrer das discussões e apresentá-las, se achar necessário;
- Na hora da escolha dos jornalistas, ter o cuidado para que os escolhidos sejam alfabetizados;
- Escolher pessoas desinibidas para serem os ETs (por causa do adereço utilizado na cabeça);
- Criar um clima de suspense antes da chegada dos Ets, utilizando música e efeitos visuais;
- Os participantes propõem os temas e depois é feito um sorteio para ver qual deles será discutido na ocasião.

VARIAÇÃO DA TÉCNICA

- Pode haver um grande grupo de discussão sobre o tema proposto sem haver divisões em pequenos grupos;
- Os ETs só observariam as reações dos terráqueos e no final da discussão, expressariam sua opinião a respeito do que foi observado;
- O número de jornalistas e ETs pode variar de acordo com o tamanho do grupo.

56 - PIQUENIQUE NA MONTANHA

Autora Ana Cláudia Fedato Nascimento.

Objetivos

- Identificar as diferentes etapas do planejamento, em diferentes momentos pessoais ou profissionais;
- Vivenciar o processo de transformação de conceitos, idéias e valores para o aperfeiçoamento pessoal e profissional, bem como temas relacionados à organização de serviços.

População-Alvo

- Adolescentes, adultos, grupos de terceira idade e profissionais que desenvolvem ações educativas.

Número de Participantes

- 20 pessoas em média.

Tempo previsto

- 40 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla, onde as pessoas possam se movimentar com liberdade.

Materiais Necessários

- Caneta esferográfica;
- Folha sulfite;
- Papel kraft;
- Pincel atômico;
- Giz e lousa.

Instruções

- Solicitar aos participantes que formem um círculo para discutir a realização de um PIQUENIQUE;
- Sugerir as etapas para a organização do mesmo. Ex.: quem leva o que, quais os objetos que irão dentro da mochila, o que não será levado etc.;
- Anotar o que cada um vai levar;
- Pedir aos participantes que imaginem a subida da montanha e o que ocorre nesta caminhada, carregando os objetos escolhidos;
- Pedir aos participantes que imaginem a realização do PIQUENIQUE, o que aconteceu, o que comeu, o que sobrou, o que foi dividido e o que deu errado;
- Relatar ao grupo o término do PIQUENIQUE;
- Pedir que todos retornem ao início da jornada.

Pontos para Reflexão

- O que tem na mochila ? Faltou alguma coisa ? Ela incomodava ?
- Qual a disposição de cada um em participar do PIQUENIQUE ?
- Todas as etapas foram atingidas?
- O que não foi levado na mochila fez falta ou não ?
- O desenvolvimento da técnica favoreceu, ou não, uma reflexão sobre o assunto proposto?

Cuidados e Dicas

- O monitor deverá escrever um roteiro dos itens necessários para a subida da montanha ou compor as listas com a colaboração dos participantes;
- Deve haver duas ou mais pessoas para a aplicação da técnica, facilitando assim o trabalho dos coordenadores e a vivência dos participantes;
- Pode haver anotação única em *flip-chart* ou lousa.

57 - IMAGINAÇÃO ATIVA

Autora Neide Aparecida Bassi.

Objetivos

- Sensibilizar os participantes para que percebam os sentimentos vivenciados;
- Discutir a importância da autopercepção.

População-Alvo

- Em especial para o grupo de adolescentes e de mães.

Número de Participantes

- Grupos de 10 a 15 participantes.

Tempo previsto

- Em torno de vinte minutos, com reflexão.

Espaço Físico

- Sala ampla, com cadeiras removíveis.

Materiais Necessários

- Texto para ser verbalizado pelo monitor;
- Colchonetes (opcional).

Instruções

- Solicitar que os participantes sentem, em círculo, de preferência no chão;
- Diminuir a luminosidade da sala;
- Solicitar que relaxem, que pensem em coisas suaves;
- Iniciar, dando as instruções do Texto previamente selecionado;
- Dar tempo para que as pessoas verbalizem suas opiniões, emoções, sentimentos;
- Terminar a instrução;
- Iniciar a discussão, e a reflexão sobre o sujeito e o contato com os seus sentimentos.

Pontos para Reflexão

- Sentimentos identificados.

Cuidados e Dicas

- Não forçar a participação, principalmente com grupos em início de integração.

TEXTO DE IMAGINAÇÃO ATIVA

Vamos imaginar... Vamos imaginar...

Que somos fetos.

Que estamos na barriga de nossas mães.

Um lugar tranqüilo, seguro.

Ih. Acho que está chegando a hora.

Acho que vamos nascer.

E... E... nascemos (CHORO DE BEBÊ)

Nossa! Quanta coisa para ver, sentir, cheirar.

Como o mundo é... (VERBALIZAR)

O tempo começa a correr, TIC-TAC, TIC-TAC, TIC-TAC.

Começamos a crescer.

Estamos aprendendo a andar.

Cambaleamos, caímos, levantamos, até que enfim nos firmamos e corremos.

Puxa! O mundo realmente é lindo. Podemos chegar muito mais longe agora.

Ampliamos nossos horizontes, somos nossos próprios donos.

Mas, mamãe e papai ... (VERBALIZAR CANÇÃO INFANTIL)

Nossa vida é correr e brincar, temos muita energia.

E, quando estamos brincando, fazendo conta, vem aquela ordem:

Hora de dormir, escovar os dentes, venham comer agora! Já... Já... Já...

Puxa! (VERBALIZAR)

Já temos 6 anos, ainda não sabemos ler, mas já conseguimos escrever o nome

Em letras grandes, irregulares, que ocupam duas ou mais linhas.

Não importa, mamãe e papai acham lindo e guardam tudo que pintamos, desenhamos e rabiscamos.

Ontem nos deitamos e hoje, ao acordar...

Já não cabemos mais nas roupas que cabíamos...

Já não enchemos mais a casa de alegria...

Estranhamo-nos.

Estranharam-nos.

Achamos que crescemos demais. Será?

58 - O BAILE*

Autor Domínio Público.

Objetivos

- Identificar as relações afetivas e sexuais;
- Identificar o papel de cada um dentro do grupo;
- Estabelecer regras frente a estes papéis.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, grupos comunitários e população em geral.

Número de Participantes

- 15 a 20 pessoas em média.

Tempo previsto

- 50 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla onde as pessoas possam se movimentar com liberdade.

Materiais Necessários

- Folha sulfite;
- Canetas hidrocor;
- Caixinha ou saquinho para o sorteio;
- Aparelho de som;
- CD ou fita cassete com músicas para dançar;
- Filipetas com as características do grupo a ser trabalhado. Ex.: sexo, idade e características de adolescentes.

Instruções

- Distribuir filipetas aos participantes, por exemplo, com os seguintes dados: adolescente (faixa etária de 10 a 21 anos), sexo e características da adolescência;
- Estabelecer regras para que cada participante assuma um determinado personagem ou uma determinada característica da adolescência, de acordo com a filipeta sorteada;
- Perguntar se todos entenderam as instruções;
- Colocar uma música que propicie o clima para o baile;
- Convidar o grupo para que, representando o personagem sorteado, vivencie o baile.

Pontos para Reflexão

- Sentimentos ao assumirem o papel descrito na filipeta;
- Facilidades e as dificuldades encontradas para interpretar o personagem;
- Sentimentos do adulto assumindo o papel de adolescente;
- Sentimentos do adolescente assumindo o papel de adulto jovem;
- Sentimentos do adulto jovem assumindo o papel de um idoso.

Cuidados e Dicas:

- Observar as dificuldades dos participantes em assumir o papel pré estabelecido;
- Anotar para posterior reflexão;
- Pode ser utilizada com outras faixas etárias, com suas características específicas.

* Técnica vivenciada no curso do Instituto Kaplan: "Viver Positivamente". Setembro/1999.

59 - BINGO DA SEXUALIDADE*

Autor Domínio Público.

Objetivos

- Propiciar discussão de determinado assunto entre outros: “sexualidade”;
- Facilitar o entendimento do assunto em questão;
- Propiciar momentos de descontração;
- Facilitar a interação e aproximação entre os participantes.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, grupos comunitários e população em geral.

Número de Participantes

- 20 pessoas em média.

Tempo previsto

- 40 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla onde as pessoas possam se movimentar com liberdade.

Materiais Necessários

- Folha sulfite;
- Caneta hidrocor;
- Sulfitão;
- Pilot Color;
- Caixinha ou saquinho;
- Um brinde.

Instruções

- Solicitar aos participantes que formulem perguntas sobre um tema previamente escolhido;
- Escrever no sulfite quatro perguntas sobre o tema escolhido, colocar em local visível para que todos possam visualizá-las, em ordem numérica;
- Solicitar aos participantes que dobrem a folha de sulfite em quatro partes e anatem o número correspondente à pergunta do sulfite;
- Pedir aos participantes que escolham um assunto dentro do tema sexualidade;
- Numerar de 1 a 4 a folha de sulfite de cada participante;
- Solicitar aos participantes que procurem outra pessoa para responder na sua cartela as perguntas do sulfite anotadas de um a quatro, colocando-se o nome e a resposta dada por essa pessoa. Após o preenchimento da folha por todos, coloca-se o nome de todos os participantes em um saquinho;
- Sortear os nomes até que um dos participantes grite BINGO e para ele será entregue um prêmio.

Pontos para Reflexão

- Sentimentos ao executar a tarefa;
- Como a atividade facilitou ou não o entrosamento e o autoconhecimento de cada um.

Cuidados e Dicas:

- Estimular a movimentação corporal nesta dinâmica.
- Deverá ser dada atenção especial para que não haja constrangimento dos participantes.
- Caso alguém não queira participar, não forçá-lo, respeitando sua opinião.

Bingo: dobra-se folha de sulfite em 4 quadrantes conforme o modelo abaixo

1 nome resposta	2 nome resposta
3 nome resposta	4 nome resposta

* Técnica vivenciada no curso "Viver Positivamente" - Instituto Kaplan - Outubro/1999

60 - ANTAGÔNICAS E COMPLEMENTARES

Autor Equipe do Núcleo de Educação em Saúde/CVE/1997.

Objetivos

- Propiciar momentos de descontração;
- Identificar os pontos antagônicos e complementares no cotidiano de trabalho;
- Discutir com os participantes as relações no cotidiano de trabalho e o seu significado para o trabalho em equipe.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, grupos comunitários e população em geral.

Número de Participantes

- 60 pessoas em média.

Tempo previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla onde as pessoas possam se movimentar com liberdade.

Materiais Necessários

- Filipetas contendo as instruções;
- Sucata;
- Papel;
- Cadeiras;
- Lixeira;
- Pente.

Instruções

- Formar um círculo;
- Entregar uma filipeta a cada participante;
- Solicitar que todos leiam a tarefa e verificar a existência de dúvidas;
- Executar as tarefas todos ao mesmo tempo;
- Observar o desenvolvimento das atividades.

Pontos para Reflexão

- Discussão sobre as tarefas solicitadas;
- Facilidades e dificuldades;
- Relação com o cotidiano de trabalho a relação com o trabalho em equipe.

Cuidados e Dicas

- Atenção especial aos participantes, caso haja dificuldade na execução das tarefas.

EXEMPLOS DE TAREFAS:

- Acender a luz;
- Apagar a luz;
- Abrir a porta;
- Fechar a porta;
- Pentear o cabelo com o pente;
- Despentear o cabelo de quem estiver penteando os cabelos;
- Jogar sucata no chão;
- Retirar a sucata do chão;
- Imitar o latido de um cachorro;
- Não deixar o cachorro latir;
- Empilhar as cadeiras;
- Desempilhar as cadeiras;
- Imitar um motorista dirigindo um ônibus;
- Tomar o ônibus que está passando;
- Imitar o condutor de uma locomotiva;
- Ser o vagão de uma locomotiva;
- Puxar um cordão de carnaval, cantando;
- Entrar no cordão de carnaval.

61 - OS CEGOS NO TRÂNSITO*

Autor Domínio Público.

Objetivos

- Promover confiança entre os pares;
- Discutir a importância do trabalho compartilhado.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, grupos da terceira idade, de adolescentes e outros.

Número de Participantes

- 30 pessoas em média.

Tempo previsto

- 40 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla onde as pessoas possam se movimentar com liberdade.

Materiais Necessários

- Nenhum.

Instruções

- Formar duplas, sendo um atrás do outro;
- Imaginar que estamos no trânsito de São Paulo;
- Solicitar que nas duplas um participante represente um carro e o outro participante represente o motorista;
- O “carro” deve ficar na frente do “motorista”;
- O “carro” andará quando sentir a mão do “motorista” em seu ombro;
- Explicar que será dado alguns comandos para serem executados por todos:

Para seguir **em frente**, o “motorista” deve colocar as duas mãos sobre o ombro do “carro”;

Para **parar**, o “motorista” deve retirar as duas mãos do ombro do “carro”;

Para virar à **direita**, o “motorista” deve colocar somente a mão direita no ombro direito do “carro”;

Para virar à **esquerda**, o “motorista” deve colocar somente a mão esquerda no ombro esquerdo do “carro”.

Na seqüência, inverter os papéis; quem foi motorista será carro e vice-versa;

- Observar a reação dos participantes;
- Terminar a técnica de acordo com o objetivo previsto.

Pontos para Reflexão

- Papéis das duplas;
- Vínculo das duplas;
- Confiança e parceria;
- Facilidades e dificuldades.

Cuidados e Dicas

- Atenção especial para os participantes que apresentarem problemas de saúde e dificuldades para execução da técnica;
- Atenção para existência de pisos irregulares ou escorregadios;
- Os que não vivenciaram a técnica devem participar como observadores.

* Técnica vivenciada no curso de “jogos dramáticos”. CEDRHU/SES-SP maio 2001.

62 - SALADA DE FRUTAS

Autor Domínio Público.

Objetivos

- Promover a descontração e a integração dos participantes;
- Refletir sobre a importância do trabalho em equipe;
- Refletir sobre o acolhimento às pessoas enquanto componente essencial do ambiente de trabalho.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, da educação, grupos de adultos, de adolescentes e outros.

Número de Participantes

- 30 pessoas em média.

Tempo previsto

- 40 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla onde as pessoas possam se movimentar com liberdade.

Materiais Necessários

- Etiquetas;
- Canetas hidrocor ou esferográficas.

Instruções

- Solicitar aos participantes que pensem numa fruta bem gostosa;
- Distribuir etiquetas para os mesmos;
- Escrever na etiqueta a fruta que pensou;
- Colocar a etiqueta no peito em local visível;
- Pedir aos participantes que andem pela sala, observando os outros e as frutas escritas nas etiquetas;
- O facilitador comentará sobre as frutas escritas nas etiquetas: o sabor delas, o tamanho, como elas caem no chão e como ficam;
- O facilitador contará uma história envolvendo todas as frutas escritas e, ao falar o nome da fruta o(s) participante(s) que estiver(em) representando a mesma deverá(ão) fingir que está(ão) no chão;
- Os outros participantes devem observar atentamente, pois, a “fruta” não pode cair e se machucar;
- Observar a reação dos participantes;
- Terminar a técnica quando todas as frutas forem chamadas.

Pontos para Reflexão

- Sentimentos e percepção;
- Facilidades e dificuldades;
- Confiança e acolhimento.

Cuidados e Dicas

- O grupo deve ficar atento para o caso de haver duplicidade de frutas;
- Se isto acontecer, os participantes terão que ter muito atenção, pois, nenhuma das frutas podem cair no chão.

63 - PARA SER FELIZ

Autor Domínio Público.

Adaptação Ana Cláudia Fedato Nascimento.

Objetivos

- Utilizar o corpo de forma lúdica;
- Propiciar coordenação visual, motora e auditiva;
- Relaxar os participantes.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, grupos de crianças e de terceira idade entre outros.

Número de Participantes

- 20 a 30 pessoas em média.

Tempo previsto

- 20 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla onde as pessoas possam se movimentar com liberdade.

Materiais Necessários

- Nenhum.

Instruções

- Solicitar que o grupo forme um círculo e cante a música “Para ser feliz” de Domínio Público, acompanhando cada frase com gestos significativos, como segue:

Para ser feliz (fazer gestos de sorriso em frente ao rosto)

É preciso ter (fazer o gesto, de abaixar as mãos unidas)

Este céu azul (mostrar o céu com o dedo indicador, dirigido para o lado direito, formando um semicírculo)

Na imensidão (mostrar o céu com o dedo indicador, dirigido para o lado esquerdo, formando um semicírculo);

É fazer das tristezas (colocar as duas mãos no rosto como quem está chorando)

Estrelas a mais (levantar os dois braços sobre a cabeça, abrindo e fechando as mãos para simbolizar o brilho das estrelas)

E do pranto (feição de choro)

Uma canção (duas mãos na frente da boca, mostrando que está cantando).

Há um mundo (fazer um círculo com ambas as mãos)

Bem melhor (sinal de legal)

Todo feito pra você (apontar para cada participante, olhando-o nos olhos);

É um mundo pequenininho (círculo feito com ambas as mãos e mostrar sinal de pequeno com os dedos polegar e indicador)

Que a ternura fez (mãos juntas, no peito).

Pontos para Reflexão

- A própria vivência e a emoção experimentada pelos participantes.

Cuidados e Dicas

- Caso ache difícil fazer com gestos, apenas cantar a música com o grupo;
- Cada participante pode analisar o significado da letra da música;
- Pode-se, também, fazer somente os gestos e imaginar a música, sem cantá-la;
- Caso alguém não queira participar da atividade, respeitar a sua decisão.

64 - A MAGIA DOS TRIÂNGULOS*

Autor Domínio Público.

Adaptação Ana Cláudia Fedato Nascimento.

Objetivos

- Propiciar o desenvolvimento da harmonização dos hemisférios cerebrais;
- Propiciar o desenvolvimento da atenção concentrada, da coordenação visual e motora, da coordenação auditiva e da coordenação motora fina;
- Utilizar a arte do *origami* de forma lúdica, estética e pedagógica.

População-Alvo

- Profissionais da saúde, de áreas afins, grupos de crianças, adolescentes, adultos e terceira idade.

Número de Participantes

- 20 pessoas em média.

Tempo previsto

- 1 hora aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla onde as pessoas possam se movimentar com liberdade e local para fixar a produção dos *origamis*.

Materiais Necessários

- Tesouras escolar para o total de participantes;
- Cola em bastão.
- *Flip-chart*.
- Papel sulfite colorido

Instruções

- Distribuir duas folhas de papel sulfite para cada participante;
- Contar uma história utilizando essas folhas.

HISTÓRIA

- Era uma vez um retângulo, que resolveu se transformar em um quadrado (mostrar uma folha de sulfite - retângulo - , dobrar formando um quadrado e cortar o que sobrar);
- Este quadrado também percebeu que poderia se transformar em outro desenho e resolveu ser um triângulo (dobrar o quadrado ao meio);
- Ele estava muito sozinho e resolveu procurar uma companheira (repetir o mesmo processo com a segunda folha de papel sulfite até obter o segundo triângulo);
- Os dois triângulos resolveram se encontrar, caminhando em direção um do outro (apontar os triângulos, aproximando um em direção do outro);
- Depois, eles decidiram ir para a floresta de pinheiros (colocar os triângulos sobrepostos formando um pinheiro e usar o braço formando o tronco);
- Na floresta encontraram uma família acampando numa barraca iglu (dobrar um triângulo formando uma barraca), no alto da montanha (dois triângulos juntos formando a montanha e os dedos da mão representando o sol);

- O papai tinha barba (triângulo na frente do queixo);
- A mamãe tinha lindos brincos (triângulo em baixo das orelhas);
- O vovô se balançava na rede (triângulo no meio de seus braços balançando para frente e para trás);
- E a vovó, de avental, cozinhava o almoço (triângulo na frente da barriga);
- Tinha, também, a adolescente de biquini (triângulos formando o biquini);
- A menina com fitas no cabelo (triângulos como laços de fita);
- E o bebê, de fralda e babador (um triângulo como fralda e outro como babador);
- De repente, todos avistaram um coelho (triângulos imitando orelhas de coelho) e o Rex, seu cachorro, correu atrás dele (triângulos imitando orelhas de cachorro);
- O coelho foi para perto do lago e o Rex, seguindo-o, viu dois peixinhos namorando (balançar os triângulos um de frente para o outro formando os peixinhos);
- A família olhou para o céu e viu uma estrela (unir os dois triângulos formando uma estrela);
- Ao lado da estrela, tinha um balão colorido (formar um balão com os triângulos);
- O Rex percebeu que a família saiu para passear de barco sob a luz do luar (montar um barco com os triângulos);
- No meio do caminho seguiram a seta (mesmo movimento de formar a seta);
- E voltaram para a barraca (mesmo movimento de formar a barraca);
- Viram um barco (dobrar a base do triângulo no sentido vertical - dois centímetros - formando um barco);

- Olharam para o céu e viram os pirilampos (dobrar o barco ao meio, cortando o papel rente à base do mesmo, deixando mais ou menos dois centímetros sem cortar. Dobrar as partes laterais para baixo fazendo movimento do pirilampo);
- A cena era linda;
- Uma nuvem de pirilampos iluminando a noite (movimentar os pirilampos);
- E todos ficaram encantados com a magia dos triângulos.

Pontos para Reflexão

- São inerentes à própria vivência da técnica.

Cuidados e Dicas

- Pode-se criar qualquer história para fazer uma dobradura;
- Pode-se também explorar mais a folha de sulfite inteira, antes de recortá-la (abanador, chuveiro, toalha, garçom, frigideira, gravata borboleta, flauta, bigode, pulseira etc.);
- Pode-se também usar a criatividade para transformar o pirilampo em outros desenhos, tais como: coelho e foca.

* *Técnica vivenciada no curso: "Dobrando e construindo junto comigo" de Gláucia Sgarbi Lombardi - 26/07/96 - APAE - SP*

65 - A ESTRELA*

Autora Maria Marlene Gonçalves Lopes.

Objetivos

- Possibilitar uma reflexão sobre a vida pessoal e profissional de cada participante, tentando resgatar seus próprios valores;
- Facilitar o conhecimento de si mesmo e de seu papel num grupo;
- Promover o crescimento do grupo, através de novas descobertas.

População-Alvo

- Profissionais da saúde, de áreas afins, grupos de terceira idade, adolescentes, adultos e população em geral.

Número de Participantes

- 30 pessoas em média.

Tempo previsto

- 50 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla onde as pessoas possam se movimentar com liberdade.

Materiais Necessários

- Folhas de sulfite;
- Canetas hidrográficas azul ou preta;
- Fita crepe.

Instruções

- Distribuir aos participantes uma folha de sulfite e uma caneta;
- Solicitar que cada participante coloque o seu nome no meio do papel sulfite, desenhe em volta dele uma estrela de cinco pontas e, em cada ponta da estrela, escreva: penso, sinto, quero, faço e observo;
- Solicitar que os participantes escrevam dois itens em cada uma das cinco pontas em relação à:
 - vida pessoal
 - vida profissional
- Após todos os participantes terminarem, solicitar que escolham dois dos dez itens escritos e que os circulem com caneta ou lápis;
- Pedir que todos leiam para os demais participantes o que escolheram e escreveram.

Pontos para Reflexão

- Desenvolver um pequeno debate sobre as expectativas de vida futura;
- Estabelecer paralelos e semelhanças de opiniões;
- Vivenciar e planejar ações a médio e longo prazo.

Cuidados e Dicas

- Respeitar quem não quiser expor o que escreveu e escolheu;
- Podem ser feitas perguntas e os participantes devem escolher uma das pontas para responder;
- Nesse caso, necessita-se de uma pessoa para escrever as respostas para auxiliar no debate.

* Técnica vivenciada no Grupo de Terceira Idade "Estrela da Manhã". 2000.

66 - PIABA

Autor Domínio Público.

Adaptação Ana Cláudia Fedato Nascimento.

Objetivos

- Descontrair e integrar os participantes;
- Possibilitar o relaxamento do próprio corpo;
- Promover interação do grupo e propiciar contato corporal entre os participantes como forma de aquecimento.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, grupos de terceira idade, adultos, adolescentes, crianças e população em geral.

Número de Participantes

- 20 a 30 pessoas aproximadamente.

Tempo previsto

- 20 minutos em média.

Espaço Físico

- Sala ampla onde as pessoas possam se movimentar com liberdade.

Materiais Necessários

- Nenhum.

Instruções

- Solicitar que os participantes formem um círculo;
- Ensinar a letra da música;
- Iniciar a atividade cantando a música acompanhada dos gestos correspondentes que todos devem imitar;
- Música:

“Sai, sai, sai, piaba
Saia da lagoa
Sai, sai, sai, piaba
Saia da lagoa”

“Ponha a mão na cabeça
Tira, põe na cintura
Dá um remelexo no corpo
Dá um abraço no outro”.

- Orientar os participantes que abracem cada companheiro que estiver na sua frente no outro lado do círculo.

Pontos para Reflexão

- É a própria vivência e a emoção dos participantes.

Cuidados e Dicas

- Na música, a última frase pode ser substituída por “Joga a piaba na rua”;
- Caso o participante não queira participar da atividade, respeitar a sua decisão. Colocá-lo como observador e, na hora da reflexão, solicitar a sua opinião.

67 - O COMERCIAL*

Autor Domínio Público.

Adaptação Ana Cláudia Fedato Nascimento.

Objetivos

- Propiciar aos participantes oportunidade de refletirem sobre a temática do usuário portador de um agravo de saúde;
- Propiciar a socialização dos envolvidos na dinâmica;
- Vivenciar a participação num grupo através da dramatização.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, grupos comunitários e população em geral.

Número de Participantes

- 30 pessoas em média.

Tempo previsto

- 1 hora aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla onde as pessoas possam se movimentar com liberdade e local específico para a apresentação do comercial.

Materiais Necessários

- Folha sulfite de quatro cores (ex.: azul, verde, amarelo e rosa);
- Canetas hidrográficas;
- Sucatas;
- Vestuário e acessórios para compor os personagens.

Instruções

- Dividir as folhas do sulfite ao meio e reservar;
- Pedir aos participantes que fechem os olhos e imaginem a vulnerabilidade de um agravo de saúde e a vulnerabilidade do profissional que trabalha com o usuário;
- Distribuir meia folha de sulfite das diferentes cores para que todos escrevam a cena imaginada;
- A seguir, que cada um procure as demais pessoas com a mesma cor de sulfite para formarem um grupo;
- Solicitar que cada um dos participantes relate sua cena para o grupo, discutindo cada uma delas para a escolha de apenas uma para a dramatização do “comercial”;
- Recolher os papéis e distribuí-los aleatoriamente, para que cada grupo represente o caso que o outro grupo escolheu. Ex.: O grupo Rosa dramatizará o que o grupo Verde escreveu;
- Solicitar aos participantes a dramatização do “comercial”;
- Abrir para reflexão do tema em questão.

Pontos para Reflexão.

- Facilidades e dificuldades encontradas em relação ao tema e à atividade proposta;
- O trabalho com diferentes idéias para compor apenas uma idéia principal;
- Debate com o grupo sobre o tema vulnerabilidade.

Cuidados e Dicas

- Essa técnica poderá ser utilizada com grupos e temas diferentes com o mesmo êxito;
- Prestar atenção se existe alguém que não queira participar da dramatização e respeitar a decisão do participante.

* Técnica vivenciada no curso do Instituto Kaplan: “Viver Positivamente”. Setembro/1999.

68 - O JOGO DO CORPO I

Autor Domínio Público.

Adaptação Ana Cláudia Fedato Nascimento.

Objetivos

- Mobilizar as pessoas para o trabalho em equipe;
- Discutir o papel de cada um e de todos na divisão do trabalho;
- Analisar os conceitos de proposta de trabalho/ações, objetivos, temas e conteúdos, população-alvo, estratégias, carga horária, recursos humanos e materiais, resultados esperados, integração, planejamento e organização de serviços.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas da educação e conselheiros de saúde.

Número de Participantes

- 30 pessoas em média.

Tempo previsto

- 50 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla onde as pessoas possam se movimentar com liberdade.

Materiais Necessários

- Cartolina;
- Canetas hidrocor;
- Sacola ou caixa;
- Filipetas com números de 1 a 8;
- Painel ou *flip-chart*.

Instruções

- Pedir para que cada participante sorteie uma filipeta da sacola/caixa e forme grupos de acordo com o número retirado. Exemplo: Todos os números um (1) juntos.
- Solicitar que um representante venha buscar com o monitor as instruções para cada um dos 8 grupos (uma tarefa diferente para cada grupo):
 - Grupo 1: desenhe e recorte uma perna direita (**estratégias**);
 - Grupo 2: desenhe e recorte um pé direito (**recursos humanos e materiais**);
 - Grupo 3: desenhe e recorte uma perna esquerda (**carga horária**);
 - Grupo 4: desenhe e recorte um braço esquerdo com a mão (**temas e conteúdos propostos**);
 - Grupo 5: desenhe e recorte parte do tronco de um indivíduo (**objetivos**);
 - Grupo 6: desenhe e recorte um braço direito com a mão (**população-alvo**);
 - Grupo 7: desenhe e recorte um rosto com pescoço (**propostas de trabalho/ações**);
 - Grupo 8: desenhe e recorte um pé esquerdo (**resultados esperados**);
- Cada grupo deverá discutir sobre o(s) item(ns) proposto(s), durante 15 minutos, e esquematizar os dados necessários para um treinamento sobre ações de saúde, sobre um determinado tema. Ex.: Tuberculose, Hanseníase, Hipertensão Arterial, Diabetes, AIDS, Sexualidade, Amamentação, Gestantes;
- Após o término da atividade, pedir para que montem o corpo humano (treinamento) por inteiro. Cada grupo expõe o que foi discutido.

Pontos para Reflexão

- Facilidades e dificuldades encontradas em relação ao tema e à atividade proposta;
- Trabalho com uma parte apenas da atividade a ser planejada, sem saber o que os demais estão realizando;
- Propiciar um com o grupo sobre trabalho em equipe, divisão de tarefas e objetivos comuns.

Cuidados e Dicas

- Escolher temas que a maioria conheça para que possam desenvolvê-lo adequadamente;
- Uma variação proposta é que todos escolham um nome para o indivíduo criado (corpo humano) com características como: idade, estado civil, profissão, onde mora, classe social, *hobby* e, após isto, refletissem sobre o planejamento do treinamento incluindo objetivos, população-alvo, carga horária, temas propostos, recursos humanos e materiais, estratégias de trabalho, propostas de trabalho/ações e resultados esperados.

69 - O JOGO DO CORPO II*

Autor Domínio Público.

Adaptação Ana Cláudia Fedato Nascimento.

Objetivos

- Propiciar aos participantes oportunidades de relaxamento e de descontração;
- Motivar os envolvidos para a atividade;
- Vivenciar a participação num trabalho entre grupos;
- Discutir o trabalho em equipe.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, grupos de terceira idade, adultos, adolescentes e população em geral.

Número de Participantes

- 30 pessoas em média.

Tempo previsto

- 40 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla onde as pessoas possam se movimentar com liberdade.

Materiais Necessários

- Papel kraft;
- Pilot color de cores diferentes.

Instruções

- Solicitar aos participantes que andem pela sala que se conheçam e observem as características dos demais;
- Solicitar ao grupo que faça um círculo e que cada um realize uma massagem em si mesmo: no pescoço, nas costas, na coluna, na cabeça; pedir para esticar os braços, levantar os braços, respirar e soltar para relaxar o corpo;
- Dividir os participantes em quatro grupos: escolher um dos temas propostos. Ex: aparelho reprodutor interno (masculino e feminino);
- Solicitar que cada grupo crie um personagem (2 do sexo masculino; 2 do sexo feminino) com todas as características de um adolescente e que irá ser orientado num grupo sobre o tema sexualidade ou outro da sua escolha);
- Pedir para cada grupo desenhar o contorno do corpo de um dos participantes no papel kraft, inventar uma história para este adolescente, constando: idade, sexo, quem e local onde mora, se estuda (série), emoções/sentimentos, preocupações próprias da idade;
- Solicitar que cada grupo apresente o seu personagem com sua história.

Pontos para Reflexão

- Principais facilidades encontradas em relação ao tema proposto;
- Semelhanças entre os personagens;
- Estereótipos/estigmas dos personagens criados;
- Atividade e trabalho em equipe.

Cuidados e Dicas

- Pode ser também trabalho com pacientes portadores de HIV + discutindo auto-imagem, autopercepção etc.;
- Com grupos de terceira idade refletindo sobre o processo do envelhecimento;
- Com profissionais da saúde/educação sobre o papel de cada um no ambiente de trabalho.

* Técnica vivenciada no curso do Instituto Kaplan: “Viver Positivamente”. Setembro/1999

70 - ROCK POP

Autor Domínio Público.

Adaptação Ana Cláudia Fedato Nascimento.

Objetivos

- Descontrair e aquecer os participantes;
- Possibilitar relaxamento e contato com o próprio corpo (auto-imagem);
- Mobilizar e incentivar as pessoas para o trabalho em equipe.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de educação, de áreas afins, grupos de terceira idade, adultos, adolescentes, crianças, grupos comunitários e população em geral.

Tempo previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Número de Participantes

- 30 pessoas em média.

Espaço Físico

- Sala ampla onde as pessoas possam se movimentar com liberdade.

Materiais Necessários

- Nenhum.

Instruções

- Pedir aos participantes que formem um círculo e que façam movimentos de alongamento (braços/mãos esticadas para frente; braços/mão esticados para cima alongando a coluna; mexer os pés para o lado fazendo voltas com eles de um lado a outro; mexer e esticar as pernas para frente e para trás; dobrar os joelhos e flexionar as pernas lateralmente; espreguiçar-se totalmente soltando o corpo);
- Solicitar aos participantes que se cumprimentem de modos diferentes: com os cotovelos (exemplo: uma pessoa encosta os seus cotovelos aos dos demais); mãos abertas e juntas, joelhos (encostar os seus joelhos aos dos demais); pés, pontas dos dedos (nomear cada um dos dedos: mínimo, médio, anular, indicador e polegar); aperto de mão convencional, abraços, cumprimento com o bumbum e de costas;
- Pedir para que todos os participantes voltem à formação em círculo para cantarem a seguinte canção:

Refrão {Eu danço Rock Pop} BIS (todos os movimentos dançando em ritmo de Rock).

Eu ponho a **mão direita** dentro

Eu ponho a **mão direita** fora

Eu ponho a **mão direita** dentro

Chacoalho bem agora

Eu giro ao redor

E assim é bem melhor! UH! (batendo palmas e levantando os braços).

Refrão ...(e música e movimentos continuam);

- Substituir “mão direita” por: “mão esquerda”, “perna direita”, “perna esquerda”, “trololó” (bumbum), “cabeça” e “corpo inteiro”.

Pontos para Reflexão

- É a própria vivência e a emoção dos participantes.

Cuidados e Dicas

- Observação: somente utilizar o cumprimento do bumbum e das costas quando o grupo já se conhece e é acolhedor, nunca num primeiro contato e com pessoas desconhecidas;
- Pode ser utilizada com grupos de terceira idade, mas, prestar atenção antes se há alguém com problemas de saúde, para evitar causar algum transtorno ao indivíduo.

71 - O TREM

Autora Otilia Simões Janeiro Gonçalves.

Objetivos

- Propiciar a integração dos indivíduos no grupo e a introdução a temáticas várias;
- Discutir sobre as questões que interferem na iniciativa e tomada de decisão;
- Refletir sobre a importância da participação e da mobilização individual e coletiva.

População-Alvo

- Profissionais de saúde, de áreas afins, grupos comunitários e população em geral.

Número de Participantes

- 40 pessoas para mais.

Tempo previsto

- 30 minutos aproximadamente.

Espaço Físico

- Sala ampla que permita a movimentação das pessoas.

Materiais Necessários

- Cartolina branca ou colorida;
- Fita crepe de 3 a 5 centímetros de largura;
- Aparelho de som;
- CD com música - “Aí vem o trem” (de Zé Ramalho).

Instruções

- Solicitar voluntários para serem a locomotiva, as estações e os obstáculos;
- Formar duplas e, para cada dupla, dar o nome de uma estação para que definam o que falar sobre o tema em função do destino final (última estação). A cada estação, será mostrado um painel com o nome respectivo;
- Escolher voluntários para representarem, através de expressão corporal, os obstáculos escolhidos;
- Escolher voluntários ou monitores para mostrar as estações;
- Escolher um monitor para a leitura do texto;
- Distribuir tarefas, se possível, solicitando voluntários:

01 DUPLA PARA CADA UMA DAS PALAVRAS INDICADAS ABAIXO:

Locomotiva

Participação

Comunicação

Ética

Responsabilidade

Integração

Objetivo comum e qualidade de vida

Outras, à escolha dos monitores

VOLUNTÁRIOS PARA OBSTÁCULOS:

Fusca no trilho

Acabou o óleo Diesel

Sem comunicação com a próxima estação

Pedra no caminho

Outros, à escolha dos monitores

DISTRIBUIÇÃO DOS MONITORES

Leitura/Animação

Orientar os obstáculos

Orientar as estações e, após, indicar as mesmas

Pontos para Reflexão

- Comunicação;
- Participação;
- Trabalho em equipe;
- Responsabilidade;
- Objetivo comum;
- Tomada de decisão;
- Iniciativa.

Cuidados e Dicas

- Sem sugestões.

TEXTO PARA LEITURA: “O TREM”

Bem, temos uma proposta para vocês: uma viagem de trem. É um trem de verdade, tem até locomotiva. Só que nesse trem os vagões são diferentes. Sabem por que? Os vagões que são vocês, podem ouvir, falar e até fazer outras coisas, se quiserem, é claro.

A locomotiva também é diferente... pode ouvir... pode sentir os vagões e pode conduzi-los pelos trilhos traçados.

Vocês podem estar perguntando: de onde sai e para onde vai esse trem? Ele sai da estação AQUI-AGORA e vai até a estação (a critério do grupo) _____ . Antes disso, ele vai passar por várias estações que vocês irão conhecer.

Então... vocês topam fazer esse passeio até o fim da linha? Topam? Então, vamos formar o trem.

Ah! A locomotiva escutou vocês responderem que topam e já vai dar a saída... lá vai ela... piuí...piuí...chic...chic...

Ah! Mas, o que é aquilo que apareceu no trilho do trem? UM FUSCA NO TRILHO. E agora o que fazer? (dar um tempo para ver o que acontece).

Nosso passeio está prometendo muitas emoções. Estamos chegando na primeira estação. Parou. É a estação da PARTICIPAÇÃO (a dupla indicada deverá falar sobre o tema).

Bom, vamos continuar nossa viagem. Piuí...piuí...chic...chic... mas o que está acontecendo? O trem está diminuindo a marcha... diminuindo... e pára, mas não é nenhuma estação! O que é agora? ACABOU O ÓLEO DIESEL. O que vamos fazer? (dar um tempo para ver o que acontece).

Resolvido o problema do óleo diesel, vamos continuar a nossa viagem a caminho da nova estação. Qual será? É a estação da COMUNICAÇÃO (a dupla indicada deverá falar sobre o tema).

Continuemos nossa viagem. Mas surgiu um problema: estamos SEM COMUNICAÇÃO COM A PRÓXIMA ESTAÇÃO. O que vamos fazer? (aguardar a decisão do grupo).

Ótimo. Vamos continuar nossa viagem, piuí...piuí...chic...chic... temos pressa em

chegar ao nosso destino, mas olhe lá no horizonte! Estamos chegando na estação ÉTICA (a dupla indicada deverá falar sobre o tema).

Continuando nossa viagem. Vamos lá! Ôpa! O que é aquilo? UMA PEDRA NO CAMINHO. Será possível? O que vamos fazer? (aguardar a decisão do grupo). Essa viagem está uma loucura! Quantos imprevistos! Vamos desistir? Não?... então vamos continuar. Qual a nossa próxima parada? Será que é a última? Não. É a estação da RESPONSABILIDADE (a dupla deverá falar sobre o tema).

Continuamos a viagem, piuí..piuí...chic...chic... e chegamos à estação da INTEGRAÇÃO (a dupla indicada deverá falar sobre o tema).

Estamos quase chegando ao nosso destino, ao fim da viagem numa linda estação. Agora sim... Vamos em direção ao nosso destino final. A estação do OBJETIVO COMUM E DA QUALIDADE DE VIDA.

Parte II

CASOS PARA ESTUDO

**TEXTOS DIDÁTICOS
E PARA REFLEXÃO**

MENSAGENS E FRASES

DRAMATIZAÇÕES

CASOS PARA ESTUDO

- 1 - O Caso de Patrícia Diabetes
- 2 - O Caso de Severino Medicamentos
- 3 - O Caso de Francesco Hipertensão
- 4 - O Caso de Eduardo TRO
- 5 - O Caso de Luciano Tuberculose
- 6 - O Caso de Maria das Dores Raiva
- 7 - O Caso de dona Amélia Hipertensão
- 8 - O Caso de Daniele Gravidez na Adolescência
- 9 - O Caso de Bento Raiva
- 10 - O Caso do Morcego Raiva
- 11 - O Caso de Toby Raiva
- 12 - O Caso da aula de patologia Raiva
- 13 - O Caso de Arlindo Hipertensão/Diabetes
- 14 - O Caso do Silva Carpinteiro Vigilância Sanitária
- 15 - O Caso de d. Conceição Vigilância Sanitária
- 16 - O Caso da UBS de Lagoa Azul Org. Serviços
- 17 - O Caso de Ana Cristina Hanseníase
- 18 - O Caso do professor Carlos Hanseníase
- 19 - O Caso de Alfredo Tuberculose
- 20 - Descobertas e conflitos, entendendo o dia-a-dia Trabalho em Equipe
- 21 - Um mais um ou um menos um Trabalho em Equipe
- 22 - Organizando o serviço, desfazendo conflitos Trabalho em Equipe
- 23 - O Caso da Escola do Tempo Trabalho em Equipe
- 24 - O Caso da Escola da Vida Trabalho em Equipe
- 25 - O Caso de Dora Gravidez
- 26 - O Caso de Cleonice Gravidez
- 27 - O secretário vem aí Trabalho em Equipe
- 28 - A festa junina na escola Trabalho em Equipe
- 29 - O Caso de Ana Rosa Gravidez
- 30 - O Caso de Genésia Relacionamento Familiar
- 31 - O Caso da família de João Relacionamento Familiar

1. O CASO DE PATRÍCIA

Dona Nicota é viúva, tem 30 anos e mora num cômodo e cozinha na Bela Vista - Centro. Tem quatro filhos: Patrícia (4 anos), Paulinho (6 anos), Zeca (9 anos) e Fabiana (11 anos) e trabalha como faxineira diarista para sustentar a família.

Dona Nicota, o Zeca e a Patrícia são diabéticos e estão matriculados na Unidade Básica de Saúde Nossa Senhora da África. A ida de todos ao Posto para consulta e outros exames é muito dificultada por causa do horário de atendimento e, caso dona Nicota falte ao trabalho, não receberá a remuneração do dia.

Por causa desta dificuldade, não conseguiu marcar consulta para Patrícia que vinha se queixando de dor de dente há algum tempo, como era “dente de leite” não se preocupou muito.

Em sua ausência, quem cuida da casa e dos irmãos mais novos é a Fabiana.

Há quinze dias, Fabiana estava em casa com Paulinho e Patrícia, enquanto Zeca estava na escola, quando a menina mais uma vez começou a chorar com dor de dente. Fabiana aflita, resolveu perguntar para a vizinha o que fazer. Esta disse-lhe: “Dê um copo de água com bastante açúcar para acalmar a pequena Patrícia.”

Assim foi feito e, quando dona Nicota, chegou Patrícia estava ainda com o dente doendo e passando muito mal. Os irmãos, muito aflitos, diziam que não sabiam o que tinha acontecido e que não tinham feito nada de mal para a menina.

O posto de saúde não tinha médico naquele momento, então dona Nicota procurou o pronto-socorro, onde Patrícia foi medicada. Um funcionário chamou-lhe a atenção por não cuidar do controle de diabetes de sua filha. Dona Nicota, sem entender o porquê do comentário e cheia de dúvidas, voltou para sua casa levando a Patrícia que ainda se queixava de dor de dente.

- Identificar as variáveis (causas) que contribuíram para o desfecho da história;
- Discutir e relacionar aquelas que julgar relevantes.

Fonte: texto elaborado pelo Núcleo de Educação em Saúde/CVE/96.

2. O CASO DE SEVERINO

O sr. Severino da Silva, desempregado, trabalha como pedreiro nos finais de semana na construção de casas de mutirão, na região norte do distrito Anhangüera. Ele mora com sua família em uma casa de cômodo e cozinha cedida pela prefeitura. O sr. Severino tem quatro filhos: Rosivaldo (12 anos), Rosilaine (10 anos), Robilene (6 anos) e Robilaine de 6 meses.

Para sobreviver, diariamente toda a família faz coleta de material reciclável nas adjacências e, com a renda adquirida, fazem a refeição do dia.

Certa vez, a filha mais nova Robilaine, apresentou quadro de febre e choro constante.

A mãe, preocupada, levou-a ao posto de saúde mais próximo. O médico atendeu-a e receitou “Keflex”; quando a mãe chegou na farmácia do posto, o funcionário entregou-lhe o similar, Cefalexina.

A mãe, desconfiada, acabou por não dar a medicação por achar que a mesma estava errada, agravando o quadro da criança.

- Identificar algumas relações entre o caso estudado e o Programa Dose Certa.
- O Programa Dose Certa poderia contribuir/facilitar em algum aspecto do caso estudado?
- Quais outras variáveis devem ser consideradas no caso, pensando-se no contexto em que se inserem usuários/medicamentos/serviços de saúde?

Fonte: texto elaborado pelo Núcleo de Educação em Saúde/CVE, para os seminários de implantação do “Programa Dose Certa”, 1995/2000.

3. O CASO DE FRANCESCO

Francesco é o filho mais velho de dona Nina, uma italiana que sonha em ser avó.

Recém-casado e com 26 anos, Francesco surpreendeu-se com o diagnóstico de hipertensão, pois quando era solteiro e, até este momento, nunca apresentou sintoma algum que indicasse qualquer alteração em sua saúde. Afinal, é forte, pouco obeso, adora macarronada e repete o “prato” quando Mamma Nina prepara suas comidas temperadas e gordurosas. Mamma Nina “capricha” nos temperos e nas “comidas fortes” porque acredita que, assim, Francesco ficará bem nutrido e viril para que sua nora possa dar a ela o neto tão desejado.

Francesco, da varanda, observa a Mamma cantarolando na cozinha e pensa nos acontecimentos dos últimos dias: o médico informando o diagnóstico de hipertensão, recomendando os cuidados, dieta, evitar estresse, prescrevendo medicamentos e indicando controle médico periódico na Unidade Básica de Saúde. Como ele não entendeu a letra do médico, solicitou a ajuda de um amigo de trabalho; este “traduziu” e entendeu que o medicamento poderia causar impotência como efeito colateral. Tudo isso, mais a tentativa de convencer seu chefe a aceitar o atestado da UBS (acabou tendo o seu dia descontado), acrescentou a Francesco mais alguns dias de preocupação.

Procurando coragem para levantar da cadeira, Francesco reflete: como retornar à UBS sem perder o dia de trabalho? Como evitar o estresse se precisa cuidar de trinta homens trabalhando em campo? Como tomar o medicamento correndo risco de impotência? E o neto sonhado? E a dieta recomendada? E os sonhos de Giovana, sua esposa? Repentinamente, a voz da *Mamma* Nina se mistura ao aroma do succulento macarrão...

- Francesco, *viene mangiare!!!!*

- Identificar algumas relações entre o caso estudado e o Programa Dose Certa.
- O Programa Dose Certa poderia contribuir/facilitar em algum aspecto do caso estudado?
- Quais outras variáveis devem ser consideradas no caso, pensando-se no contexto em que se inserem usuários/medicamentos/serviços de saúde?

Fonte: texto elaborado por Otília Simões J. Gonçalves, para os seminários de implantação do “Programa Dose Certa”, 1995/2000.

4. O CASO DE EDUARDO

O sr. Nakamura é proprietário de uma gleba na região de Parelheiros, tem uma bela plantação de hortifrutigranjeiros em suas terras e emprega cerca de 30 chacareiros para a sua manutenção, entre eles, o sr. Sato, que mora com sua família em um cômodo e cozinha, cedidos pelo sr. Nakamura. O sr. Sato e dona Mitiko, têm quatro filhos: Roberto de 12 anos, Júlio de 10, Julieta de 6 e Eduardo de 10 meses.

Para aumentar a renda familiar, diariamente toda família, logo que amanhece, dirige-se para a horta trabalhando até o final da tarde. A refeição, preparada na véspera por dona Mitiko, é servida a todos no próprio local de trabalho.

Certo dia, durante a colheita, Eduardo apresentou um quadro de vômito e diarreia preocupando toda a família. Dona Mitiko, por não poder se ausentar do trabalho naquele momento, tomou a iniciativa de oferecer água a Eduardo para prevenir uma possível desidratação.

Ao final do dia, a família voltou para casa e dona Mitiko ofereceu ao filho chá de broto de goiabeira na expectativa de melhorar o quadro apresentado por ele. No dia seguinte, após constatar que os sintomas permaneciam, apesar dos cuidados tomados, dona Mitiko imediatamente dirigiu-se à Unidade Básica de Saúde mais próxima de sua casa percorrendo 2 Km a pé. Na UBS, foi informada que o pediatra estava de férias e que o tratamento seria feito pela equipe de enfermagem. Encaminhada à sala de enfermagem, recebeu atendimento imediato, bem como orientação e sal de reidratação para dar continuidade ao tratamento na residência e na horta. Foi orientada, também, sobre a necessidade de atualização da caderneta de vacinação, tendo sido encaminhada ao referido setor.

- Identificar algumas relações entre o caso estudado e o Programa Dose Certa.
- O Programa Dose Certa poderia contribuir/facilitar em algum aspecto do caso estudado?
- Quais outras variáveis devem ser consideradas no caso, pensando-se no contexto em que se inserem usuários/medicamentos/serviços de saúde?

Fonte: texto elaborado pelo Núcleo de Educação em Saúde/CVE, para os seminários de implantação do "Programa Dose Certa", 1995/2000

5. O CASO DE LUCIANO

Luciano da Silva de dois meses, que foi recém-nascido de risco devido a baixo peso, não foi levado à Unidade Básica de Saúde Vila Velha na data agendada. Na visita domiciliar, Ana Claudia funcionária da UBS, não encontrou a mãe de Luciano, pois a mesma trabalha como diarista. A avó, dona Marta, cuida das crianças Mariana (2 anos), Gabriela (5 anos) e Rafael (6 anos). Dona Marta é conhecida na UBS onde recebe curativos na úlcera crônica da perna esquerda. O pai das crianças foi embora quando Luciano nasceu e dona Marta lava roupa para fora ajudando a filha nas despesas da casa. Por ocasião da visita domiciliar, dona Marta apresentava um aspecto cansado, reclamava do excesso de trabalho e tossia muito. Referiu que a sua filha lhe pediu que levasse Luciano à UBS pois tinha consulta marcada, mas ela não tinha com quem deixar as outras crianças.

- Faça uma dramatização do caso e aponte os encaminhamentos necessários à assistência à saúde da família em questão.

6. O CASO DE MARIA DAS DORES

A enfermeira da UBS Vila Progresso encarregou Lúcia Helena de realizar uma visita domiciliar à sra. Maria das Dores, 58 anos, que não compareceu à UBS para completar esquema de vacinação anti-rábica. A sra. Maria das Dores havia sido mordida por um cão desconhecido e procurara o Pronto-Socorro local, onde iniciara esquema de 10 doses e 3 reforços de vacina anti-rábica e soro anti-rábico. Ao chegar na casa de dona Maria das Dores, Lúcia Helena foi abordada pela vizinha que, ao ver o carro da prefeitura, foi logo reclamar do acúmulo de lixo do quintal da casa de dona Maria das Dores.

Dona Maria das Dores mora sozinha, é analfabeta e vive da cata de lixo reciclável do lixão junto com outros moradores da favela. O acidente ocorreu no lixão e, nos últimos dias, ela não estava trabalhando, pois tinha febre e o local da mordida doía muito, estava vermelho e edemaciado. Referiu que não sabia onde deveria continuar a vacinação.

- Faça uma dramatização do caso e aponte os encaminhamentos necessários à assistência à saúde da usuária em questão.

7. O CASO DE DONA AMÉLIA

Dra. Estela solicitou à auxiliar de enfermagem Beatriz, da Unidade Básica de Saúde Nova Esperança, que fizesse uma visita domiciliar para a sra. Amélia, 72 anos, que frequenta o grupo de hipertensos da UBS e que não compareceu à consulta agendada. Na consulta anterior, dona Amélia referiu ter tido dois picos hipertensivos indo parar no pronto-socorro. Dra. Estela fez mudanças no esquema de tratamento e solicitou que ela retornasse após 10 dias. Dona Amélia mora na favela Beira Lima e Beatriz nunca havia ido à favela antes, de onde só conhecia o sr. Benedito que frequenta as reuniões do COMUS (Conselho Comunitário de Saúde) e que mora perto do Boteco na entrada da favela. Beatriz não localizou o barraco de dona Amélia.

- Faça uma dramatização do caso e aponte os encaminhamentos necessários à assistência à saúde de dona Amélia.

8. O CASO DE DANIELE

Ana Elisa é auxiliar de enfermagem da Unidade Básica de Saúde do Bairro Operário, está na escala de visita domiciliar desta semana. Entre outras visitas, há uma ficha de Investigação Epidemiológica de Sífilis congênita do RN de Daniele Silva Santos. A maioria das fichas desse setor não foi preenchida pois, ao fazer a visita hospitalar, as mães já tinham ido embora de alta.

Daniele mora com os pais, é a filha mais nova e tem 3 irmãos. Engravidou do primeiro namorado e ambos estudam na mesma escola, no período noturno.

Durante a visita, Daniele deixou que a mãe falasse por ela e apenas reclamou das rachaduras dos mamilos que doíam muito.

A mãe acompanhou Ana Elisa na sala, referiu que sempre alertava a filha para não engravidar e que a mesma não dava muita atenção. Tinha medo que a filha voltasse a engravidar e gostaria que ela retornasse à escola. A situação da família está difícil, seu marido foi despedido da fábrica e está fazendo bico como pintor.

- Faça uma dramatização do caso e aponte os encaminhamentos necessários à assistência à saúde dessa família.

Fonte: textos 5,6,7 e 8 elaborados pelo Núcleo de Educação em Saúde do CVE e pela equipe da Vigilância Epidemiológica da Secretaria Municipal da Saúde de São José dos Campos, para a "Oficina de visita domiciliar no controle dos agravos à saúde", 1999.

9. O CASO DE BENTO

Bento comprou um macaco-prego de uma pessoa que comercializava animais exóticos em uma esquina próxima ao seu local de trabalho.

O animal apresentava-se tranqüilo, reagia pouco a estímulos, era desdentado e seus dedos eram desprovidos de unhas.

No dia seguinte à compra, o animal guinchava assustado e fugia à aproximação das pessoas.

Com o tempo, ele se habituou ao contato humano e suas unhas cresceram. Ao brincar, ele mordiscava as mãos, o rosto ou as costas das pessoas que com ele brincavam.

Aos quatro meses de domiciliação, passou a manifestar comportamento mais agressivo, chegando a ferir pessoas que com ele interagissem.

Um belo dia, quebrou a janela da casa, subiu no telhado e afastou-se, não sendo mais localizado.

- Discutir e analisar o caso frente às medidas de controle da raiva.

Dicas para o facilitador/monitor estimular o grupo a levar em consideração durante a discussão, com cuidado para não induzir respostas:

- Comércio ilegal de animais exóticos e selvagens - (Legislação do Ibama);
- Posse destas espécies em áreas urbanas;
- Zoonoses que podem transmitir, inclusive raiva;
- Condutas de comerciantes clandestinos que serram os dentes, arrancam as unhas e drogam estes animais para simular docilidade dos mesmos;
- Potencial de transmissão da raiva por serem espécies de alto risco epidemiológico para esta doença;
- Condutas médicas para prevenção da raiva humana na interação com macacos e outras espécies selvagens;
- Questão de vacinação animal com produtos preparados com vírus vivos atenuados e inativos;
- Lembrar as atividades educativas do Programa de Controle da Raiva;
- Tipo de vírus e vacinação.

Fonte: texto elaborado por técnicos do Instituto Pasteur e do Núcleo de Educação em Saúde/CVE, para os Seminários de Controle da Raiva, 1997/1998.

10. O CASO DO MORCEGO

Um morcego entrou na sala de aula da 8ª série do ensino fundamental, da escola do Bairro de Resende, caindo no chão.

O professor de Ciências Naturais aproveitou a oportunidade para ensinar aos alunos tópicos da biologia desta espécie animal.

Durante a aula e a demonstração prática, todos os alunos da classe manipularam o animal que mordeu o dedo indicador de um aluno.

A recomendação médica foi a de tratamento para prevenção da raiva humana, segundo o esquema de sorovacinação, para o aluno agredido.

- Discutir e analisar o caso frente às medidas de controle da raiva.

Dicas para o facilitador/monitor estimular o grupo a levar em consideração durante a discussão, com cuidado para não induzir respostas:

- A atitude do professor quanto a manipulação de um animal de espécie de alto risco para a raiva, a espécie do morcego e o risco oferecido na transmissão da raiva, a indicação de tratamento para prevenção da raiva humana nos casos de contato intensivo e/ou manipulação destes animais, mesmo sem história de agressão;
- Discutir diagnóstico laboratorial da raiva;
- Vigilância Epidemiológica: investigar circulação do vírus.

Fonte: texto elaborados por técnicos do Instituto Pasteur e Núcleo de Educação em Saúde/CVE, para os Seminários de Controle da Raiva, 1997/1998.

11. O CASO DE TOBBY

João é dono de um cachorro da raça Poodle, de linhagem pura e consta em seu “pedigree” o nome Toby de Mont Blanc. Os dois amigos brincavam diariamente, saíam a passeio com a coleira importada de Miami. Eram providenciadas todas as vacinas recomendadas, nos prazos indicados e a manutenção do cão era restrita à residência, sem contato com animais estranhos, o que era favorecido pelo lindo portão gradeado que o pai, o sr. Antônio, mandara instalar.

Há dois meses, a família do sr. Antônio foi envolvida em lamentável ocorrência. Um cachorro desconhecido, não conseguindo passar por entre as grades do portão, pulou o muro da casa vizinha e entrou na varanda da casa de João.

Quando Toby começou a ganir, João e seu pai, rapidamente, procuraram saber a causa e viram quando o cachorro invasor mordida o Poodle na região da cabeça.

O sr. Antônio procurou separá-los, sendo mordido algumas vezes na mão e no braço.

Ele conseguiu conter o cachorro agressor em uma caixa e colocou os dois cães em seu carro, levando-os, imediatamente ao veterinário.

Após a consulta, veio a triste notícia. O cão invasor apresentava sintomas de raiva e o Toby, que por ser muito novo não recebera a vacina contra raiva, deveria ser sacrificado.

Após o exame de laboratório, constatou-se que o cão de rua era positivo para raiva e o Toby negativo.

- Discutir e analisar o caso frente às medidas de controle da raiva.

Dicas para o facilitador/monitor estimular o grupo a levar em consideração durante a discussão, com cuidado para não induzir respostas:

- Conduta dos familiares;
- Conduta do veterinário:
 - com o animal invasor;
 - com Toby;
 - com os familiares (do inquérito foco);
- Exames de diagnósticos para raiva animal: sua confiabilidade, tempo de processamento, conservação para envio, tipo e identificação de material;
- Envio de material para diagnóstico;
- Sacrifício do animal.

Fonte: texto elaborado por técnicos do Instituto Pasteur e Núcleo de Educação em Saúde/CVE, para os Seminários de Controle da Raiva, 1997/1998.

12. O CASO DA AULA DE PATOLOGIA

Gilberto participou de uma aula de Patologia em que se realizou a necrópsia de um caprino. Entre seus colegas, professores e técnicos do Departamento, formavam um grupo de 18 pessoas das quais 6 tinham tratamento para prevenção da raiva humana, segundo o esquema de pré-exposição, mas com controle sorológico atrasado.

Durante o desenvolvimento da necrópsia, uma pessoa feriu-se com o bisturi, outra arranhou-se em recortes ósseos do crânio e outras tiveram suas luvas rasgadas, contato direto com sangue ou com material do cérebro e da boca do corpo necropsiado.

O diagnóstico de laboratório da “causa mortis”, foi raiva.

Avaliados pelo serviço médico, as 18 pessoas receberam indicação de sorovacinação.

- Discutir e analisar o caso frente às medidas de controle da raiva.

Dicas para o facilitador/monitor estimular o grupo a levar em consideração durante a discussão, com cuidado para não induzir respostas:

- Tratamento pré-exposição para grupos de risco, controle sorológico periódico, tratamento de reexposição para pessoas com tratamento anterior, uso de soro anti-rábico para pessoas com tratamento anterior, uso de soro anti-rábico para pessoas com tratamento completo ou incompleto anterior, trabalho de estudantes, professores técnicos de escolas médicas, veterinárias, odontológicas e outras em atividades de técnica cirúrgica, patologia animal, cirurgia experimental e outras similares.
- Sorologia : como está sendo feita.

Fonte: texto elaborado por técnicos do Instituto Pasteur e do Núcleo de Educação em Saúde/CVE, para os Seminários de Controle da Raiva, 1997/1998.

13. O CASO DO SR. ARLINDO

Dona Loreta adora cozinhar. Aprendeu com a mãe, neta de italianos, a fazer pratos com molho à bolonhesa e molho branco com bastante queijo. Tem uma amiga, a dona Aparecida, que é mineira e, como dona Loreta, não sai da cozinha preparando deliciosas receitas da sua terra natal, como tutu e torresmo. Também, como dona Loreta e dona Aparecida, tem a dona Izabel, nordestina arretada, que sabe preparar como ninguém um delicioso bobó de camarão, buchada de bode, acarajé e outras delícias. “Seu” José também faz parte deste time, é carioca da gema e sabe preparar muito bem, uma feijoada completa com aquela caipirinha.

Essa equipe adora receber os amigos nos finais de semana para saborear os pratos preparados com bastante capricho.

O sr. Arlindo, marido da dona Loreta é motorista de ônibus, aproveitando seu dia de folga, deitado no sofá assistindo TV, fumando, sente o cheirinho do “toicinho” do feijão que dona Loreta prepara.

Após o almoço, saboreando o delicioso quindim, lembra das palavras do médico na última consulta, após ter feito os exames de laboratório quando foi constatado que é hipertenso, diabético e está com colesterol alto.

- O que o grupo faria para ajudar o sr. Arlindo?

Dicas para o facilitador/monitor estimular o grupo a levar em consideração durante a discussão, com cuidado para não induzir respostas:

A necessidade de:

- Substituir alimentos “pesados”, gordurosos, aumentando o consumo de legumes, vegetais e carnes brancas;
- Diminuir a ingestão de gordura, sal, açúcar e álcool;
- Deixar de fumar;
- Praticar exercícios físicos diariamente, durante 30 minutos: caminhar, nadar, andar de bicicleta, cuidar do jardim, ir ao mercado a pé, cuidar da casa etc.;
- Fazer exames preventivos e controle médico rotineiramente;
- Considerar a possibilidade de fazerem cursos de culinária sobre pratos alternativos, dentro da cultura de cada um, promovidos, às vezes gratuitamente, por certas instituições.

Fonte: texto elaborado por Maria de Lourdes B. Diniz.

14. O CASO DO SR. SILVA - CARPINTEIRO

O sr. Silva, carpinteiro, 40 anos, casado, com 7 filhos, residente no bairro de Poranjá, comprou um terreno e construiu com muita dificuldade sua casa. Como o bairro não era servido pela rede de esgoto, o sr. Silva pediu orientação para um vizinho entendido do assunto, para construir uma fossa séptica em seu quintal.

Tudo pronto, dirigiu-se à Prefeitura Municipal para pegar o “Habite-se” de sua casa, com os documentos solicitados para tal. Passou no cartório, registrou a escritura e feliz pensou: “Agora estou sossegado, está tudo em ordem.” Passando algum tempo, em um dado dia, ao acordar deparou-se com sua fossa estourada, com fezes transbordando pelo quintal, escorrendo pela rua e vizinhança.

Coçou a cabeça, matutou e muito irritado pensou: “Como vou resolver este problema? Estou desempregado e não tenho dinheiro.”

O sol começou a esquentar, o mau cheiro a incomodar, as moscas a “zuar” e a vizinhança, para variar, a reclamar e brigar. A confusão estava instalada!

O sr. Silva, sem saber o que fazer, resolveu ligar para a Vigilância Sanitária para pedir orientação na resolução do problema. O fiscal da Vigilância Sanitária compareceu, verificou a situação e no meio de tanta confusão comentou: “Também, com uma construção tão errada não poderia ser diferente.” O sr. Silva explicou: “mas foi meu vizinho, que entende de construção de fossa, que me orientou”. O fiscal respondeu: “Ele pode entender de outras construções, mas não de como instalar uma fossa séptica.”

Diante desse confronto e da continuidade da briga dos vizinhos, o fiscal resolveu chamar seu chefe para ajudá-lo a resolver o problema. Seu chefe, sr. Mário, ao receber o telefonema, exclamou: “mas também estou com problemas, estou atendendo um comerciante, a solicitação do Promotor, a Câmara cobrando e o Delegado também querendo conversar comigo, portanto será impossível ir até aí neste momento”.

A balbúrdia na rua da casa do sr. Silva continuou, só parando com a ida de todos para a Delegacia de Polícia, sem que o assunto fosse resolvido.

- Discutir e analisar o caso.

Fonte: texto elaborado por Maria Aparecida P. Sanches, para a “Oficina Pedagógica de Educação em Saúde e as Ações de Vigilância”, P.M. de Jacareí, 1999.

15. O CASO DE DONA CONCEIÇÃO

Dona Conceição, senhora de 50 anos, mãe de Maria de 22 anos e Alzira de 20 anos, pobre, luta com dificuldades para se sustentar e ajudar Maria a cuidar de dois filhos, um de 5 anos e outro de 3 anos. O pai das crianças quase nunca aparece.

Alzira trabalha em uma fábrica de imagens de santos, de artesanato, e ganha pouco mas ajuda também no sustento da família.

Dona Conceição, todos os dias sai junto com Alzira para trabalhar, só que ela “trabalha” no lixão. Está satisfeita, pois com a cata do lixo, além de ajudar no sustento da família já conseguiu comprar uma televisão e um aparelho de som.

O lixão do município é concorrido, tem muitos catadores e todos “trabalham” à vontade, pois não existe nenhum “fiscal” da prefeitura atrapalhando a cata.

O lixo é muito rico, pois a cidade é turística e os turistas deixam a cidade coberta de lixo nos finais de semana. A prefeitura recolhe o lixo e joga ali naquele terreno próximo ao sítio do sr. José, que sempre está criando caso. Quando o caminhão de lixo chega é uma festa mas, às vezes, sai briga pela disputa daqueles objetos que são julgados “mais valiosos.”

Dona Conceição, para facilitar o trabalho, construiu um “casebre” no lixão, já que passa o dia todo ali, fica mais fácil para abrigar-se da chuva e fazer ali mesmo suas refeições. Muitos catadores também construíram seus casebres, alguns não têm com quem deixar as crianças e elas precisam ficar ali e até ajudam no trabalho.

Só uma coisa dona Conceição não gosta, é dos mosquitos, por isto está sempre com a cabeça e a boca cobertas com um pano e fica o tempo todo se abanando.

Outro dia, foi uma correria no lixão quando dona Conceição foi catar uma lata e acabou quase decepando o dedo polegar. Ainda bem que o “Juca da Lita”, colega de trabalho, amarrou um pano no seu dedo e ela foi para o pronto-socorro.

Voltou para casa, mas não ficou boa, pois estava tendo calafrios e com muita febre.

Maria teve que deixar as crianças com a vizinha e levar dona Conceição de novo para o pronto-socorro. Desta vez ficou internada 5 dias tomando soro e antibiótico que, segundo as enfermeiras, eram muito caros. Quando saiu de lá, o médico disse para Maria que dona Conceição teve sorte de sair logo do hospital.

Tudo isto não desanimou aquela mulher lutadora. Com o encorajamento das filhas, ela voltou para o lixão e o “Juca da Lita”, aquele que cuidou de dona Conceição, também a incentivou a voltar.

“Juca da Lita” também havia sido internado uns dias na Santa Casa junto com seu filho de dez anos, depois de terem tomado um iogurte que Juca achou no lixão em uma bandeja quase inteira, jogado provavelmente por alguém muito “enjoado e rico”.

Todos os catadores estão satisfeitos, pois **ninguém** está lhes atrapalhando a **ganhar a vida**.

- Discutir e analisar o caso.

Fonte: texto elaborado por Nádya Maria Magalhães Meirelles, 1998, a partir de um caso real

16. O CASO DA UNIDADE DE SAÚDE DE LAGOA AZUL

A equipe de Vigilância Epidemiológica da Unidade de Saúde de Lagoa Azul, sentiu necessidade de realizar o diagnóstico epidemiológico do Município, para definir as prioridades e as ações a serem desenvolvidas.

A análise dos dados trouxe uma grande preocupação ao grupo: o alto índice de abandono ao tratamento de pessoas portadoras de alguns agravos de saúde como AIDS, Hanseníase e Tuberculose.

Para identificar os motivos que levaram os pacientes a abandonar o tratamento, decidiram realizar visitas domiciliares e, ao final, surpreenderam-se com os resultados:

- Uma porcentagem significativa dos abandonos era composta por pacientes que haviam apenas sido diagnosticados em Lagoa Azul tendo, imediatamente após, procurado outro Município para iniciar o tratamento. Isso pelo fato de ouvirem dizer que os funcionários da Unidade faziam comentários sobre pacientes à comunidade.
- Outros casos eram de pessoas alcoólatras ou com problemas mentais e que não haviam recebido a visita domiciliar no início do tratamento e nem acompanhamento por equipe multiprofissional.
- Outros ainda, abandonaram o tratamento por não terem entendido a orientação recebida na Unidade de Saúde por ocasião do diagnóstico e, na visita domiciliar, a única questão abordada foi sérias críticas à não-frequência à Unidade. Foi alertado que no caso de piora da doença ele seria o único culpado.

Fonte: texto elaborado pelo Núcleo de Educação em Saúde/CVE, a partir de idéias fornecidas pelo Departamento de Higiene da Prefeitura Municipal de Jacareí, "Oficina Pedagógica de Educação em Saúde e as ações de vigilância", 1999.

17. O CASO DE ANA CRISTINA

O sr. Pedro de Oliveira tem 43 anos, é casado com dona Filó e tem dois filhos adolescentes, Ana Cristina e Paulo César.

Os dois estão cursando a 2ª série do ensino médio, em escola particular, embora a situação financeira do sr. Pedro seja precária. Isto porque os pais querem que seus filhos tenham uma boa formação básica que garanta seu futuro.

O sr. Pedro, há quatro anos com diagnóstico de Hanseníase, iniciou o tratamento na Unidade Básica de Saúde de Boa Vista da Serra e, com receio de ser rejeitado pela família, amigos e colegas de trabalho, só revelou a doença para dona Filó. Ficaram felizes depois de dois anos quando ele teve “alta por cura”.

O fato foi esquecido até que há 15 dias quando Ana Cristina, suspeitando que contraíra uma micose na praia, onde passou as férias da escola, procurou um dermatologista que a encaminhou para a mesma Unidade Básica de Saúde onde seu pai se tratara.

Com o diagnóstico de Hanseníase, Ana Cristina chorou desesperadamente, porque nunca tinha ouvido falar “dessa doença”, nem na escola e nem conhecido ninguém que tivesse Hanseníase.

O sr. Pedro e dona Filó, cheios de incertezas, não sabiam o que fazer e resolveram novamente não falar sobre o passado, mas deram todo o apoio para a filha. Ana Cristina iniciou o tratamento, ainda com dúvidas, não acreditando no diagnóstico.

- Analisar o caso, identificando as variáveis/causas que interferiram para o desfecho da história.

Fonte: texto elaborado pelo Núcleo de Educação em Saúde/CVE, para a “Oficina de Educação em Saúde e as ações da vigilância”, P.M. Jacareí, 1999.

18. O CASO DO PROFESSOR CARLOS

O professor Carlos, Diretor da Escola Estadual do Bairro do Bonfim, gozava suas férias na praia com sua família.

Durante um banho de mar, sua esposa chamou sua atenção sobre uma mancha que observou na parte inferior de suas costas, comentando a rapidez com que uma micose se instala. Falou também sobre a poluição das águas e do perigo para todos. Carlos Eduardo concordou e respondeu: “vou conversar sobre este assunto com os professores, é muito importante orientar os alunos”.

De volta das férias, após vários tratamentos caseiros, a mancha continuou. O professor decidiu procurar um médico dermatologista conhecido que, após o exame, encaminhou-o para a Unidade de Saúde, com suspeita de Hanseníase.

Inconformado com a confirmação do diagnóstico, Carlos negou-se a iniciar o tratamento na sua cidade. Resolveu consultar outro médico em um hospital de renome na cidade vizinha.

Sendo diretor de uma escola, é uma pessoa muito conhecida, tem receio que o fato se torne público e ele seja desrespeitado pelos amigos, colegas de trabalho e mesmo que perca o cargo de diretor.

- O que podemos fazer para ajudar o professor Carlos?

Fonte: texto elaborado pelo Núcleo de Educação em Saúde/CVE, 1999.

19. O CASO DE ALFREDO

Alfredo é um jovem de 24 anos, ex-presidiário, ex-usuário de drogas (crack, maconha e cocaína), com comprometimento psiquiátrico, mora com a família e atualmente não está estudando ou trabalhando. Esteve internado no pronto-socorro da Santa Casa e, após a alta, foi encaminhado para o Programa de Tuberculose.

Devido a todos estes fatores, foi proposto tratamento supervisionado na Unidade Básica de Saúde, que fica a três quilômetros de sua casa. Logo na primeira semana, o paciente parou de ir à unidade para buscar a medicação. Devido a um problema de comunicação entre o Programa de Tuberculose e os demais setores da UBS, o paciente ficou 15 dias sem tratamento.

A equipe realizou visita domiciliar mas, mesmo assim, o paciente ficou mais de um mês sem tratamento. Após este prazo, foi realizada nova visita e o Alfredo compareceu no dia da consulta. O médico estava de férias e o paciente foi atendido pela auxiliar de enfermagem e pelo psicólogo. Foi marcado retorno para depois de 20 dias mas o médico não pode atendê-lo. Foi encaminhado para tirar raio X e retornar em outra data para outra consulta médica.

- O que será que aconteceu com o Alfredo, ele voltou?

Fonte: texto elaborado pelo Núcleo de Educação em Saúde/CVE, a partir de detalhes fornecidos pelo Departamento de Higiene da P.M. de Jacareí. "Oficina de Educação em Saúde e as ações de vigilância", 1999.

20 - DESCOBERTAS E CONFLITOS... ENTENDENDO O DIA-A-DIA

Já era a quarta reunião e a sensação era de que não avançáramos quase nada. As pessoas se esforçavam, mas trabalhar com a população não é fácil. Com esses pensamentos, Roberto repensava a sua trajetória como agente de saúde e parecia repetir os mesmos fatos e situações; lembrou quando teve problemas de coluna e durante muito tempo freqüentou o Posto de Saúde como usuário. “Roberto da Silva” (gritou a funcionária da enfermagem). “Entre e pode sentar”.

Roberto tentou dizer que era quase impossível sentar, mas foi “atropelado” pelo discurso da funcionária, “o sr. fez os exercícios conforme recomendamos?, tomou os remédios que o médico mandou?”, “não”, tentou falar o sr. Roberto, mas sem intervalo, continuou severamente a funcionária: “se o sr. não atende o que recomendamos fica difícil, nós estamos aqui para ajudá-lo, mas precisamos da sua colaboração, não adianta eu ficar repetindo a mesma coisa cada vez que o sr. vem aqui, melhor conversar novamente com o médico”. Roberto saiu e olhou o relógio e pensou: “Talvez fosse melhor eu voltar outro dia.”

Precisava falar das suas dificuldades para cumprir e repetir os exercícios, mas hoje era dia de reunião na escola de seus filhos.

Já na entrada da escola a situação também não foi fácil: “Pode esperar” (gritou a funcionária), “todos vão ser atendidos, é só uma questão de paciência e educação”. Sr. Roberto tentou dizer que não agüentava de dor, mas foi interrompido: “Dá para esperar ou não? Aqui não estamos à toa.”

E o seu pensamento continuava buscando lembranças, quando recordou fatos do dia anterior. Fora realizar as visitas nos domicílios de costume, quando constatou: carteira de vacinação atrasada, criança com diarreia tomando leite e curativos sem trocar. Aí, realmente não pode conter sua decepção. “Será que vocês não conseguem entender o que eu digo? Assim fica fácil, estou aqui para ajudar vocês, mas sem colaboração...”

O tom da voz, a dureza das palavras pareciam transmitir uma AUTORIDADE já bem conhecida de Roberto e já enfrentada por ele em várias situações. Ele pensava... pensava... pensava.

- Como exercer a liderança sem ser autoritário?
- Como ser enérgico sem ser intimidador?
- Como trabalhar COM a população e não PARA a população?
- Como conseguir reverter um modelo de atenção à saúde já incorporado pelas pessoas?
- Como conseguir ACEITAR o outro, usando o mesmo “espelho” que reflete as nossas próprias características?

Roberto ainda remoía essas dúvidas quando alguém falou: “Bom dia para todos.

Vamos começar a reunião.” Olhando seus colegas, ele pensou, sem ter coragem de falar: “Será que vocês também sentem o que eu sinto, será que temos conflitos iguais?”

- Discutir e analisar o caso.

Fonte: texto elaborado por Otilia Simões. J. Gonçalves, para a Oficina Pedagógica - “QUALIS, Onde estamos e para onde vamos?” ,1998.

21. UM MAIS UM OU UM MENOS UM...

Em quase 10 anos de profissão, Antonia nunca conseguiu ter uma equipe de trabalho. Teve que assumir ações de rotina de outras áreas, suprir a ausência de outros profissionais desdobrando-se para que o Posto de Saúde funcionasse a contento.

“Que bom seria se pudéssemos contar com outros profissionais para desenvolvermos uma proposta de trabalho que nos motivasse”, foi o pensamento que mais atormentou Antonia desde sua formatura; agora, finalmente, alcançou o que queria. Poderia integrar uma equipe com objetivos comuns e condições para um planejamento participativo das ações e prioridades. E lá esta ela, à frente dos novos parceiros, pura emoção, estímulo e vamos para a primeira, segunda, terceira, quarta...vigésima reunião.

E surpreendemos Antonia pensando: “Engraçado, desacostumei de ouvir tantas vozes. Será que é preciso discutir tanto para resolver qualquer coisa? Antes eu pensava e já fazia, o tempo rendia mais, hoje até chegarmos a um consenso, quando chegarmos...”

E os olhos de Antonia “passeavam” pelas salas e corredores, agora com tanta gente, com tantas mudanças. Afinal, tudo parecia mais simples e mais fácil quando só contava com ela mesma. Continuou refletindo sobre o momento atual: “Como é estranho, o dr. Mauro, nunca sabemos o que esta pensando, nunca demonstra suas emoções ou fica feliz com alguma coisa no trabalho e a Ana, então, quer sempre um detalhamento maior de tudo que é discutido, repete várias vezes as mesmas histórias de experiências anteriores e quando pensamos que finalmente acabou, retoma o mesmo ponto de discussão. A Pérola, esta sim, faz com que todos exercitem a paciência: é autoritária, centralizadora, mas se esforça para demonstrar uma postura democrática. Nestes dez meses realmente foi possível conhecer as pessoas.”

Mas, uma voz firme acorda Antonia de seus pensamentos:

- “Estamos com um problema sério em função de um encaminhamento

equivocado, vamos no reunir todos em minha sala”, falou dr. Rafael que, em seguida, já dentro da sala, continuou: “Na última reunião técnica discutimos em equipe o caso do sr. Reinaldo mas, infelizmente, a decisão tomada não teve um final feliz...”

Todos olharam para Antonia e ela, por alguns instantes, pensou: “Por que estão todos me olhando?... Estão pensando o quê de mim?... Estão me culpando de quê?”

Porém, rapidamente, Antonia espanta o passado e se recupera. A voz do dr. Rafael esclarece que ela foi responsável pela ata da última reunião e todos esperavam que ela recordasse o acontecido. “É bom trabalharmos juntos”, completou Rafael. “A responsabilidade compartilhada pela equipe é resultante do amadurecimento individual, coletivo e a tolerância diária com a rotina, com os colegas e com os usuários no trabalho contínuo; estamos sempre aprendendo a delegar, assumir, socializar. Enfim, é fazendo que aprendemos e é aprendendo que vamos nos sentindo mais seguros e fortalecendo o sentimento de GRUPO.”

Abrindo o livro de atas, Antonia suspira aliviada e pensa: “Por que estamos nos comportando como EU-QUIPE? Por que é tão complicado entender o outro e o papel que ele desempenha? Por que é tão difícil exercitar o trabalho em equipe? Como podemos aceitar a população, se não conseguimos aceitar a nós mesmos, colegas do dia-a-dia? Por que só nas horas de crise é que identificamos a força e a importância de realmente formamos um grupo de trabalho... de conseguirmos ser uma EQUIPE?”

- Discutir e analisar o caso.

Fonte: texto elaborado por Otilia Simões J. Gonçalves, para a Oficina Pedagógica - “QUALIS, onde estamos e para onde vamos?” , 1998.

22 - ORGANIZANDO O SERVIÇO... DESFAZENDO CONFLITOS...

Maria da Glória orgulhava-se por ser alguém que sempre procurou cumprir seus compromissos, otimizar os recursos para atender a rotina e qualificar os serviços prestados pela Unidade de Saúde. Talvez, por isso mesmo, sempre exerceu uma liderança formal ou informal entre os colegas de trabalho, coordenando as atividades e organizando as programações em saúde.

Nesta manhã, depois de muito esforço, estariam decidindo sobre a implantação do Programa de Prevenção de Câncer de Mama para as mulheres da região. Afinal, haviam discutido prioridades, haviam investigado as condições da população-alvo do Programa, haviam planejado cada etapa a ser implantada e discutido atividades, objetivos, resultados esperados, atribuições, responsabilidades individuais e coletivas.

Agora, nesta manhã, os profissionais da Unidade de Saúde estavam todos reunidos para os acertos finais. Márcia, balançando a caneta, pensava: “Esforçar-se, a gente se esforça, mas será que vale a pena? Será que realmente essas mulheres irão valorizar nossa proposta?”

À sua frente Ricardo sorria, mas lá dentro disfarçava um certo desconforto e pensava: “Espero que não retomem a discussão de horários da Unidade em função das possibilidades e necessidades da população, afinal, agora que eu comecei meu curso, não posso abrir mão. Meus horários já estão comprometidos.”

Do outro lado, Dulce parecia distante e pensava: “Como está sendo difícil conciliar os compromissos de casa e do trabalho. Ou me culpo porque fico ausente de casa, ou me sinto constrangida perante meus colegas porque nunca posso nada em horário nenhum e estou sempre com problemas para cumprir os horários de rotina.”

As pessoas foram chegando, sentando e Walter olhou para todos como se procurasse ler seus pensamentos. Afinal, ainda remoía a discussão da véspera com seus colegas de turma. “É difícil acreditar, somos impotentes para resolver tudo, até mesmo para sermos unidos; somos fracos e despreparados, ainda nos pegamos em coisas

pequenas que mais desgastam do que nos fazem crescer. Penso muitas vezes em ser egoísta, ganhar meu dinheiro e ponto final, apenas cumprir com a minha obrigação.”

Roberto olhou o relógio e lembrou que ainda tinha compromissos. Mariana pensou no supermercado por fazer e Dionísio tamborilou os dedos na mesa, preocupado com o percurso de carro e metrô, até chegar em seu próximo compromisso.

Maria da Glória chega entusiasmada, apresentando um participante inesperado, sr. Carlos, coordenador de trabalhos comunitários e um dos representantes da população de Água Doce, interior do Paraná. Usando suas próprias palavras, o sr. Carlos, com voz pausada vai surpreendendo a todos... “Quando pensamos em Programas para a população, temos que fazer um esforço para pensar e planejar como população que somos, com problemas, compromissos, horários, dúvidas e desafios. Pensando na nossa população da mesma forma, com as mesmas ou mais dificuldades até, quando adequamos as atividades às necessidades e disponibilidades somente de quem as realiza, corremos o risco de não considerar as disponibilidades e expectativas da população para quem trabalhamos tanto e de quem esperamos, ao menos, participação.” E todos conjuntamente pensaram: “Como conseguir trabalhar a Unidade de Saúde como um espaço onde programações sejam planejadas e realizadas, considerando, com a mesma importância, as situações cotidianas da vida de funcionários e população?”

- Discutir e analisar o caso.

Fonte: texto elaborado por Otilia Simões. J. Gonçalves, para a Oficina Pedagógica - “QUALIS, Onde estamos e para onde vamos?”, 1998.

23 - O CASO DA ESCOLA DO TEMPO

A cidade de Reviravolta da Serra possui duas escolas públicas municipais que atendem aproximadamente 80% da população em idade escolar do município.

Embora tendo condições precárias de funcionamento, tanto em área física como em equipamentos, os professores, a coordenadora municipal e o prefeito, têm destinado atenção especial à formação de suas crianças. O salário não satisfaz e não atende à expectativa dos envolvidos, mas o que é possível vai sendo feito e encaminhado.

Considerando a proximidade de início do ano letivo, a Escola do Tempo convoca reunião do grupo técnico e dos docentes para discussão e encaminhamento de providências.

São convocados para a reunião:

- A coordenadora municipal de educação;
- A diretora da escola;
- A coordenadora pedagógica;
- A orientadora educacional;
- Os professores;
- Os funcionários administrativos e auxiliares.

Um diagnóstico preliminar da escola sinaliza para os seguintes pontos:

- O grupo sempre teve discurso correto e de efeito, mas esse discurso não aconteceu nas ações concretas;
- A escola não tem definida uma diretriz pedagógica que oriente o planejamento e a execução das atividades;
- O clima de liberdade e democracia, gerado nas relações interpessoais, acabou por criar situações de constrangimento em oportunidades onde havia a exigência de cumprimento a normas, horários e observância de critérios gerais;
- As ações concretas, específicas de cada funcionário, acabaram por ser realizadas sem efetivo compromisso dos interessados, gerando um descompasso entre o “discurso” e as atividades realizadas;
- As relações interpessoais, circunstâncias momentâneas e superficiais, criaram “panelinhas” que estimulam a disputa, o não compromisso, a omissão;
- Os esforços, alguns coletivos outros individuais, para trabalhar a idéia de integralidade do grupo e da escola, acabaram em um sem-número de reuniões onde a discussão era intensa, mas o encaminhamento concreto e objetivo para que o discutido acontecesse, não ocorria;

- Os envolvidos mostravam-se sempre disponíveis e interessados no momento das reuniões mas, na rotina diária, as situações mantinham-se iguais e as tentativas e esforços de mudança não saíam da intenção, nem do papel;
- As situações de maior conflito eram sempre enfrentadas através de licença médica “providenciais” que adiavam os enfrentamentos necessários.

Tudo isso trazia um clima “morno” a qualquer proposta de evento e a reunião deste dia não parecia diferente.

A representante da Secretaria Municipal de Educação inicia a reunião, dizendo: “O ano eleitoral acaba criando um clima de terror nos municípios e a área da educação também não vai ficar fora disso. A questão salarial não será considerada; pelo contrário, está sendo trabalhada a idéia de avaliação de desempenho de todos que trabalham na escola, mas como isso vai acontecer e os prováveis desdobramentos disso, ainda é coisa discutida em nível de cúpula do poder. É indispensável a atenção de todos ao que é feito e falado, pois tudo pode ser observado, considerado e avaliado. Espero contar com colaboração de todos, porque o momento não está fácil para ninguém.”

Retirando-se, desejou boa sorte a todos.

Discussão de Grupo:

- Qual o provável encaminhamento da reunião?
- Qual a provável reação dos participantes?
- Quais procedimentos e encaminhamentos o grupo e/ou as pessoas envolvidas podem adotar?
- Qual a provável dinâmica da escola para o ano letivo diante desses fatos?

Continuação do Caso 23

Bem, parece que conseguimos alguns dados novos que podem ajudar na discussão que é a “agenda oculta dos envolvidos”, ou seja, aquilo que eles estão pensando, mas não podem explicitar.

- 1º - A representante da Secretaria Municipal de Educação sai imaginando que deu um bom “susto” em todo mundo, que com certeza eles vão ficar “mexidos” e irão procurá-la individual e particularmente e dispõe-se intimamente a oferecer a ajuda que for necessária.
- 2º - A Diretora da Escola reflete se realmente fez a melhor escolha quando assumiu a Direção e pensa consigo mesma se é a pessoa certa para o cargo. Sente uma imensa insegurança, um vazio interior e reflete se outra pessoa no seu lugar teria feito mais ou melhor. Não sabe o que dizer, com quem contar, em quem confiar, mas acredita que não pode “abandonar o barco”.
- 3º - A Orientadora Educacional pensa que o “castigo” foi merecido pois, afinal, “ninguém está aí com nada” e agora a situação “apertou”. Imagina que é necessário demonstrar solidariedade e união porque, se o barco afundar, afundam todos. Lamenta não ter insistido mais e exigido mais do grupo nas oportunidades que dividiram conjuntamente.

- 4º - A Assistente Técnica lembra do favor político que a colocou na escola e lamenta não ter enfrentado as situações decorrentes disso. Ao invés de se proteger com “licenças médicas” providenciais (reflete ela sobre a capacidade e o potencial técnico que possui e que já foi reconhecida em outras oportunidades), arrepende-se de não ter se esforçado e se dedicado tanto quanto poderia.
- 5º - Os professores alternam pensamentos:
- “O professor não tem culpa se a escola como um todo não responde às expectativas”;
 - “Apesar das dificuldades, a questão técnica poderia ter avançado e o grupo poderia ter crescido”;
 - “O melhor é ‘empurrar com a barriga’, porque a questão política é sempre passageira”;
 - “A escola poderia ter uma proposta e um trabalho consistente que garantisse o direito de argumentação num momento como este”;
 - “O grupo nunca foi unido e agora vai ser um ‘salve-se quem puder”;
 - “Talvez a urgência da situação desencadeie um processo de discussão que leve à união e ao amadurecimento do grupo”;
 - “Alguns colegas são realmente sérios e comprometidos e eu tenho certeza que não estou sozinho”;
 - “Vou telefonar para aquele político meu amigo e garantir o meu sossego”;
 - “As mudanças, as transformações só acontecem quando realmente as pessoas são obrigadas a enfrentar a realidade e pensar sobre ela”;
- 6º - As merendeiras e os demais funcionários alternam pensamentos também:
- “Vou me esforçar mais, afinal tenho feito apenas o que é minha obrigação”;
 - “Só fiz o que todos faziam, uma andorinha não faz verão”;
 - “Somos tão poucos, podíamos ser mais fortes se fôssemos unidos”;
 - “Acabamos por desgastar outros colegas com pequenas ‘picuinhas’ desnecessárias, poderíamos ter poupado tempo e esforço”;
 - “Afinal em quem confiar? Tenho amigos sinceros?”;
 - “Como os outros vão reagir, a quem devo apoiar?”;
 - “Se não houvessem dois colegas em licença nós seríamos mais gente para pensar”;
 - “Agora entendo porque existe o diretor da escola; é como o pai na família, todos esperam tudo dele”;
 - “A responsabilidade tem que ser compartilhada, ninguém ‘segura essa barra”;
 - “Onde foi que erramos? Se pudéssemos voltar o tempo...”;
 - “Cada um sabe a dor ou a delícia de ser o que é.”

Trabalho em Grupo:

Essas novas informações alteram a primeira discussão? Por que?
Fazer comentários gerais e a conclusão.

Fonte: texto elaborado por Otília Simões, J. Gonçalves e Maria Aparecida P. Sanches, 1998.

24 - O CASO DA ESCOLA DA VIDA

A cidade de Reviravolta da Serra possui duas escolas públicas municipais que atendem aproximadamente 80% da população em idade escolar do município.

Embora tendo condições precárias de funcionamento, tanto em área física como em equipamentos, os professores, a coordenadora municipal e o prefeito, têm destinado atenção especial à formação de suas crianças. O salário não satisfaz e não atende à expectativa dos envolvidos, mas o que é possível vai sendo feito e encaminhado.

Considerando a proximidade de início do ano letivo, a Escola da Vida convoca reunião do grupo técnico e dos docentes para discussão e encaminhamento de providências.

São convocados para a reunião:

- A coordenadora municipal de educação;
- A diretora da escola;
- A coordenadora pedagógica;
- A orientadora educacional;
- Os professores;
- Os funcionários administrativos e auxiliares.

Um diagnóstico preliminar da escola sinaliza para os seguintes pontos:

- O grupo sempre foi unido com objetivos comuns de trabalho;
- Embora em funções e papéis diferentes, todos os elementos do grupo são “comprometidos” com o que fazem;
- A realização de reuniões técnicas sistemáticas permitiu que o grupo definisse qual proposta pedagógica deveria orientar as atividades docentes na escola;
- A metodologia definida e aceita para sustentar o processo ensino-aprendizagem foi a participativa, envolvendo e considerando a realidade concreta onde a escola está inserida;
- As tentativas exercitadas, para colocar em prática modelos teóricos definidos nas opções adotadas, implicaram no fortalecimento do grupo, uma vez que todos se consideravam aprendizes e não havia o “medo” de errar, mas o estímulo a tentar, criar, rever, aperfeiçoar, trocar;
- As dificuldades e as arestas das relações interpessoais, foram trabalhadas de forma aberta, transparente, buscando-se o crescimento, o aprendizado, anulando-se as “fococas”, o “falatório” e “competição desleal”;
- Os pais e/ou familiares dos alunos foram considerados como parte integrante do processo de atenção integral ao educando, planejando-se atividades que envolviam escola/família e outras instituições oficiais e não-oficiais do município.

Tudo isso proporcionou satisfação pessoal e profissional a todos que trabalhavam na escola, porém, o início da reunião desta tarde deixava uma certa inquietação no ar, com fundamento.

- A representante do Secretário Municipal de Educação anuncia que em ano eleitoral como este, não poderia garantir a continuidade do apoio que a escola sempre recebeu da Prefeitura e tampouco a permanência de todos em seus cargos;
- Informa ainda que os salários vão ficar “congelados”, sem previsão a médio prazo de aumento;
- Recomenda que as reuniões envolvendo pais e outras instituições devam “passar pelo crivo” da autorização oficial para não caracterizar uso político das mesmas;
- Coloca que o índice de aprovação e a satisfação das famílias usuárias é condição indispensável para que a escola seja considerada “base de apoio” ao candidato do Prefeito;
- Encerra sua participação reiterando que os tempos estão mudados; que a questão participativa deve ser controlada pela necessidade imposta de se garantir a continuidade do processo com a eleição do candidato apoiado pelo atual prefeito; que ele (o prefeito) sempre foi um grande colaborador da Escola e que, mesmo não sendo técnico da área, nunca impediu nem dificultou suas propostas e suas atividades.

A representante da Secretaria Municipal de Educação retira-se e todos entreolham-se atônitos.

Discussão em Grupo:

- Qual o provável encaminhamento da reunião?
- Qual a provável reação dos participantes?
- Quais procedimentos e encaminhamentos o grupo e/ou as pessoas envolvidas podem adotar?
- Qual a provável dinâmica da escola para o ano letivo diante desses fatos?

Continuação do Caso 24

Bem, parece que conseguimos alguns dados novos que podem ajudar na discussão, que é a “agenda oculta dos envolvidos”, ou seja, aquilo que eles estão pensando mas não podem explicitar.

- 1º - A representante da Secretaria Municipal de Educação sai imaginando até quando vai ter que se “prestar” às questões políticas e pensa: “Se não fosse a minha provável candidatura à vereança, com certeza eu não passaria por cima de tudo que acredito.”
- 2º - A Diretora “respira fundo” e imagina que o seu esforço não foi em vão; pensa que todos trabalharam muito, que a “garra” em alcançar o que queriam fortaleceu o grupo e que “não há de ser uma ingerência política que vai quebrar nossa união, afinal fazemos porque acreditamos em um ideal e isso nos dá a força para continuarmos juntos”.

- 3º - A orientadora educacional pensa na dificuldade em manter a filosofia da escola diante das pressões. Ela já vivenciou situação semelhante no Pós-64 e presenciou o desânimo, o cansaço, a impotência diante do medo de perder emprego, salário, cargo, situação. Ao mesmo tempo, acredita que as pessoas têm capacidade de reagir e que as coisas ruins não podem acontecer sempre de forma igual; as pessoas também aprendem a ter discernimento e coragem.
- 4º - A assistente técnica revive na memória toda a luta e o esforço para alcançar o que hoje tem; pensa se valeu a pena, depois de tudo, um discurso como o que acabara de ouvir e que encarna o poder, torna tudo sem sentido. Mas, ao mesmo tempo, questiona-se internamente sobre o que fazer.
- 5º - Os professores alternam pensamentos:
- “Para ganhar tão pouco, valeu a pena todo sacrifício?”
 - “É hora de colocarmos em prática o que discursamos o tempo todo, somos um grupo, não estamos sós” ;
 - “Melhor agora é tirar licença”;
 - “Ainda que isso nos seja imposto, valeu a experiência e os resultados alcançados até agora”;
 - “Bem que eu não queria me envolver, política é fogo, vou ficar muda e sair calada”;
 - “Sinto no olhar dos colegas que estamos diante de mais um desafio; a procura de alternativas vai fortalecer ainda mais o grupo”;
 - “Arroz com feijão, para esse ano letivo está muito bom, afinal já fizemos muito”.
- 6º - As merendeiras e os demais funcionários alternam pensamentos também:
- “Eu não posso ser transferida, moro perto daqui”;
 - “As pessoas aqui na escola sempre foram como uma família; a gente agora tem que se unir mais”;
 - “Acho que toda aquela liberdade vai acabar”;
 - “Vou tratar de só cumprir a minha obrigação”;
 - “Quero ver se as mães agora vão ficar do nosso lado”;
 - “Aprendemos tanto juntos que, com certeza, estamos preparados para mais uma lição.”

Trabalho em Grupo:

Essas novas informações alteram a primeira discussão? Por que?

Fazer comentários gerais e as conclusões.

Fonte: texto elaborado por Otilia Simões J. Gonçalves e Maria Aparecida P. Sanches, 1998.

25 - O CASO DE DORA

Dora tem 23 anos e será mãe pela primeira vez; está no 6º mês de gravidez e muito preocupada porque o médico disse a ela que o bico do seu seio é invertido e isso poderá dificultar na amamentação do bebê:

- Ouviu a vizinha reclamar que não conseguiu amamentar seu filho, porque o seio empedrou, o bico rachou e doía muito;
- Ouviu também sua tia dizer que o leite materno é fraco e que o melhor mesmo é dar mamadeira para a criança.
- Que orientação esse grupo daria para a Dora, se a conhecesse?

26 - O CASO DE CLEONICE

Cleonice tem 23 anos e será mãe pela primeira vez; está no 9º mês de gravidez aguardando para qualquer momento o nascimento do bebê.

Cleonice não participou do grupo de gestantes do Centro de Saúde da Vila Cotoxó e está cheia de dúvidas em relação à gravidez, ao parto e aos cuidados com o bebê. Uma das suas preocupações é sobre a hora de ir para a maternidade.

- Quais são os sinais de alerta para ir para a maternidade?
- Vamos imaginar que a Cleonice já está em trabalho de parto no hospital para ter seu bebê: Como ela poderá ajudar a equipe médica na hora do parto para que seu bebê nasça mais rápido?

Fonte: textos 25 e 26 elaborados por Maria de Lourdes B. Diniz.

27 - O SECRETÁRIO VEM AÍ!

Na EEPSG Alto da Serra tudo corria normalmente quando chegou um aviso da Delegacia de Ensino: “Esta Escola foi escolhida pelo Secretário da Educação para uma visita.”

Essa não, na nossa escola? Não tinha como fugir, precisavam planejar o grande dia!

O Diretor convocou os funcionários e professores para uma reunião para passar instruções e as tarefas que precisariam ser executadas antes e no dia da visita:

- Escola limpa: sala de aula, pátio, cozinha e banheiro;
- Lanche para o dia da visita, dona Leocádia, a merendeira, deve planejar;
- Os inspetores não podem descuidar das crianças no dia. Já pensaram se houver um acidente com uma criança?
- A professora de Educação Física deve planejar uma atividade diferente para a recepção.

Passadas as instruções, o Diretor diz ao grupo: “Era isso que eu tinha para falar, agora fica tudo a cargo de vocês. Nossa escola tem que ficar a altura da visita do Secretário.”

Após a reunião, quais eram as preocupações dos funcionários?

Dos inspetores: “Se todos (alunos, funcionários e professores) cuidassem no dia-a-dia da limpeza da escola, não daria agora tanto trabalho.”

Dos professores: “O humor de todos nós vai estar uma coisa muito séria! Essa visita deveria ser encarada como um fato normal, sem sairmos da rotina, deveríamos ser autênticos, mostrando a realidade como ela é.”

As merendeiras comentaram: “Coitada da professora de Educação Física, vai ter que quebrar a cabeça para arrumar alguma coisa diferente para fazer.”

A professora de Educação Física: “Os inspetores de alunos que também fazem outras atividades importantes, agora vão ter também que cuidar das crianças!”

Cada um pensava no que o outro tinha que fazer e ficava penalizado!

Questões para Discussão:

- O que será que cada um pensava do seu próprio trabalho, do seu papel na escola?
- Se o Secretário marcasse uma visita na sua escola, como vocês se organizariam?

Fonte: texto elaborado por Otilia Simões. J. Gonçalves e Maria Aparecida P. Sanches, 1998.

28 - A FESTA JUNINA NA ESCOLA

Alguns funcionários da EEPSG Prof. Antonio João da Silva decidiram que iriam fazer uma festa junina na escola. Seria uma festa de confraternização entre funcionários, alunos e comunidade. Embora nem todos aceitassem a idéia, partiram para marcar a data.

Aí começaram os desencontros!

O Diretor não tinha preferência porque com o nome da escola ele já homenageava quase todos os santos festeiros. Para ele tanto fazia: Santo Antonio, São João ou São Pedro, eles que decidissem.

Mas, entre os funcionários a coisa não foi fácil porque cada um tinha uma razão muito importante para a data de sua escolha. A escola como um ambiente coletivo parecia ficar em 2º plano, então a data foi decidida pelo pessoal da secretaria: seria na véspera de São João.

Começaram os planos, o que comer, que enfeites fariam, teria fogueira, fogos?

Dona Pamela, a merendeira comentou: “Pessoal, que pena. Se esta festa tivesse sido antes, poderíamos ter aproveitado toda salsicha que recebemos, mas o prazo de validade já venceu!”

O Diretor, sr. Epitácio, indicou o sr. Carlindo da administração para organizar a festa e ele então criou comissões para desenvolver as diferentes tarefas. Era muita coisa para providenciar, então o sr. Carlindo argumentou: “Se não nos organizarmos, não vai sair nada!”

Formaram-se as comissões e no começo, tudo bem, mas com o tempo misturaram-se os funcionários e o afã era tanto que ninguém sabia mais a que comissão pertencia. O sr. Carlindo ficava atordoado com tamanha confusão e, por fim, afastou-se observando de longe, esperando para ver no final o que iria acontecer.

Chegou o grande dia!

E, apesar de tudo, o entusiasmo e a alegria dos alunos e pais fez da festa um sucesso, compensando o desgaste, os desentendimentos e a sobrecarga de alguns funcionários no preparo da festa.

O pessoal da escola comentou: “Foi ótimo! Mas, poderia ter sido melhor, quem sabe da próxima vez nós nos organizamos de verdade! E viva São João!!!”

Questões para Discussão:

- Na opinião do grupo, que fatos contribuíram para o desgaste, os desentendimentos e a sobrecarga de alguns funcionários?

Fonte: texto elaborado por Otília Simões. J. Gonçalves e Maria Aparecida P. Sanches, 1998.

29 - O CASO DE ANA ROSA

Ana Rosa tem 25 anos, três filhos e o quarto morreu de desidratação há um ano e meio, grávida pela 5ª vez, é empregada doméstica, recebendo um salário mínimo por mês e o marido está desempregado.

Essa gravidez está diferente das outras, tem as pernas inchadas e pesadas já no 5º mês, tonteiras, desânimo e se cansa à toa. Resolve procurar a Unidade de Saúde mais próxima de sua casa, chega às 7h e espera na fila a Unidade abrir. A atendente preenche vários papéis e envelope e manda esperar na 3ª sala à esquerda. Ana Rosa espera por mais algum tempo ansiosa pela consulta, pois não pode chegar atrasada no serviço ou a patroa desconta o dia. Na pré-consulta verificam apenas sua temperatura e ela é encaminhada para a consulta médica.

No consultório, o médico rapidamente pede para Ana Rosa deitar-se na cama, ela se levanta e obedece, sente-se pouco confortável, acha os lençóis sujos e velhos. O médico se aproxima, apalpa e mede a barriga, ouve o bebê e se afasta dizendo-lhe: “Pode se levantar.” Em seguida, entrega-lhe uma receita pedindo que melhore a alimentação e faça repouso, disse ainda: “A senhora precisa fazer esses exames.”

Na pós-consulta a funcionária diz: “Tome esse remédio e traga, daqui a dez dias, a urina e as fezes e vá a farmácia pegar o remédio.” Ana Rosa encontra a farmácia fechada, pois a funcionária havia saído e tem que esperar mais uma hora. Entrega então a receita à moça que lhe responde: “A senhora precisa comprar o remédio, porque está em falta.” Ana Rosa sai com a receita e os papéis na mão, tenta ler, mas não compreende a letra do médico.

Após 10 dias, Ana Rosa volta com as fezes e a urina em vidrinhos que a vizinha aconselhou a lavar com água, sabão e passar álcool “para esterilizar”. Chegando, a funcionária lhe disse: “Hoje não tem vaga para consulta médica, a senhora vai passar por um atendimento de enfermagem”; Ana Rosa diz: “Eu trouxe o cocô e o xixi” e a funcionária responde: “Hoje não é dia de exame, a senhora precisa voltar outro dia.”

Ana Rosa já está no 6º mês e continua do mesmo jeito. É orientada a continuar com o mesmo remédio e para trazer o material dos exames na 4ª feira. Ana Rosa pergunta o que deve fazer com o xixi e com o cocô que trouxe e a funcionária lhe responde que deve jogar fora. Frustrada e decepcionada, Ana Rosa sai da Unidade e resolve nunca mais voltar.

Passa-se o tempo e ela continua com os mesmos sintomas, inchada, com dor, cansada, sem ânimo, até que chegam as dores do parto. Procura o hospital mais próximo tentando encontrar vaga, não consegue e é orientada a procurar outro hospital. Sai caminhando, pois não tem dinheiro para pagar condução. Caminha, caminha, caminha, sente a dor aumentar, um líquido escorrer pelas pernas, pede ajuda. É levada por uma viatura da polícia, a um hospital onde é informada que deverá ser operada, que será submetida a uma cesariana. Ana Rosa não sente o bebê mexer. Durante a cirurgia, Ana Rosa não ouve o bebê chorar, quer perguntar mas não consegue...

O Grupo Deve:

- Identificar as variadas causas que contribuíram para o desfecho da história.
- Discutir e relacionar aquelas que julgar relevantes.

Fonte: texto elaborado por Maria de Lourdes B. Diniz, 1999

30 - O CASO DE GENÉSIA

Dona Genésia procurou a Secretaria do Bem-Estar Social do Município de Buriti do Sul, para receber o benefício da Cesta Básica, devido ao desemprego do marido.

Após vários atendimentos, foi incluída na lista de espera para futura participação no Projeto Melhor Saúde, visto ter uma proposta viável, de acordo com os objetivos do Programa, que também estaria beneficiando a família com geração de outra fonte de renda.

Em janeiro de 1999, foi incluída no Projeto para que pudesse receber a verba e, assim, utilizá-la na concretização de sua proposta inicial, que era a de construir uma horta comunitária. Contudo, devido à uma mudança no Projeto, a verba esperada somente foi liberada em julho de 2000.

Dona Genésia está casada há dezessete anos e tem quatro filhos. Seu marido tem 39 anos de idade e seus filhos dezoito, quinze, dez e sete anos respectivamente. O marido está há mais de três anos desempregado e vem fazendo serviços esporádicos. Ele trabalhou muito tempo na MEG e tudo o que tem na casa provém dessa época, quando tinha registro na carteira profissional. Vivem numa casa simples, organizada e limpa, onde percebe-se a tentativa dos moradores em preservar a estabilidade do passado. Hoje as paredes são escuras devido à umidade e a ligação da energia elétrica é clandestina.

Deixaram de pagar as prestações da casa própria que está para ser leiloada, o marido tornou-se uma pessoa amarga, de comportamento agressivo e irresponsável. Até há poucos meses atrás, era o filho que trabalhava como guarda-mirim que provinha à única renda da família. Agora, com dezoito anos completos, ele foi dispensado para servir ao Exército. Esse filho tinha uma namorada de quatorze anos que acabou ficando grávida e a mãe da garota, além de pressionar dona Genésia e seu filho para que assumissem as despesas com remédios, também queria que sua filha fosse morar com a sogra. Dona Genésia muito preocupada, pensou como assumir mais duas pessoas se já não conseguia cuidar de seus próprios filhos.

Assim que passou a receber o subsídio do Programa Melhor Saúde, seu marido, que era acomodado, ficou pior. Deixou todas as responsabilidades para a esposa e ainda exigia dela dinheiro para pagar suas dívidas de jogo e bebidas no bar.

Dona Genésia é uma pessoa esforçada e tem conseguido administrar o que ganha e vem mantendo a horta com a venda dos lanches naturais vendidos no final de semana.

Pretende ainda construir uma barraca, em frente à sua casa, para vender legumes e continuar mantendo a família com seu próprio salário.

No último contato com dona Genésia, ela estava muito deprimida e preocupada, pois os conflitos com o marido estavam mais constantes e não suportava mais conviver com ele. Orientamos e encaminhamos dona Genésia para a divisão de Atendimento da Mulher, objetivando que a mesma seja acompanhada de forma que possa solucionar sua situação.

- Discutir e analisar o caso.

Fonte: texto utilizado em Oficina Pedagógica com profissionais de saúde dos municípios da DIR de São José dos Campos, 1998.

31 - O CASO DA FAMÍLIA DO JOÃO

O sr. João, 40 anos, e dona Maria, 35 anos, são casados há 17 anos têm três filhos, sendo dois homens e uma mulher.

A relação do casal sempre foi boa, segundo depoimento do sr. João, que procurou o atendimento do Centro de Saúde dizendo que sempre procurou dar o melhor para a família e que eles tinham algumas discussões, mas nada que pudesse interferir no relacionamento.

Contou que dona Maria conheceu outra pessoa, começou um caso extraconjugal e que ele, desconfiado, pressionou-a, fazendo-a revelar o caso; que, a partir daí, o relacionamento do casal começou a “degringolar”, havendo brigas constantes e agressividade de ambas as partes e dona Maria passou a negligenciar os afazeres domésticos.

Devido às brigas constantes, dona Maria procurou a Secretaria da Saúde e Assistência Social para solicitar abrigo, permanecendo no mesmo apenas por uma noite, resolvendo retornar à sua casa no dia seguinte.

A partir desse episódio, o casal passou a ser atendido sistematicamente pelo “Programa de Saúde Mental” da unidade, porém não se vincularam ao mesmo devido ao fato do marido sentir-se perseguido pelo técnico que acompanhava o caso, dizendo que o mesmo “estava contra ele”.

Dona Maria continuou comparecendo às reuniões sempre falando em separação, que o casamento estava ruim, que não dava mais, solicitando inclusive orientação jurídica sobre seus direitos.

Apesar do acompanhamento especializado a situação não se modificava, o casal vivia em conflito, ora tudo maravilhoso, ora ruim, com ameaças de separação da esposa e de agressão por parte do marido; até que dona Maria resolveu sair do “Programa”, alegando que iriam continuar assim mesmo, pois ela não trabalha, não tem para onde ir, não quer perder as regalias do casamento e iria aprender a lidar com os ciúmes do marido.

- Discutir e analisar o caso.

Fonte: texto utilizado em Oficina Pedagógica com profissionais da saúde dos municípios da DIR de São José dos Campos, 1998.

TEXTOS DIDÁTICOS E PARA REFLEXÃO

- O Doce Mistério da Luz
- Animais e sua Simbologia
- A Fábula do Jabuti Ensinando a Todos Nós
- Bichinhos da Terra
- A História do Jacaré
- Águia ou Galinha
- A Árvore dos Amigos
- O Presente
- Nascimento
- A Verdade
- Apenas uma Centelha
- Um Dia Você Aprende
- Cometas e Estrelas
- O Encontro dos Homens através do Diálogo
- Reaprendendo a Aprender
- A Caminhada... Construindo uma Nova Maneira de Trabalhar
- Os Gansos nos Ensinam a Trabalhar em Equipe
- Quem Sou Eu?
- Alegremo-nos por ser uma Simples Gota d'Água
- A Catedral
- Conversa não Conversada
- A Menina do Vestido Azul

O DOCE MISTÉRIO DA LUZ

Era uma vez uma fogueirinha. Ela era uma fogueira pequena e bonita como tantas outras que enfeitavam o cenário e aqueciam as pessoas do vento frio que soprava do mar. E eram muitas pessoas, muito vento, muitos dias e muitas fogueirinhas e em um momento a fogueirinha pensou: “Por que eu estou aqui? Qual a importância que tenho fazendo sempre a mesma rotina, igual a todas as outras? Não faço falta nenhuma, ninguém vai reparar em mim.” E questionando tantas coisas, olhou firme para as estrelas e caminhou pela fumaça, tentando sair de si mesma, buscando respostas.

Uma estrela, vendo a fogueirinha assim tão atormentada, ofereceu-lhe carona no seu *BRILHO* e falou baixinho: “Venha aqui junto de mim, alto, mas bem alto. Agora, vamos juntas olhar lá pra baixo.” E a fogueirinha impressionada olhou, reconhecendo rapidamente o que via: era o mesmo cenário que sempre a rodeou, mas ali do alto, tudo era diferente; na realidade eram muitas, muitas fogueirinhas, além do que ela imaginava. O vento muito forte “soprava” de forma diferente em cada lugar, a terra se misturava às pedras, à vegetação, ao mar, chegava mesmo a virar deserto em alguns lugares. As pessoas também não eram todas iguais como parecia lá embaixo, mas as fogueirinhas...*QUE REVELAÇÃO!*

Lá do brilho da estrela, era possível vê-las e, mais do que isso, *ERA POSSÍVEL DISTINGUI-LAS* umas das outras. Umas eram muito altas e capazes de proteger tudo à sua volta; outras eram fortes e aqueciam lugares mais frios; outras, mesmo pequenas, quase no chão, garantiam a luz e a segurança de quem estava ao relento; outras eram capazes de espalhar fagulhas e chispas, impedindo que outras fogueirinhas se apagassem. *E TODAS JUNTAS FORMAVAM UM SISTEMA HARMONIOSO*, capaz até de sinalizar o ímpeto de algumas fogueirinhas que, tentando encontrar espaço certo, com a melhor das intenções e sem perceber, ameaçavam de incêndio o que de mais bonito havia à sua volta.

A *ESTRELA* continuou: “Você não viu tudo. Olhe do outro lado, ainda há fogueirinhas tentando se refazer a partir das cinzas e da brasa, após a chuva forte que as derrubou. Ainda esperam o sol, capaz de reanimá-las com calor e energia e assim são todas vocês,” continuou a estrela, “fogueirinhas com brilho próprio, com importância e *MUITO VALOR*, cada uma procurando fazer o melhor no espaço que ocupa e *NECESSARIAMENTE INTERDEPENDENTES E SOLIDÁRIAS NO SEU CONJUNTO, PARA CONSEGUIR ATINGIR OS OBJETIVOS COMUNS A TODAS AS FOGUEIRINHAS*”. “É isso mesmo”, pensou nossa amiguinha. “Só aqui do alto consegui perceber tudo isso. Foi preciso sair de dentro de mim, do meu próprio egoísmo, para conseguir ver a mim mesma, perceber os outros e enxergar tudo que está à minha volta. Mais do que isso, consegui entender a *UNLÃO*, o sentimento de estar *JUNTO, FAZER PARTE, COMPARTILHAR*. Tudo o que eu questionava: importância, valor, rotina, só tem sentido quando integrado a alguém, *COM ALGUÉM, POR ALGUÉM*; isto realmente significa *NÃO ESTAR SÓ*.” A *ESTRELA* ainda procurava nossa amiguinha no seu brilho, quando viu lá embaixo uma fogueirinha especial, diferente, aquecendo e iluminando outras à sua volta. Reconheceu, então, a fogueirinha com quem conversava e percebeu que agora *ELALHE DEVOLVIA MUITA LUZ, RECEBENDO E REALIMENTANDO O BRILHO QUE ELA, ESTRELA, SEMPRE LHE OFERECIU*.

Fonte: texto elaborado por Otilia Simões. J. Gonçalves - baseado em “O Mundo - Livro dos Abraços” de Eduardo Galeano.

ANIMAIS E SUA SIMBOLOGIA

Aquilo que a natureza levou milhões de anos para desenvolver, pode hoje desaparecer em um piscar de olhos, graças à letalidade instantânea de nossa vida avançada e tecnologia de alto impacto ambiental.

Oceanos inteiros, camadas da biosfera, rios e suas nascentes, a terra e seus frutos, florestas, vales e montanhas, nada mais é inatingível. Como um deus às avessas, incapaz de criar vida, o homem finalmente tornou-se senhor absoluto da tecnologia da morte e vem dando conta do inconfessável desatino de destruir o planeta que é seu meio vital. Nada poderia expressar melhor essa catástrofe do que a progressiva extinção das espécies animais, sem defesa, sem voz e sem protesto. Um a um eles vão sumindo, abatidos, baleados, encurralados em becos sem saída, banidos até os limites dos campos habitáveis. Essa maldade radical existe no homem. Os animais são uma referência no mundo, na existência e com eles temos aprendido muito.

Presente no cotidiano, nos sonhos, nas fantasias, nos mitos, nos contos de fada, no folclore e na arte, o animal, é uma das imagens mais poderosas para o ser humano, tanto no mundo externo quanto no interno. Observá-lo em seu habitat natural evoca em nós um sentimento súbito e profundo de respeito e encantamento. Sua vívida presença nos desperta para a Fonte que cria e sustenta todos os seres.

Neste mundo tão instável, a estabilidade da vida animal e seu comportamento padronizado e homogêneo são pontos de referência na relação do homem com seu ambiente. Para compreender a si mesmo, o homem necessita entender os animais e seu simbolismo.

A observação do animal nos religa aos instintos que nele estão presentes sem a repressão e a distorção que aparecem no homem, servindo assim como o melhor antídoto para o sentimento de robotização. Nesse sentido, a multiplicidade do comportamento animal libera o homem e amplia suas possibilidades de **SER**.

Já há cerca de 2.000 anos, os animais deixaram de ser sagrados e vêm sendo degradados e extintos pelo homem. A passagem de uma atitude predatória para visão conservacionista coincide com a pergunta: qual o lugar dos animais na vida humana e planetária?

Uma postura de humanidade e respeito frente aos animais passou a ser essencial para a própria sobrevivência do nosso planeta.

Uma unidade fundamental para o equilíbrio ecológico é a compreensão das relações homem-animal.

Ao se perguntar de onde e para onde vai, o homem se depara com o mistério da vida e da morte, sem perceber a participação do animal como seu companheiro nessa trajetória.

Na história contemporânea, só agora a humanidade desperta para a força dessa ligação e seu significado no processo do desenvolvimento humano.

Fonte: texto elaborado por Neide Aparecida Bassi - baseado no livro “ Os animais e a Psiquê, do simbolismo à consciência”, de Denise Ramos.

Educação em Saúde: Coletânea de Técnicas - Volume II - Núcleo de Educação em Saúde-CVE/SES/SP (versão para Internet agosto/2003)

A FÁBULA DO JABUTI ENSINANDO A TODOS NÓS

A sabedoria popular diz: “Se você está andando por uma estrada e vê um jabuti em cima de uma árvore, não mexa; jabuti não sobe em árvores, alguém o colocou ali.”

Transportando esta historinha para o dia-a-dia de serviço, imaginemos a reação de um funcionário recém-admitido ao deparar-se com um jabuti em cima de uma árvore. Em geral, para mostrar serviço, ele tenta arrancar o jabuti da árvore para levá-lo ao chefe.

- “Chefe imagine! Achei um jabuti em cima de uma árvore, logicamente eu o tirei e o trouxe aqui, para que o senhor decida o que vamos fazer com ele”.
- “Idiota, demorei cinco anos para encaixar o jabuti na árvore e agora você o arrancou, fique com ele, o problema é seu.”

Em nossa historinha o funcionário esqueceu a famosa sabedoria popular, jabuti não trepa em árvores, mas o que ele deveria ter feito? Deveria era ter questionado por que o jabuti estava ali, há quanto tempo, quanto custa manter o jabuti em cima da árvore, se havia outros jabutis etc. Aí sim, ele estaria planejando uma mudança e respeitando a cultura dos serviços.

A história mostra que essa cultura formada ao longo da vida dos serviços e também nos de Saúde, não muda de uma hora para a outra; que a árvore e o jabuti não são simples contingências. E na verdade, resiste às investidas daquelas que querem modificá-las irrefletidamente em sua essência. Ela deve ser respeitada e estudada para que, aos poucos, possa ser modificada.

Fonte: Domínio Público.

BICHINHOS DA TERRA

O Universo, dizem os sábios, tem uns cinco bilhões de anos. A Terra, com quatro bilhões e meio, é um pouco mais jovem. A vida surgiu aqui há cerca de seiscentos milhões e meio, os peixes há quatrocentos milhões, os répteis e aves há duzentos e vinte e cinco milhões.

Os hominídeos, nossos avós mais longínquos surgiram há três milhões de anos e nós mesmos, os *Homo sapiens*, tal como somos agora, surgimos muito recentemente, há uns cinqüenta mil anos. Os brasileiros, acabaram de completar quinhentos anos.

Faça você um exercício bonito: ponha a história do mundo na escala de um dia e uma noite de 24 horas; o Universo teria surgido a zero hora, a Terra... etc.

Alinharei todos esses números para mostrar como somos pequeninos, você e eu como bichinhos da Terra, insignificantes, de vida brevíssima e muito enfezados, tão, mas tão briguentos uns contra os outros e tão desastrados no convívio com as outras formas de vida, vegetais e animais, que até podemos acabar com a vida no planeta.

Não precisava e nem devia ser assim, mesmo porque é perfeitamente possível melhorar muito a vida, a nossa vida e a vida em geral, sem chegarmos a tanto. É claro que continuaremos cultivando plantas para comer, criando bichos para matar e devorar, derrubando árvores para fazer coisas etc.; isso é natural, é a lei da natureza, que sabe fazer mais vida com tantas mortes.

Reclamo é contra a destruição insensata das terras, contra a poluição das águas, contra o envenenamento dos ares que debilitam todas as formas de vida, inclusive a nossa. O ideal seria fazer do planeta Terra o jardim dos homens, o santuário das plantas e dos bichos e nele um mundo justo e belo, em que toda a gente comesse todo dia e cada um respeitasse os direitos de todos os outros. Compor uma sociedade em que se cultivassem as ciências e as artes e na qual cada criança pudesse se fazer herdeira do patrimônio de sabedoria e de beleza da humanidade. Isto tudo num esforço conjunto de fazer vicejar todas as formas de vida. Se a vida desaparecesse, se apagaria a consciência que o mundo pode ter de si mesmo. O Universo, os astros, todos, a matéria e o tempo que nem sabem de nós, permaneceriam aí, indiferentes. Nós humanos, recriamos a vida por atos da vontade. Para fazermos um mundo melhor para nós, mesmo sem querer, fizemos um núcleo através do qual o Universo se sabe, se vê, se conhece. Esta é a obra dos homens no Cosmos, uns bichinhos inteligentes e laboriosos.

Fonte: texto elaborado por Neide Aparecida Bassi - baseado no livro "Noções de Coisas", de Ziraldo D. Ribeiro, 1995.

A HISTÓRIA DO JACARÉ

Walter recebe de seu chefe a missão de drenar um pântano. Ele tem recursos financeiros, equipamentos (bombas, tanques e outros) e pessoal apto para atender suas necessidades, mas como é o típico profissional do “deixa comigo”, ele vai indo pântano adentro segurando os tubos que darão início à drenagem. Neste instante, um jacaré morde a perna de Walter e o nosso herói, grande desbravador, bate com os tubos na cabeça do jacaré e faz todo o possível para “se mandar” e sobreviver. A partir desse momento, o problema dele é matar o jacaré, **não só aquele, mas todos os outros que foram atraídos pelo barulho.**

Seis meses depois, o chefe de visita à obra pergunta: “Walter, você já drenou o pântano”? **“Drenar ainda não deu, mas veja quantos jacarés nós já matamos.”**

Só que a missão de Walter não era caçar jacarés, era drenar o pântano. Ele, por trabalhar com um grau mínimo de planejamento, transformou seus objetivos, **virou um bom caçador de jacarés, mas perdeu o emprego, pois não drenou o pântano.**

Na vida profissional temos as tarefas prioritárias, os pântanos a serem drenados, e o jacaré, que representa o dia-a-dia, está lá para ser trabalhado de forma planejada. Tentando prever o comportamento de variáveis com as quais lidaremos, conseguiremos drenar o pântano **e dormiremos TRANQUÍLOS, sem pesadelos de jacaré.**

Planejamento é um exercício, não é loteria ou outro jogo de azar; planejar é exercitar possibilidades para não sermos surpreendidos por variáveis que não conhecemos; não é um EXERCÍCIO para dar certo, seu objetivo é mostrar os caminhos, as alternativas, as dúvidas e as possibilidades.

Fonte: Domínio Público.

ÁGUIA OU GALINHA?

Era uma vez um camponês que foi à floresta vizinha apanhar um pássaro para mantê-lo cativo em sua casa. Conseguiu pegar um filhote de águia, colocou-o na galinheiro junto com as galinhas, onde ele comia milho e ração própria para galinhas, embora a águia fosse o rei/rainha de todos os pássaros.

Depois de cinco anos, este homem recebeu em sua casa a visita de um naturalista. Enquanto passeavam pelo jardim, disse o naturalista:

- Este pássaro aí não é galinha. É uma águia.
- De fato - disse o camponês. É águia. Mas eu a criei como galinha. Ela não é mais uma águia. Transformou-se em galinha como as outras, apesar das asas de quase três metros de extensão.
- Não - retrucou o naturalista. Ela é e será sempre uma águia, pois tem um coração de águia. Este coração a fará um dia voar às alturas.
- Não, não - insistiu o camponês. Ela virou galinha e jamais voará como águia.

Então decidiram fazer uma prova. O naturalista tomou a águia, ergueu-a bem alto e desafiando-a disse: “Já que você de fato é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, então abra suas asas e voe!” A águia pousou sobre o braço estendido do naturalista.

Olhava distraidamente ao redor. Viu galinhas lá embaixo, ciscando o chão, e pulou para juntos delas.

O camponês comentou: “Eu lhe disse, ela virou uma simples galinha!”

- Não - tornou a insistir o naturalista. Ela é uma águia e uma águia sempre será uma águia. Vamos experimentar novamente amanhã...

No dia seguinte, o naturalista e o camponês levantaram bem cedo. Pegaram a águia, levaram-na para fora da cidade, longe das casas dos homens, no alto da montanha. O sol nascente dourava os picos das montanhas.

O naturalista ergueu a águia para o alto e ordenou-lhe: “Águia, já que você é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, abra suas asas e voe!”

A águia olhou ao redor. Tremia como se experimentasse nova vida. Mas não voou. Então o naturalista segurou-a firmemente, bem na direção do sol, para que seus olhos pudessem encher-se da claridade solar e da vastidão do horizonte. Nesse momento, ela abriu suas potentes asas, grasnou com o típico kau-kau das águias e ergueu-se, soberana, sobre si mesma. E começou a voar, voar para o alto, a voar cada vez mais alto. Voou... voou... até confundir-se com o azul do firmamento...

Fonte: Resumo do texto de James Aggrey, educador ganense, apud Leonardo Boff, 1997.

A ÁRVORE DOS AMIGOS

Existem pessoas em nossas vidas que nos deixam felizes, pelo simples fato de terem cruzado o nosso caminho. Algumas percorrem o mesmo caminho, ao nosso lado, vendo muitas luas passarem e muitas manhãs alegres de sol ou tristes de frio e chuva.

Algumas pessoas vemos entre um passo e outro, mas a todas elas chamamos de **AMIGO**.

Há muitos tipos de **AMIGOS** e talvez cada folha de uma árvore caracterize um deles. O primeiro que nasce do broto da árvore é o **AMIGO-pai** e o **AMIGO-mãe**, mostram o que é ter vida. Depois vem o **AMIGO-irmão**, com quem dividimos o nosso espaço para que floresça como nós; passamos então a conhecer toda a **ÁRVORE-família**, a qual respeitamos e desejamos todo o bem. Mas o destino nos apresenta outros **AMIGOS**, aqueles que não sabíamos que iriam cruzar o nosso caminho; muitos desses são designados **AMIGOS-do-coração**, são sinceros, verdadeiros, sabem quando não estamos bem, sabem o que nos faz feliz.

Às vezes, um desses **AMIGOS-do-peito** estala o nosso coração e então é chamado de **AMIGO-namorado (a)**; esse dá brilho aos nossos olhos, música aos nossos lábios, pulos aos nossos pés. Mas também há aqueles **AMIGOS-por-um-tempo**, talvez umas férias ou mesmo um dia, umas horas; esses costumam colocar sorrisos em nossa face quando estamos por perto.

Falando em perto, não podemos esquecer dos **AMIGOS-distantes** que ficam nas pontas do galho dessa árvore, mas que quando o vento sopra, aparecem novamente entre uma folha e outra.

O tempo passa, o verão se vai, o outono se aproxima e perdemos algumas de nossas folhas dessa nossa grande árvore; algumas nascem em outro verão e outras permanecem por muitas estações.

O que nos deixa felizes ou menos tristes é que as folhas que caíram dessa árvore, continuam por perto, continuam aumentando a nossa raiz, sustentando com mais força essa nossa árvore, com alegria, lembranças de momentos maravilhosos, que marcaram o nosso caminhar.

Desejo a você, **folha da minha árvore-de-AMIGOS**, paz, amor, saúde, sucesso, prosperidade, hoje e sempre. **Tudo isso porque simplesmente, cada pessoa que passa em nossa vida, é única, sempre deixa um pouco de si e leva um pouco de nós. Há os que levaram muito, mas não há os que não deixaram nada.**

Esta é a maior responsabilidade de nossa vida e a prova evidente de que as pessoas não se encontram por acaso.

Leve com carinho esta mensagem para todos os seus **AMIGOS**, para os **AMIGOS-do-dia-a-dia**, mas também para aqueles que você não vê faz tempo; eles vão ficar felizes por você lembrá-los de que fazem parte da sua **ÁRVORE-DE-AMIGOS**.

Fonte: Domínio Público.

O PRESENTE

Pensei em você.
Tanto pensei, que logo senti vontade
de dar-lhe um presente; não
só um, mas vários.
Achei porém que tinha que ser alguma
coisa que você gostasse ou que pudesse usar em todos os lugares.
Assim foi que no dia seguinte, levantei-me mais cedo e fui à cidade para
encontrar tudo que imaginei.
Comprei SOL, CHUVA, RISO e apenas 50 LÁGRIMAS. Não tinha mais.
O balconista disse-me que estava tendo muita saída,
pois os clientes compravam muito.
Comprei um pacote de RAZÃO para você misturar com SORRISO,
comprei SINCERIDADE, para você usar sempre.
Lá na loja havia um vidro enorme de COMPREENSÃO, como o balconista disse,
não estava tendo muita saída.
Então resolvi comprar tudo.
Comprei também vidros de ROMANTISMO e GENTILEZA
para você usar com pessoas queridas.
Sabe AMIGO, lá na loja havia um grande vidro de ORGULHO, mas não comprei,
porque sei que você não usa.
Comprei pequenos pacotes de AMOR e PAZ, juntamente com ESPERANÇA,
para você usar quando tudo parecer estar perdido.
AMIGO, lá na loja havia algo muito triste: vi muitas pessoas comprando
SOLIDÃO, chegou mesmo a faltar, tal era a saída desse produto.
Comprei ainda outros pequenos pacotes contendo
AMIZADE e COMPANHEIRISMO.
Finalmente comprei um CORAÇÃO para que
você possa guardar todos os seus presentes!
E, depois de tudo isso que você ganhou, que você tenha:
Um ótimo dia!
Uma ótima semana!!
Um ótimo mês!!
Uma ótima vida!!!
E nunca se esqueça de usar aquele
pacotinho de SORRISO que lhe mandei!

Fonte: Domínio Público.

NASCIMENTO

Uma criança pronta para nascer perguntou a Deus: “Dizem que amanhã serei enviado à Terra. Como viverei lá, sendo assim tão pequeno e indefeso?”

E Deus respondeu: “Entre muitos anjos, eu escolhi um especial para você, estará esperando-o e tomará conta de você”. A criança então perguntou: “Mas diga-me: aqui no céu eu não faço nada a não ser cantar e sorrir, o que é suficiente para que eu seja feliz, serei feliz lá?”

Deus respondeu: “Seu anjo irá cantar e sorrir para você e, a cada dia, a cada instante, você sentirá o amor de seu anjo e será feliz. Seu anjo o ensinará a falar, juntará suas mãos e o ensinará a rezar. Seu anjo o defenderá, mesmo que ele tenha que arriscar a própria vida.”

E a criança disse: “mas serei triste porque eu não Te verei mais”.

Deus respondeu: “Seu anjo sempre lhe falará sobre mim, o ensinará a maneira de vir a mim e Eu estarei sempre dentro de você.”

Neste momento havia muita paz no Céu, mas as vozes da Terra já podiam ser ouvidas. A criança apressada, pediu suavemente: “Oh, Deus, se eu estiver a ponto de ir agora, diga-me o nome do meu anjo!”

E Deus respondeu: “Você chamará seu anjo de MÃE!!!”

Fonte: Domínio Público.

A VERDADE

A Porta da Verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque cada metade trazia o perfil da meia verdade
e sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil
e os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em metades
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela,
nenhuma das duas partes era totalmente bela,
e carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

Fonte: Carlos Drummond de Andrade

APENAS UMA CENTELHA

Vou contar minha história
porque acho que muitos
ainda passam pelo que passei.
Um dia, uma mancha
em meu corpo encontrei...
Ela não doía nem nada,
mas me incomodava...
Eu não tinha nascido com ela,
então...
achei que tinha que me livrar dela.
Andei...andei...
Ajuda procurei.
Por vários tratamentos passei.
Pomadas então...
Quantas?...
Nem sei...
Até que um dia,
um triste dia...
Encontrei...
Uma porta se abriu...
uma porta se fechou...
alguém me disse:
- Você tem LEPROSA!
Desmoronei...
Chorei...
LEPROSA, lembrei...
Lembrei do Evangelho;
Lembrei do padre de minha igreja,
Lembrei da... “Lepra da Alma”...

Lembrei de Lázaro...
Lembrei das histórias que ouvi;
Das pessoas que caminhavam pelas
estradas
ou periferia das cidades,
vestidas de trapos,
para esconder talvez seus farrapos,
e que passavam com sinos e canecos,
para que ninguém chegasse tão perto,
porém nem tão longe,
que não pudesse dar uma esmola
a quem tão pouco pedia
e recebia,
da sociedade em que vivia...
Chorei...
pois nem sequer sabia
que a LEPROSA ainda existia!
Um pouco mais andei
e procurei...
Até que um dia encontrei...
Encontrei alguém,
talvez do além,
que me recebeu tão bem,
e que me disse:
- Você tem Hanseníase!
Uma doença que tem cura,
E, tanto melhor,
quanto mais cedo a procura...
- E a LEPROSA?
- A LEPROSA... ficou lá fora...

Lá longe... no passado,
com todas as suas marcas
tão faladas...
tão malfadadas...
Sentei...
Escutei...
E constatei...
Uma outra porta se abria...
Comecei a entender,
porque era Hanseníase e não Lepra,
a doença que me acometia.
Não era uma questão de nome,
era a postura que me comovia...
Se fosse LEPRA,
não estaria indo para casa
levando meus remédios para tomar,
com a certeza
de que meus filhos eu poderia abraçar...
Se fosse LEPRA,
o trabalho teria que abandonar,
para outros não contaminar
e aterrorizar...
Se fosse LEPRA,
esse alguém,
não teria me recebido, como recebeu...
e teria dito:
- É melhor você se isolar,
para sua família não declinar
e ter mais motivos ainda para chorar...

Não!
Não foi isso que vi.
Não foi isso que ouvi.
Não foi isso que senti...
Senti minha chance de cura.
Senti um olhar sincero do próximo.
Senti o sorriso das palavras boas...
Palavras certas!
Ditas na hora certa!
Não!
Não vou ficar com os entulhos
do passado dessa história,
transbordando
e sufocando minha garganta!
Não vou me transformar
em um grande terreno baldio,
dentro de meu peito vazio...
Sei que sou só um grão de areia,
mas sei também que tenho minha
importância.
Não estou sozinho!
Encontrei enfim...
A palavra, o amor, a atenção
que tanto busquei!
E o que é melhor...
Encontrei ainda a perspectiva de cura!
Uma CENTELHA..
Apenas uma CENTELHA...
Que reacendeu minha vontade de viver.

Fonte: texto de autoria de Heleida Nobrega Metello, para eventos do Programa de Controle de Hanseníase da SES/CIP/CVE/SP, setembro/2000

UM DIA VOCÊ APRENDE

Um dia você aprende que depois de algum tempo você aprende a diferença, a sutil diferença entre dar a mão e acorrentar uma alma.

E você aprende que amar não significa apoiar-se e que companhia nem sempre significa segurança.

E começa a aprender que beijos não são contratos e presentes, não são promessas. Começa a aceitar suas derrotas com a cabeça erguida e olhos adiante, com a graça de um adulto e não com a tristeza de uma criança.

E aprende a construir todas as suas estradas no hoje, porque o terreno de amanhã é incerto demais para os planos e o futuro tem o costume de cair em meio ao vão.

Depois de um tempo você aprende que o sol queima se ficar exposto a ele por muito tempo. Aprende que não importa o quanto você se importe, algumas pessoas simplesmente não se importam.

E aceita que não importa quão boa seja uma pessoa, ela vai feri-lo de vez em quando e você precisa perdoá-la por isso.

Aprende que falar pode aliviar dores emocionais. Descobre que se leva anos para construir confiança e apenas segundos para destruí-la, e que você pode fazer coisas em um instante, das quais se arrependerá pelo resto da vida.

Aprende que verdadeiras amizades continuam a crescer mesmo a longas distâncias.

E o que importa não é o que você tem na vida, mas quem você tem na vida. E que bons amigos são a família que nos permitiram escolher.

Aprende que não temos de mudar de amigos se compreendermos que os amigos mudam, percebe que seu melhor amigo e você podem fazer qualquer coisa, ou nada e terem bons momentos juntos.

Descobre que as pessoas com quem mais você se importa na vida são tomadas de você muito depressa, por isso sempre devemos deixar as pessoas que amamos com palavras amorosas, pois pode ser a última vez que as vejamos.

Aprende que as circunstâncias e os ambientes têm influência sobre nós mesmos.

Começa a aprender que não se deve comparar-se com os outros, mas com o melhor que pode ser. Descobre que se leva muito tempo para se tornar a pessoa que quer ser e que o tempo é curto.

Aprende que não importa onde já chegou, mas onde está indo, mas se você não sabe para onde está indo, qualquer lugar serve.

Aprende que, ou você controla os seus atos, ou eles o controlarão e que ser flexível não significa ser fraco ou não ter personalidade, pois não importa quão delicada e frágil seja uma situação, sempre existem dois lados.

Aprende que heróis são pessoas que fizeram o que era necessário fazer, enfrentando as conseqüências.

Aprende que paciência requer muita prática. Descobre algumas vezes que a pessoa que você espera que a chute quando você caiu é uma das poucas que o ajudam a levantar-se.

Aprende que a maturidade tem mais a ver com os tipos de experiência que se teve e o que você aprendeu com elas do que quantos aniversários você celebrou.

Aprende que há mais dos seus pais em você do que você supunha.

Aprende que nunca se deve dizer a uma criança que sonhos são bobagens, poucas coisas são tão humilhantes e seria uma tragédia se ela acreditasse nisso.

Aprende que, quando está com raiva, tem o direito de estar com raiva, mas isso não lhe dá o direito de ser cruel. Descobre que só porque alguém não o ama do jeito que você quer que ame, não significa que esse alguém não o ama com tudo o que pode.

Aprende que nem sempre é suficiente ser perdoado por alguém, algumas vezes você tem que aprender a perdoar-se. Aprende que com a mesma severidade com que julga, você será em algum momento condenado.

Aprende que não importa em quantos pedaços seu coração foi partido, o mundo não pára para que você o conserte. Aprende que o tempo não é algo que possa voltar. Portanto plante seu jardim e decore sua alma, ao invés de esperar que alguém lhe traga flores.

E você aprende que realmente pode suportar, que realmente é forte, e que pode ir muito mais longe depois de pensar que não se pode mais.

E que realmente a vida tem valor e que você tem valor diante da vida!

Nossas dádivas são traidoras e nos fazem perder o bem que poderíamos conquistar, se não fosse o medo de tentar.

Fonte: texto de Willian Shakespeare

COMETAS E ESTRELAS

Há pessoas estrelas...

Há pessoas cometas...

Os cometas passam e apenas são lembrados pelas datas em que passam e depois retornam.

As estrelas permanecem.

Há muita gente cometa.

Passam pela vida da gente apenas por instantes.

Não prendem ninguém e a ninguém se prendem.

Gente sem amigos.

Que passam pela vida sem iluminar, sem aquecer, sem marcar presença.

Assim são muitos artistas, brilham apenas por instantes nos palcos da vida.

E com a mesma rapidez com que aparecem, desaparecem.

Assim são muitos reis e rainhas, das nações, clubes ou concursos de beleza.

Assim são rapazes e moças que se enamoram e se deixam com a maior facilidade.

Assim são as pessoas que vivem numa mesma família e passam pelo outro sem serem presença.

Importante é ser estrela, marcar presença, ser luz, calor, vida.

Amigos são estrelas.

Podem passar os anos, surgir distâncias, mas a marca fica no coração.

Ser cometa não é ser amigo, é ser companheiro por instantes.

Aproveitar das pessoas e das situações, explorar sentimentos.

É fazer acreditar e desacreditar ao mesmo tempo.

A solidão é resultado de uma vida cometa.

Ninguém fica, todos passam e nós também passamos pelos outros.

Há necessidade de criarmos um mundo de estrelas.

Todos os dias poder vê-las e senti-las.

Todos os dias poder contar com elas.

Todos os dias ver sua luz e calor.

Assim são os amigos, estrelas na vida da gente.

Podemos contar com eles.

Eles são segurança nos momentos de tensão, coragem nos momentos de fraqueza.

Força nos momentos de desânimo.

Olhando os cometas, é bom não se sentir como eles, nem desejar prender-se em sua calda.

Olhando os cometas, é bom sentir-se estrela.

Marcar presença, ter vivido e construído uma história pessoal.

Ter sido luz para muito amigos.

Ter sido calor para muitos corações.

Ser estrela neste mundo passageiro, neste mundo cheio de pessoas cometas, é um desafio, mas acima de tudo, uma recompensa.

É nascer e TER VIVIDO e NÃO APENAS EXISTIDO.

Fonte: Domínio Público.

ENCONTRO DOS HOMENS ATRAVÉS DO DIÁLOGO

Este texto mostra a fundamental importância do diálogo.

Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.

Por isso, o diálogo é uma exigência existencial.

Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens.

Não é possível a pronúncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a funda.

Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo.

Não há, por outro lado, o diálogo, se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante.

O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, rompe-se, se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade.

Como posso dialogar, se alimento a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?

Como posso dialogar, se me admito como um homem diferente, virtuoso por herança, diante dos outros meros “isto”, em que não reconheço outros eu?

Como posso dialogar, se me sinto participante de um “gueto” de homens puros, donos da verdade e do saber, para

quem todos os que estão fora são “essa gente”, ou são “nativos inferiores”?

Como posso dialogar, se parto de que a pronúncia do mundo é tarefa de homens seletos e que a presença das massas na história é sinal de sua deterioração que devo evitar?

Como posso dialogar, se me fecho à contribuição dos outros, que jamais reconheço e até me sinto ofendido com ela?

Como posso dialogar se temo a superação e se, só em pensar nela, sofro e definho?

A auto-suficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais.

Não há também diálogo se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de Ser Mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens.

Fonte: trechos de texto de autoria de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido* - Rio de Janeiro, 1978.

REAPRENDENDO A APRENDER...

...O uso de jogos e dinâmicas ludopedagógicas no ensinar e aprender...

A história nos conta que todas as inovações científicas e tecnológicas surgiram a partir da iniciativa de pessoas ousadas e inovadoras - e todas devem, provavelmente, ter sido alvo de críticas, pois o “novo” assusta e ameaça, principalmente àqueles que estão solidamente presos às suas rotinas.

Os inovadores nada mais fazem do que atender às necessidades emergentes dos grupos e do ambiente em que vivem.

Os jogos e vivências interativas ludopedagógicas, nada mais são do que recursos pedagógicos que tentam resgatar uma coisa que o homem ocidental perdeu: a sua naturalidade e espontaneidade. E a perda dessa naturalidade, substituída pela “normalidade” (obediência cega às normas impostas por um modelo social autoritário e despersonalizado), fez com que ele adoecesse. Os executivos, se tomados como exemplo, nos mostram em seu meio, alto índice de doenças psicossomáticas e comportamentos autodestrutivos. E a era do homem organizacional (aquele que veste a camisa da empresa) não deixa tempo para que ele exerça seu principal papel: **o de ser ele mesmo**. E sua rotina diária é o trabalho, esquecendo-se da criança que habita em seu interior e adotando comportamentos ditados sempre pela racionalidade.

Nós ocidentais estamos moldados por uma cultura essencialmente comandada pelo hemisfério cerebral esquerdo, que orienta as ações planejadas, lógicas, quantitativas e competitivas; **fomos educados para acertar sempre e adquirimos o medo de errar, pois se errarmos poderemos não ser aceitos nem admirados; nesta lógica fomos aos poucos perdendo a nossa inventividade, tão comum nas crianças e sua ousadia.**

Humanizar e qualificar as ações de atenção à saúde da população exigem além de mudanças estruturais, a necessidade de que os sujeitos desse processo (profissionais de saúde e população) desenvolvam qualidades com inventividade, criatividade, flexibilidade, empreendimento, ética... funções essas detonadas pelo hemisfério cerebral direito, tão pouco desenvolvido por todos nós.

Os jogos, as vivências interativas e as dinâmicas ludopedagógicas vêm neste momento atuar como instrumentos que permitem às pessoas desenvolver “o outro lado da moeda” e, desta forma, aprimorar seu modelo de tomada de decisão.

Como aprendemos com jogos, vivências interativas e ludopedagógicas?

Os participantes são desafiados a resolver problemas, a participar, cooperar, competir em um ambiente onde não há sanções reais; facilitam-se as tentativas, o clima de trabalho é lúdico e todos têm oportunidade de colocar em cena suas habilidades, experiências e dificuldades. Para estimular as funções do hemisfério direito, o facilitador opta por oferecer tarefas consideradas “infantis”, como: recorte e colagem, construção livre de murais, quebra-cabeças, atividades com bola, desenhos etc. Nesta decisão, há a intenção de favorecer a quebra de barreiras e a transposição da fronteira do medo de errar. Quando adotamos atitudes infantis, conseguimos ir à nossa essência e transcender o mito realístico do adulto; a fantasia e o sonho levam-nos ao envolvimento pleno com o objeto de encantamento, **a brincadeira**.

Para cada objetivo de aprendizagem definido, a atividade é selecionada e planejada cuidadosamente, de modo a permitir que o grupo vivencie o processo que se quer enfatizar. Por exemplo: se o objetivo é desenvolver a habilidade de planejar em grupo, a atividade escolhida e planejada deverá proporcionar aos participantes esta chance. Em seguida à vivência, há todo um processo de reflexão e avaliação, análise e síntese, por parte do grupo.

Na Pedagogia, este modelo vivencial adotado é o chamado **CONSTRUTIVISMO** de Piaget - onde o aprendiz constrói seu modelo de aprendizagem a partir da experiência concreta e do contato com suas habilidades e dificuldades.

Dentre as vantagens identificadas tanto por participantes, como por facilitadores que vêm trabalhando com essa metodologia, podemos citar :

- maior compreensão de conceitos, antes considerados abstratos;
- conscientização da necessidade de um realinhamento de posturas e atitudes no trabalho em equipe;
- maior possibilidade de comprometimento do grupo com mudanças que se façam necessárias;
- reconhecimento do próprio potencial e das dificuldades individuais;
- clima de motivação, afetividade e envolvimento;
- maior integração entre os participantes;
- harmonização dos hemisférios cerebrais.

Os jogos, as vivências interativas e todas as técnicas lúdicas, quando bem utilizadas no processo de ensinar e aprender, têm um grande poder de **TRANSFORMAÇÃO**. O seu uso tem sido cada vez mais freqüente e os resultados observados, cada vez mais positivos.

Fonte: texto elaborado por Otilia Simões J. Gonçalves, baseado em publicação de Maria Rita Miranda Gramigna, 2000.

A CAMINHADA...CONSTRUINDO UMA NOVA MANEIRA DE TRABALHAR

Era uma vez um lenhador que acordava cedo, fazia o seu trabalho com sacrifício, mas acreditava que estava servindo a alguém, que estava colaborando com a população, com a construção do que era preciso construir.

Mas, não deixava de ficar incomodado ao ver as árvores caírem porque elas não voltavam a crescer e ocupar os espaços com a mesma intensidade com que eram ceifadas.

“Deve haver uma lógica”, pensava ele, “não deve ser por acaso.”

Afinal, fazia tudo do modo como havia aprendido, foi aluno de grandes mestres e aprendeu o melhor que podia.

Também pensava que, um dia, outros jovens como ele haveriam de ter a mesma oportunidade de aprender igual e começar como ele começou.

Muitas vezes, a sensação de desconforto ao perceber que naquela floresta as coisas não aconteciam como havia aprendido, fez com que ele buscasse outros locais de trabalho.

Acabou encontrando as mesmas ferramentas, lenhadores iguais a ele e a mesma sensação de desconforto naquilo que fazia.

Buscou participar de novos cursos de aperfeiçoamento na sua profissão, buscava algo de novo que lhe desse respostas aos seus problemas práticos de trabalho.

Novamente, saía de cada aula, admirando os mestres, aumentando seu conhecimento sobre assuntos importantes, mas, na prática, não conseguia fazer uso deles e perceber mudanças no seu trabalho.

Acabou descobrindo que já aprendera o suficiente para agir e que não era apenas conhecimento atualizado a resposta para o que sentia.

Começou a pensar, então, o quanto já tentara fazer diferente daquilo que já vinha fazendo há tantos anos. Não, realmente nunca tentara mudar, porque sempre estivera convencido de que fazia o certo e o melhor.

E um sofrimento muito grande tomou conta do seu raciocínio e da sua emoção: “Mudar o que eu faço, o que eu sempre fiz, fazer diferente. Não é o que eu faço, mas como faço!”

E aí, passou a perguntar para as próprias árvores como elas se sentiam, mas era difícil porque as árvores não falavam a sua língua e ele, tampouco podia entendê-las; afinal, estiveram próximos tantos anos, mas só para trabalhar, não para realmente entenderem um ao outro.

Então, ele começou a perceber que moravam algumas pessoas ao redor do lugar onde trabalhava. Por que moravam ali? Faziam o quê? E decidiu abordá-las. Também era difícil porque falavam o mesmo idioma que ele, mas ficavam tímidas, envergonhadas, afinal sempre viram nele a figura importante do lenhador, que cursou escolas, que aprendeu muito, que sabia decidir o que era melhor para as árvores, para o bosque. Eles não ousavam questionar o seu trabalho, porque não saberiam fazê-lo diferentemente.

E o lenhador percebeu que não poderia mais ficar sozinho com a responsabilidade de garantir a necessidade do corte das árvores, da sobrevivência do bosque e do bem-estar dos que ali moravam.

Então, sentou no chão junto às pessoas que o olhavam, estranhando aquela atitude e disse:

“Vai ser difícil, mas temos que começar. Eu não aprendi isso em nenhuma escola, vocês me ensinarão o que sabem sobre essas árvores e sobre o bosque e, se eu ensinar para vocês o que aprendi, porque e como faço meu trabalho, talvez a gente consiga fazer **JUNTOS, DIFERENTE e MELHOR** para todos nós, aquilo que nós não conseguimos fazer isoladamente.”

O tempo de construírem juntos esse saber foi o tempo necessário para crescerem novas árvores nos espaços onde eram abatidas. Elas começaram a ser derrubadas em número menor, com motivos justos para cada derrubada e com planejamento coletivo da nova semeadura.

O lenhador sentiu seu coração mais leve. Não havia mais o desconforto nem a tristeza de sempre e agora ele estava definitivamente ligado a um compromisso: usar o seu conhecimento somado aos daqueles que fazem parte do seu trabalho e **ESTAR PREDISPOSTO A MUDAR UMA PRÁTICA QUE SEMPRE ACREDITOU SER CERTA E DEFINITIVA.**

Como conseguir isso? A resposta e o momento certo é ÚNICO, BASTA APENAS ESTAR NA FLORESTA E AMAR O BOSQUE ONDE SE TRABALHA OU VIVE.

Fonte: texto elaborado por Otilia Simões J. Gonçalves, 2001.

OS GANSOS NOS ENSINAM A TRABALHAR EM EQUIPE?

Quando você tiver a oportunidade de ver gansos voando em formação “V”, é natural que fique curioso quanto às razões pelas quais eles escolhem voar desta forma, mas os cientistas, também curiosos, já encontraram várias respostas para esse fato:

- a medida que cada ave bate suas asas, ela cria uma sustentação para a ave seguinte. Voando em “V” o grupo inteiro consegue voar pelo menos 71% a mais do que se cada ave voasse isoladamente;
- sempre que um ganso sai fora da formação, ele repentinamente sente a resistência e o arrasto de tentar voar só e, de imediato, retorna à formação para tirar vantagem do poder de sustentação da ave à sua frente;
- quando o ganso líder se cansa, ele reveza indo para o final do “V”, enquanto um outro ganso assume a ponta;
- os gansos que ficam no final do “V”, grasnam para encorajar os da frente a manterem o ritmo e a velocidade;
- quando um ganso adoece, ou se fere e deixa o grupo, dois outros gansos saem da formação e o seguem para ajudá-lo e protegê-lo. Eles o acompanham até a solução do problema e então, reiniciam a jornada os três, ou juntam-se a outra formação até encontrar o seu grupo original.

... será que aprendemos com os gansos?

- O grupo que compartilha uma direção comum e um senso de equipe, chega ao seu destino mais depressa e facilmente porque as pessoas se apoiam na confiança umas das outras;
- Existem força, poder e segurança em equipe, quando trabalhamos na mesma direção, com um grupo que compartilha um objetivo comum;
- É vantajoso o revezamento, quando a equipe é responsável por um trabalho difícil e árido;
- Todos na equipe necessitam de reforço positivo, apoio e encorajamento dos companheiros de trabalho;
- O trabalho em equipe é imprescindível, nas dificuldades em especial, mas também em qualquer situação.

Para crescermos enquanto equipe, é fundamental que cada um de nós seja um ganso voando em “V”, estimulando, encorajando, apoiando uns aos outros, com amizade e solidariedade...

Fonte: texto adaptado por Otilia Simões J. Gonçalves, do texto “Saibam sobre gansos

QUEM SOU EU ???

Certa vez, um bom homem ganhou uma muda de planta bem tenra e verdinha de um amigo querido.

Com todo cuidado, levou a plantinha para casa. Preparou o terreno arando uma parte do canteiro, adubou devidamente e só depois de bem umedecido o solo, colocou a plantinha no chão. Então, para garantir que ela ficaria firme, fincou um cabo de vassoura para servir de guia de apoio. Diariamente regava com carinho a sua planta, mas apesar de sua atenção, a planta morreu depois de um tempo.

Dias depois, passando pelo jardim, o homem lançou um olhar despretenhoso para o local e teve uma grande surpresa: - o cabo de vassoura tinha brotado!

- Quem é você ? A plantinha que não soube aproveitar tudo o que lhe fora ofertado? Ou você é o cabo de vassoura que oportunamente aproveitou a fertilidade e umidade do solo para ressurgir? Venha! Vamos trabalhar!

Fonte: Domínio Público.

ALEGREMO-NOS POR SER UMA SIMPLES GOTTA D'ÁGUA...

Saúde e Felicidade

Caminhando pela praia, bebendo da natureza,
Lembrei-me do popular:

ÁGUA MOLE EM PEDRA DURA,
TANTO BATE ATÉ QUE FURA.

Comprovando o enunciado,

a meus pés estavam esculturas caprichosas das águas
nos duros e resistentes rochedos.

A água mole,

tão sem consistência em seu estado líquido,
caindo ou batendo, gota a gota,
perfurando a textura rígida do granito.

A natureza,

utilizando-se do princípio inverso do homem,
que, no imediatismo dos resultados,
usa instrumentos rígidos e contundentes
para vencer e esculpir

materiais menos rígidos que seu instrumental..

A IMPOSIÇÃO DA FORÇA DO QUE MAIS PODE,
SUBJUGANDO, DESTRUINDO E EXCLUINDO O MAIS FRACO.

A gota d'água, ao contrário, paciente e repetitiva,

bate, pinga, cai e, na persistência, vence o mais forte!

Quantas gotas bateram até furar?

Bilhões e bilhões!...

Muitas no início... no meio... no fim...

Mas, apenas uma logrou o feito: perfurou a rocha.

Bilhões de gotas a antecederam e fizeram,

todas e cada uma, seu papel imprescindível:

removeram a camada de cima, abriram caminho,

para que uma próxima gota, cavasse mais fundo...

até que uma última e única, perfurasse.

Este é o mistério,

repetição dos milhares perpetrados pela natureza,

a começar pelo próprio mistério gozoso

da geração da vida.

Milhões de espermatozóides correndo,

abrindo caminho, para que, um apenas,

se conjugue ao óvulo... e, se milhões não fossem,

um único seria incapaz de gerar a vida!

Se não houvessem milhões de gotas batido,
aparentemente em vão,
jamais a gota final, perfuraria a rocha...
Cada gota... tão essencial como a última...
tão indispensável como todas...

Se a primeira gota não bater... a segunda... a terceira...
Se cada um de nós não batermos...
Os que lutaram ontem...
Os que ousam lutar hoje...
Os que teimarão em lutar amanhã...
Jamais vamos atingir os objetivos maiores...
Usufruir das conquistas finais...

O Brasil aí está... grande em tamanho...
Imenso em problemas
gerados nas desigualdades.
Exclusão como regra.
Inclusão como desafio.
Ética da individualidade como princípio consentido.
Ética da solidariedade como sonho.

E nós, moles gotas d'água a bater contra o rijo granito,
Precisamos entender nosso papel.
Alegremos-nos pela oportunidade de ser uma das gotas.
Gotas precursoras ou as do meio, não importa,
são todas responsáveis pelo desgaste da rígida rocha.
Ousar participar sem nenhuma certeza de viver o resultado final:
valorização do homem, cidadania,
direitos sociais, emprego pleno, salário justo,
educação, saúde... e tantas outras conquistas.

Alegremos-nos pelo privilégio de poder ser
uma das gotas d'água que bate no granito.
Mesmo não sendo aquela que, afinal,
vai perfurara a rocha.
Somos essenciais ao processo.
imprescindíveis e insubstituíveis
Na transformação do mundo.
Teimando em ajudar os homens
na eterna busca
da saúde plena,
da qualidade de vida,
do bem-estar,
da realização
da... felicidade.

Fonte: texto de autoria de Gilson Carvalho, apresentado na 1ª Conferência Municipal de Saúde, Quixadá, 1995.

A CATEDRAL

Certa vez, ao visitar uma enorme construção, uma pessoa parou diante de um operário e perguntou-lhe o que estava fazendo. O trabalhador respondeu:

- “Estou assentando tijolos.”

Continuando seu passeio, o visitante fez a mesma pergunta a um segundo operário e recebeu como resposta:

- “Estou fazendo uma parede.”

Mais adiante, inquirindo um terceiro trabalhador (a fazer a mesma coisa que os dois primeiros), teve como resposta:

- “Estou construindo uma CATEDRAL.”

POR QUE NOSSOS SONHOS NÃO SE TORNAM REALIDADE?

A história acima nos ajuda a entender um pouco esta questão.

Aquele que está fazendo uma parede... não tem sonhos, simplesmente está juntando tijolos e argamassa, e, para seu suplício, isto vai se repetir dia após dia. O primeiro então, que está simplesmente assentando tijolos... está em situação pior, pois nem sequer sabe se está construindo uma parede curta ou longa, alta ou baixa. Nem mesmo quantos são os tijolos...

O terceiro trabalhador, todavia, que fazia a mesma atividade dos anteriores, sabe que está construindo uma CATEDRAL. Ao trabalhar, ele consegue ver com clareza, a imponência do edifício e antevê as solenidades que ali ocorrerão, trazendo multidões... Com esta imagem precisa, certamente suas forças e seu interesse se multiplicarão. Terá imenso cuidado e incontida alegria a cada tijolo acrescentado...

Parará por vezes, para mirar com admiração e orgulho o seu trabalho já feito... e para imaginá-lo já concluído!

Nada será capaz de tirá-lo ou desviá-lo de seu objetivo.

Suportará e vencerá os obstáculos!

E POR QUE?

Porque tem um sonho, que se traduz em um OBJETIVO, em uma razão fortíssima para estar ali, como os demais, assentando tijolo por tijolo, parede após parede mas, diferentemente dos demais, pois persegue um RESULTADO: a catedral pronta, em festa, cheia de pessoas rezando para o seu Deus.

E NÓS? O QUE ESTAMOS FAZENDO?

ASSENTANDO TIJOLOS, FAZENDO PAREDES OU CONSTRUINDO UMA CATEDRAL?

Se não sabemos o que estamos fazendo numa dimensão maior, certamente estamos somente assentando tijolos, dia após dia, sem a preocupação de uma dedicação conveniente para a construção da CATEDRAL, sem a preocupação com os resultados. E assim todos saem perdendo: nós e a instituição para a qual trabalhamos.

Seguindo por este caminho, não nos permitimos crescer...

E esta constatação... nos deixa frustrados e incompletos.

Com certeza, não raras vezes estamos cumprindo tarefas de uma forma mecânica e automática, como robôs.

“Cumprimos o dever”, “fazemos tudo certinho”, enfim... seguimos a rotina.

Mas, e a CATEDRAL?

Não podemos deixar de sonhar!

Nossos sonhos vão nos permitir estabelecer OBJETIVOS...

Os objetivos vão se constituir em alvos que perseguiremos com ânsia e determinação...

Seremos inflexíveis nesta jornada...

Estaremos movidos por uma visão clara do que queremos como pessoas e como membros de uma Instituição...

By A. D.

Texto utilizado em Treinamento para pessoal de nível médio: “Um novo olhar na qualidade do atendimento aos usuários do Programa de Controle da Hanseníase” - SP/2001.

CONVERSA...NÃO CONVERSADA

Oi gente!!! Bom dia!... ninguém ouviu... deixa pra lá.

Não me julgue antes de saber dos fatos.

Se você achar que preciso melhorar meus conhecimentos, não espere que eu peça. Faça-o.

Às vezes, minto muito para conseguir o que quero..
E muitas vezes, consigo!

Se eu olhar feio, por favor, me desarme, sorrindo!

Se eu estiver abatida, triste, ajude a melhorar minha auto-estima!

Tenho medo de falar com vocês... mas estão sempre tão ocupados. Aí eu vou embora...

Puxa! Fico aqui horas e ninguém fala comigo, só dão ordens!

Será que, quando falo, você me ouve?

Por que você está triste? Divida sua tristeza comigo.

Você é muito competente. Confio muito no seu trabalho.

Você não percebe que é uma chata?

Você fala tão bonito! Só que não estou entendendo nada!!!

Você é um ser humano maravilhoso. E mais... não esqueça que também sou um ser humano.

Hoje você está diferente! Parece-me tão feliz!
O que será que aconteceu?

Se eu estiver nervoso, por favor, releve. Estou com tantos problemas!!!
Hoje estou tão cansado! Dá para você perceber?

Se quiser conversar, conte comigo!

Com certeza é hora do café!
Não tem ninguém aqui!

Olhe nos meus olhos e não no prontuário.

Ih! Aquela tua colega loira é tão chata!!!

Você ajudou a criar o meu filho, obrigada!

Quer trocar de lugar comigo?

Saber que você está aqui e pode me ouvir me tranquiliza.

Hoje não estou disposto a levar bronca tá?

Ah! Legal, aquele funcionário chato foi transferido!

Aqui não é CENTRO DE SAÚDE?
Por que só tem doentes?

Estou com tanto medo! Meus exames... mas o
pessoal aqui é tão sensível que vai me ajudar.

Vocês me deram tudo o que eu precisava. Mas, o que
mais eu queria neste momento, era um pouco de carinho.

Fonte: texto elaborado por Maria Aparecida P. Sanches para o Encontro Estadual de Avaliação das Ações de Controle da Hanseníase no Estado de São Paulo, junho de 2000.

A MENINA DO VESTIDO AZUL

Num bairro pobre de uma cidade distante, morava uma garotinha muito bonita. Acontece que essa menina freqüentava as aulas da escolinha local no mais lamentável estado: suas roupas eram tão velhas que seu professor resolveu dar-lhe um vestido novo.

Assim racionou o humilde mestre: “É uma pena que uma aluna tão encantadora venha às aulas desarrumada desse jeito. Talvez, com algum sacrifício, eu pudesse comprar para ela um vestido azul.”

Assim fez o professor e a garotinha levou para casa um simples e lindo vestido azul!

Sua mãe sentiu que, com aquele traje tão bonito, a filha não poderia ir ao colégio suja como sempre e começou a se preocupar mais com a higiene e limpeza da menina, passando mesmo a dar-lhe banho todos os dias antes das aulas.

Ao fim de uma semana, disse o pai: “Mulher, você não acha uma vergonha que nossa filha, sendo tão bonita e bem arrumada e ainda, uma menina que se esforça tanto para os deveres da escola, more num lugar como este, caindo aos pedaços, não só pela pobreza, mas muito também pela nossa falta de cuidado e capricho?”

“Que tal você ajeitar um pouco a casa, enquanto eu, nas horas vagas, ao invés de ir ao bar da esquina conversar com os amigos, vou dando uma pintura nas paredes, consertando a cerca, até começarmos um pequeno jardim?”

E assim fez o pobre casal. Até que sua casa ficou muito mais bonita que todas as casas da rua e os vizinhos se envergonharam e se puseram também a reformar suas residências. Desse modo, todo o bairro melhorava a olhos vistos, tanto, que quando por ali passou um religioso, bem impressionado, disse: “É lamentável que gente tão esforçada não receba nenhuma ajuda do governo!”

E dali saiu para falar com a Sociedade dos Amigos do Bairro, para que marcassem audiência com o Prefeito ou o representante deste.

Assim aconteceu e, com a autorização da Prefeitura, o grupo organizou uma comissão para estudar a questão dos melhoramentos necessários ao bairro. Dessa primeira comissão, surgiram muitas outras e hoje, por todo o país, elas ajudaram os bairros pobres a se reconstruírem.

E PENSAR QUE TUDO COMEÇOU COM UM VESTIDO AZUL !

Claro que não era intenção daquele simples professor consertar toda a rua, nem criar organismo que socorresse os bairros abandonados de todo o país...

Mas ele fez o que o seu coração pedia naquele momento, ele fez o que era possível, ele deu a sua contribuição, ele fez a sua parte...ele fez o primeiro movimento...

Quantas vezes o primeiro movimento, o primeiro passo...contribui para que uma pessoa saia da inércia e retome a vontade de “lutar”...

Essa é uma historinha de criança ? Talvez...

Mas não será necessário acreditarmos, de vez em quando ao menos, em historinhas para crianças, para que possamos sonhar...e até acreditar...em coisas boas que podem acontecer...se cada um fizer a sua parte da melhor maneira que puder ?

Claro que é difícil varrer toda a rua, mas é fácil varrer a nossa calçada...

Claro que é difícil reconstruir um bairro, MAS É POSSÍVEL DAR UM VESTIDO AZUL...!

Fonte: texto de Roberto José Conto, adaptado por Heleida Nobrega Metello. Dez/2001

MENSAGENS E FRASES

Mensagens e frases de autores diversos, utilizadas em eventos do NES/CVE para reflexão dos participantes.

“Colega,
Ser EDUCADOR para muita gente,
é só ensinar pessoas.
Mas, com VOCÊS APRENDI
que é o contrário.
É ser um formador de opiniões,
um mediador de esperanças,
um pastor de projetos.”

NES/CVE 2000

“Se a Educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que dizemos e o que fazemos.”

Paulo Freire

“A expectativa final de qualquer processo educativo é a incorporação dos conteúdos apropriados ao comportamento. O comportamento é o que caracteriza uma comunidade, um povo, mostrando seus valores e sua luta.”

Maria Alícia Romana

“A Educação em Saúde é um processo de saber coletivo, apontando as possibilidades de intervenção e transformação da realidade.”

NES/CVE 1997

“A verdade é uma conquista social. Somos educadores dispostos a favorecer a convivência coletiva no espírito da libertação, do verdadeiro e do ético, sem deixar de explicitar nossas convicções e opções pessoais.”

Paulo Freire

“Quando a nossa percepção da realidade está muito longe da realidade concreta, a nossa ação estará longe de produzir os resultados esperados, por melhor que sejam as nossas intenções.

Repensar a nossa prática educativa é o começo da mudança. Não adianta termos um discurso participativo e uma prática não correspondente.”

NES/CVE 1997

“Antes de nos propormos a mudar o outro, temos que pensar também se não devemos começar a mudança por nós mesmos.

Examinemos se estamos, ou não, comprometidos com uma atitude positiva diante da vida, da nossa comunidade e com as propostas de trabalho do nosso grupo.”

NES/CVE 1997

“É importante estarmos conscientes de que não se trata só de estarmos conscientes. É preciso que nossa prática educativa seja coerente com nossas convicções.

Temos que converter o saber e o pensar em ações de diálogo, de estarmos com, de revermos nossa prática pessoal e a coletiva/institucional, com autocrítica. Somente assim, a caminhada será no sentido de ajudarmos a construir uma melhor qualidade de vida.”

NES/CVE 1997

“ Caminhante, não há caminho
se faz caminho ao andar “

Portanto, o próximo milênio
Será o caminho que eu traçar.”

NES/CVE 2000

“ Se não houver frutos,
valeu a beleza das flores.

Se não houver flores,
valeu a sombra das folhas.

Se não houver folhas,
Valeu a intenção da semente.”

Henfil

“ Não devemos ter receio dos grandes problemas e dos grandes empreendimentos. Quem está acostumado a resolver os pequenos, resolverá os grandes também.”

Autor desconhecido

“ O seu compromisso é indispensável para chegarmos aos frutos. Participe!!! Como?

- Lendo, falando, divulgando sinais e sintomas da Hanseníase.
- Acompanhando as estratégias propostas para as ações de controle da Hanseníase.”

NES/CVE 1999

“ O seu compromisso é indispensável para frutificar nossas árvores. Participe!!! Como?

- Compondo e fortalecendo as equipes de trabalho.
- Desenvolvendo ações que traduzam Saúde enquanto qualidade de vida.”

NES/CVE 1999

“ Ninguém é tão grande que não possa aprender, nem tão pequeno que não possa ensinar.”

Autor desconhecido

“ Em tantos que somos hoje,
juntos aprendemos a aprender,
e é assim que sempre fomos.
O saber fazer é resultado
de esforço conjunto.
Essa Campanha tem muito
de você e um pouco de
todos nós.”

Otília Simões J. Gonçalves

“ Você já vai?
Eu também já estou indo!
Mas vamos assim,
Sem nos olhar, nos falar?
Não, isso não posso e
não faço!
Por isso, amigo,
Vem daí, pelo menos,
um abraço!”

Maria Aparecida Pinheiro Sanches

“ Fomos chamados para o
Programa avaliar.
Já avaliamos.
E agora, já nos vamos.
Antes porém, porque
não nos abraçamos? “

Maria Aparecida Pinheiro Sanches

“ Vamos nos conhecer, integrar, discutir,
avaliar, produzir idéias, planejar,
participar das ações e assumir
compromissos para...”

NES/CVE 1997

“ Amai toda a criação, em seu conjunto,
cada folha, cada raio de luz, os animais,
as plantas. Amando cada coisa,
compreendereis o mistério divino das
coisas. Tendo compreendido-o, uma vez,
vós conhecereis sempre mais, cada dia.
E, acabareis por amar o mundo inteiro,
Com um amor universal.”

Dostoiewski

Receita de uma vida saudável

- Logo ao acordar, antes do café, tome 3 comprimidos de bom humor;
- No meio da manhã, 1 colher de chá de paciência;
- Antes do almoço, 3 gotas de tranqüilidade;
- Depois do almoço, 1 injeção de ânimo;
- No final da tarde, vai bem 1 boa dose de reflexão;
- Depois do jantar 1/4 da poção do amor;
- Antes de dormir faça compressas de paz;

Em caso de crises ou dor aguda, tome imediatamente 2 medidas de calma e coragem.
“A medicação acima não tem contra-indicação, mas você, com certeza, vai sentir seus efeitos colaterais.”

Programa Dose Certa 2000

Se lhe acontecer...
De repente...
Sentir-se sufocado...
Preso...
Ou deprimido...
Você o que faz?
Chora?
Quebra tudo?
Bebe?
Usa drogas?
Você poderá sentir...
Que essas coisas nada resolvem...
Sentindo-se ainda rejeitado...
Amassado...
Diminuído...
Infeliz...
Saiba que tem alguém...
Bem pertinho de você...
Que acredita...
Que você vale...
Que é uma grande pessoa...
E, além do mais...
TEM UM GRANDE AMOR POR VOCÊ!!!

CVV

“ Nossos corpos são nossos jardins.
Nossas vontades são jardineiros.”

Shakespeare

“ Quando a gente gosta, é claro que a gente cuida.”

Peninha

“ Cada um de nós compõe a sua história.
Cada ser em si carrega o dom de ser
capaz de ser feliz.”

Almir Sater e Raul Texeira

“Aquele que nunca descansa,
aquele cujo pensamento almeja de
corpo e alma o impossível,
esse é o vencedor”

Famoso trecho de sinfonia em dó menor de Beethoven

FRASES DO I CHING(*)

“A natureza cria os seres sem erro, mostrando-se assim retilínea,
ela é tranqüila e silenciosa.
A todos dá apoio com eqüanimidade, essa é a sua grandeza.”

“O amarelo é a cor da terra e do centro, o símbolo do que é autêntico
e digno de confiança.”

“O céu e a terra estão em contato e combinam suas influências,
propiciando uma época de florescimento e prosperidade geral.”

“A natureza, em sua pujante profusão de fenômenos, é delimitada
e controlada. Por outro lado, é necessário estimular a natureza
em sua produtividade.”

“Assim, a natureza recompensa o homem que a controlou e estimulou.”

“A vida conduz o homem responsável por caminhos tortuosos e mutáveis. Muitas
vezes o curso é bloqueado, em outras
segue desimpedido.

Ora pensamentos sublimes vertem-se livremente em palavras, ora
o pesado fardo da sabedoria deve fechar-se no silêncio.
Mas quando duas pessoas estão unidas no íntimo de seus corações
podem romper até mesmo a resistência do ferro e do bronze.
E quando duas pessoas se compreendem plenamente no íntimo
de seus corações suas palavras tornam-se doces e fortes como
a fragrância das orquídeas.”

“Conhecer as sementes é sem dúvida uma faculdade divina.
As sementes são os primórdios ainda imperceptíveis do movimento,
o homem superior percebe as sementes e age imediatamente.”

(*)Fonte: mensagens e frases extraídas de I Ching: o livro das mutações, de Wilhelm Reich,
págs:35,36,59,65 e73.

A ESSÊNCIA DA VIDA

O que é essencial não é visto pelos olhos, mas sim com o coração.

O que é essencial não pode ser comprado, nenhuma moeda do mundo pode pagar o seu valor.

O que é essencial é a nossa evolução como ser humano, é o aprendizado que nos aproxima como irmãos e nos deixa reconfortados com uma paz interior infinita, resultante da certeza de estarmos fazendo o melhor que podemos e sabemos.

A amizade, o carinho, a fraternidade, a caridade, a solidariedade, um simples sorriso, isso sim é essencial no trabalho, na vida, no dia-a-dia.

Cada ser humano é único e com seu caminho a trilhar.

Procure sempre o lado positivo da vida, do trabalho, da convivência com as pessoas e nunca desanime. Você, como todo ser humano, carrega em si o dom de ser capaz de se fazer feliz.

A essência da vida é o dever de exercermos os nossos direitos, sem impedir ou dificultar a realização dos outros.

Não deixe sua vida “passar em branco”. Você é um ser único e tem a capacidade de fazer mudanças. Use isso a seu favor.

Os nossos pensamentos, por não poderem nos enganar, é que fazem o nosso verdadeiro mundo.

Fonte: Domínio Público.

UM CAMINHO PERCORRIDO...

Algumas rosas, muitos espinhos,

Muitos laços afetivos...

Alguns objetivos alcançados,

Outros... frustrados,

Mas muitos ainda, os almejados,

A cada novo trecho...

Sementes ao vento são lançadas,

E ressurge um sopro de

Esperança...

Quando novas pessoas são

Tocadas.

Deixe pois, sempre...

Sua TERRA preparada.

Heleida/2001

DRAMATIZAÇÕES

- A História de Valdir
- A História de Dona Maria e Dona Gê
- O Jogo dos Abraços I
- O Jogo dos Abraços II
- O Jogo dos Abraços III
- Samba da Tuberculose

A HISTÓRIA DE VALDIR

Tema: Tuberculose

Atores: Narrador
O pedreiro Valdir
Rosalina, sua mulher
1º Médico
2º Médico
Atendente
Sr. Raimundo, o chefe
2 ou 3 amigos

I ATO

Narrador: O pedreiro Valdir está com tosse permanente há 3 semanas e sua mulher Rosalina já está preocupada.

Rosalina: Valdir, vai no Postinho, essa tosse não sara!

Valdir: Isso passa logo mulher, é muita chuva que eu tomo na obra.

Rosalina: Pense em sua saúde!

Valdir: Eu penso no serviço, não posso perder dia de trabalho para ir ao Postinho.

II ATO

Narrador: 3 meses depois, Valdir tossindo muito, mais magro, fraco, com dor torácica, procurou a Unidade Básica de Saúde e conseguiu uma consulta com o clínico geral que solicitou exame de escarro e RX do tórax.

(Congela)

1ª QUESTÃO - O exame de escarro pode ser feito na UBS?

Narrador: Uma semana depois, o resultado do exame está pronto e Valdir retorna para nova consulta.

Médico: Bom dia, sr. Valdir! Seu exame de escarro para Tuberculose deu positivo.

(Congela)

2ª QUESTÃO - O tratamento será feito na UBS? Se não, onde?

Médico: Vou encaminhar para o local onde fará o tratamento. É uma doença de acompanhamento específico.

Valdir: Mas, doutor, eu preciso mesmo ir para outro local longe daqui? E tem que fazer outra consulta médica?

O sr. sabe como é que é! Vou perder mais um dia de trabalho e ainda vou gastar dinheiro com passagem de ônibus.

Médico: “Seu” Valdir, o senhor precisa ir mesmo. Como já falei, sua doença é grave e não temos medicação na UBS. O senhor vai lá na frente e a enfermeira vai orientá-lo sobre a consulta em outro Posto. O senhor não vai ficar na fila.

(Congela)

3ª QUESTÃO - Ele nem vai ficar na fila?

Narrador: E o Valdir compareceu à UBS no dia seguinte e foi atendido pelo pneumologista.

Médico: Valdir, você sabe o que é Tuberculose?

Valdir: Já ouvi falar, doutor. Vou ser internado?

(Congela)

4ª QUESTÃO - Ele vai ter que ficar internado?

Valdir: Tenho que separar minhas coisas do resto da família?

(Congela)

5ª QUESTÃO - Tem de separar as coisas dele?

Valdir: Essa doença pega?

(Congela)

6ª QUESTÃO - Essa doença pega?

Médico: Valdir, é uma doença contagiosa, mas se você tomar os medicamentos não passará para sua família. Você agora vai pegar os remédios com a enfermeira, ela vai orientar o senhor direitinho. A sua família vai também vir aqui para consulta, viu?

Narrador: Valdir sai do consultório e a atendente faz a orientação.

Atendente: O senhor deve tomar esses 3 medicamentos em jejum, durante 6 meses, não pode tomar bebida alcoólica e tem que voltar aqui em 1 semana, tá certo? O senhor entendeu? É muito importante sua alimentação! O que o senhor costuma comer na sua casa?

Precisa descansar! Evitar lugar fechado, o senhor entendeu?

Valdir: É, vou tratar direito. A minha família depende do meu dinheiro, tem de tomar o remédio antes de comer, né?

III ATO

Narrador: Valdir saiu da Unidade Básica de Saúde e com vontade de se tratar. Foi até o local de trabalho para levar o atestado médico.

Valdir: “Seu” Raimundo, trouxe o atestado pro senhor.

Sr. Raimundo: Valdir assim não dá, estamos cheios de serviço e você vai faltar 15 dias?

IV ATO

Narrador: Valdir, muito chateado, volta para casa.

Rosalina: E aí Valdir, deu tudo certo no Postinho?

Valdir: Que nada nêga! Tô mesmo com Tuberculose e preciso tomar remédio por 6 meses.

Rosalina: Minha nossa! Essa doença pega. Acho bom nem chegar perto das crianças, vou arrumar um lugar na sala para você dormir!!!

(Congela)

7ª QUESTÃO - É necessário fazer isso?

Valdir: Calma, nêga! O doutor falou que não é bem assim. Se tomar os remédios fico curado. Você e as crianças vão lá naquele Posto passar no médico também. Só que preciso tomar os remédios antes de tomar café! Você tem de acordar mais cedo. Tenho que comer bastante e não posso tomar nem uma pinguinha!

Rosalina: É ruim, hein! Quero ver se você vai fazer tudo isso!

V ATO

Narrador: Alguns dia depois a situação é a seguinte:

Valdir: Puxa nêga! Não tô conseguindo comer, você precisa caprichar mais, tô sem vontade de comer.

Rosalina: Também homem, você anda desanimado, já devia estar melhor. Parece que está pra morrer.

Amigos: E aí Valdir! Não aparece mais no bar? O que anda acontecendo? Tá faltando parceiro para o truco!

Rosalina: Ih! Ele anda desanimado! Anda pelos cantos, reclama de tudo. É bom que façam companhia para ele.

Amigos: Vamos lá Valdir! Acho bom você sair um pouco! Vai lá no bar do Zé jogar um truco.

Valdir: É, pensando bem, acho que é uma boa idéia! Tô precisando de distração.

VI ATO

Narrador: Valdir e os amigos estão jogando no bar. Os amigos oferecem bebida ao Valdir.

Amigo: Valdir vai uma aí?

Valdir: Hoje não, só vim jogar um truco mesmo!

Amigo: Que é isso cara! Virou a casaca é? Não tô te reconhecendo, não é mais dos nossos? Vai tomar uma branquinha para animar.

Valdir: Melhor não!

Amigo: Uma só! Faz companhia pra gente!

Valdir: Será? Uma só? E agora?

(Congela)

Vocês decidem! Escolham a opção:

- 1 - Valdir cede à pressão dos amigos e bebe com eles?
- 2 - Valdir resiste aos amigos, não bebe pensando na orientação do médico e enfermeira?
- 3 - Valdir conta aos amigos que está com Tuberculose e que por isso não pode beber?

A HISTÓRIA DE DONA MARIA E DONA GÊ

Tema: Hanseníase

Atores: Narrador
Dona Maria
Dona Gertrudes

I ATO

Narrador: Bem, nós estamos aqui na cidade de São Paulo - bem na Praça da Sé, onde tudo começou, até o teatro. E como é bom a gente assistir. Olhem lá, é dona Maria e dona Gertrudes falando mal de alguém.

D. Maria: Olá Gê - faz tempo que eu não vejo você. Como é, melhorou da pressão?

D. Gê: Pois é amiga, tem sido um tempo difícil. Imagine eu tratando da pressão, indo sempre ao Centro de Saúde e não é que, outro dia quando vou na farmácia, vejo um calendário, olho uma mancha e acho até parecida com esta aqui no meu braço!

D. Maria: Deixa eu ver.

D. Gê: É esta aqui, não dói, não tem pêlo, não tem suor, não sinto nada.

D. Maria: Que mancha é essa?

(Congela)

Narrador: (Pergunta para diversas pessoas na sala.) Que mancha é essa?

D. Gê: Essa mancha é um sinal de que a gente tem Hanseníase.

D. Maria: Hãnsia o que? O que é isso?

(Congela)

Narrador: Quem sabe dizer o que é Hanseníase?

D. Gê: É uma doença de pele e nervos que dá manchas adormecidas na pele, e também dores, câibras, formigamento, enfraquecimento e dormência nos braços, mãos e pés.

D. Maria: Mas isso tem cura ou fica igual casamento mal resolvido?

(Congela)

Narrador: Quem me responde?

D. Gê: Cura sim. No meu caso, em seis meses.

D. Maria: E a gente está vivendo um tempo onde aparece doença nova, essa doença foi inventada agora, não foi?

D. Gê: Ai meu Deus, o que responder?

(Congela)

Narrador: E aí o que vocês acham que D.Gê deve responder?

D. Gê: Sabe Maria, eu preciso explicar uma coisa para você - quantos anos você tem?

D. Maria: Ah! Já perdi as contas, mas é doença da idade?

D. Gê: Não, o que eu quero dizer é que pessoas como eu e você, mais velhas, já ouviram falar de Lepra.

D. Maria: Deixa eu bater 3 vezes na madeira!

D. Gê: Pois é, se você fosse jovem eu só falaria Hanseníase, porque você não estaria acostumada com a palavra Lepra, mas nesse caso, eu tenho que explicar. Antigamente, Lepra era o nome dado para várias doenças de pele. É um termo bíblico usado para tudo que era ferida ou coisa feia na pele. Esse nome continuou relacionado à doença até há alguns anos atrás porque demorou para ser descoberta a cura; as pessoas ficavam com problemas nas mãos, nos pés e eram isolados porque todos tinham medo de pegar. Ainda não se sabia como ela era transmitida.

D. Maria: Ah! Gê, acho que eu já vou indo embora.

(Congela)

Narrador: O que vocês poderiam dizer para ajudar na argumentação de D.Gê?

D. Gê: Não, Maria. Nós estamos aqui no mundo para aprender. Eu podia não falar nada, esconder, mas quando eu te explico, esclareço, eu estou colaborando para que outras pessoas saibam o que é Hanseníase e não mais relacionem Hanseníase com Lepra; que a Hanseníase tem cura e só é transmissível em alguns casos, quando a pessoa não faz tratamento.

Quando é diagnosticada no início, a cura é mais fácil e não surge problema nos nervos. Então, está claro que Hanseníase não é a Lepra que você estava imaginando?

D. Maria: É, eu preciso ainda entender melhor, mas você aposentou não é? Imagine, com essa doença trabalhando na padaria!

(Congela)

Narrador: E aí, ela aposentou ou não?

D. Gê: Não, porque depois do início do tratamento, eu não transmito mais a doença. Os bacilos morrem.

D. Maria: É o fim do mundo, deve ser para economizar para o INPS.

D. Gê: Não, Maria. Quem tem Hanseníase pode trabalhar normalmente; o importante é o tratamento regular e cuidar das partes do corpo onde a gente não sente, para não se ferir, machucar.

D. Maria: E a sua família, os amigos da Associação, como reagiram?

(Congela)

Narrador: E aí, o que será que aconteceu? Como eles reagiram?

D. Gê: Não é fácil Maria. Eu acredito que nem todos os doentes de Hanseníase têm a minha determinação. Muitos se afastaram, outros se aproximaram mais, só contei sobre a doença em situações em que não era possível deixar de contar. Afinal, ninguém gosta de falar da doença e ficar contando por aí o que tem. Na UBS, onde eu faço o tratamento, recebi muito apoio e orientação de todos nesse sentido. Procurei a Assistente Social várias vezes, porque desde o momento do diagnóstico ela me “passou” muita confiança quando me atendeu.

D. Maria: É, tudo na vida a gente, devagar, vai entendendo e aceitando. Eu gosto muito de você Gê, só isso posso te dizer agora.

D. Gê: Melhor que o remédio, é poder contar com os amigos.

D. Maria: Olha ali uma loja nova de R\$ 1,99, vamos lá!

Fonte: texto elaborado por Otilia Simões J. Gonçalves, para as Oficinas Pedagógicas de Educação em Saúde e o Planejamento Local - Tema Hanseníase, 1999.

VOCÊ DECIDE

Tema: Tuberculose

Atores: Narrador

Paciente: D. Maria

Recepcionista

Auxiliar de enfermagem

Médico

Narrador

Guarda

Fila - 3 pessoas

Narrador Dona Maria, 55 anos de idade, paciente da Unidade Centro há 5 anos, retorna à Unidade para entrega de exames de eletrocardiograma e hemograma, solicitados pelo cardiologista.

1ª Cena: D.Maria entrando na Unidade.

Guarda: Bom dia, dona Maria!

Está mal hein, que tossel!!

D. Maria: É uma gripe mal curada, mas estou me cuidando, tomando uns chazinhos (tossindo sempre).

(Congela)

Narrador: Você decide: A postura do guarda foi correta ou não?

2ª Cena: Fila da recepção: paciente tossindo com persistência, outros pacientes na fila lançam para ela olhares de reprovação devido à tosse incômoda.

(Congela)

Narrador: Você decide: Você acha que haverá preocupação por parte da recepcionista em relação à tosse persistente da dona Maria?

3ª Cena:

Recepcionista: É retorno com o cárdio, dona.Maria? - OK!

D. Maria, há quantos dias a senhora está com essa tosse?

D. Maria: Há uns 20 dias. É uma gripe mal curada, mas tô me cuidando.

Recepcionista: Cuidando como? Já passou pelo clínico?

D. Maria: Não, estou tomando chazinho; se não melhorar, eu volto outro dia pra marcar, porque estou também com outros probleminhas de saúde, mas posso vir novamente no próximo mês...

Recepcionista: Então vamos fazer o seguinte: enquanto a senhora aguarda o cárdio chamá-la, a senhora passa com o clínico para ele avaliar esta gripe mal curada...

Médico: Dona Maria Filisbina de Souza

Bom Dia!

O que acontece?

(Congela)

Narrador: Você decide: Será que o médico irá suspeitar da queixa da paciente?

D. Maria: (tossindo com persistência)

É doutora, a moça da recepção, achou por bem, passá aqui pra módi eu vê essa tossi que num passa, faiz dias...mais de 20 dia.

Médico: Então vamos dar uma avaliada (utilizando um abaixador de língua) - garganta um pouco vermelhinha!

(Esteto) - Vamos ouvir esse pulmão (não faz comentários)...

(Prontuário) - Pega o prontuário e dá uma olhadinha, sem fazer comentários para a paciente.

(Balança) - Sobe na balança, dona Maria.

Volta para a mesa e escreve no prontuário...

A senhora teve febre esses dias?

D. Maria: Só de vez em quando...

Médico: Febre alta ou baixa?

D. Maria: As veis, a tarde, eu fico mais morninha. Acho que se não for febre é dividido o corri-corri, e essa tosse qui mi deixa cansada.

Médico: Então tá, dona Maria. Vou pedir alguns exames e assim que estiverem prontos, a senhora. vai passar com a Dra. Beatriz, da Pneumologia.

D. Maria: Pneu. o quê?

Médico: Pneumologista, Dra. Beatriz

(Congela)

Narrador: Você decide: Qual a suspeita do médico, e quais exames ele pediu?

4ª Cena: Dona Maria de volta à recepção.

Recepcionista: Já passou no cárdio também?

D. Maria: Já sim, o clínico é qui passô mais exame. Pareci qui tem pressa.

Recepcionista: Olha, ele pediu um Raio X e BK, vou encaminhar a senhora.

Narrador: Após 3 dias, a dona Maria volta à Unidade com os resultados em mãos, para passar com a Dra. Beatriz da Pneumo.

A doutora. vê os exames e com o resultado do BK positivo, faz as devidas orientações e encaminhamento para pós-consulta.

5ª Cena:

(Congela)

Narrador: Você decide: Qual o papel da pós-consulta neste caso?

Auxiliar de enfermagem: (entrega medicamentos e faz orientações)

Dona Maria, como a doutora lhe falou, a senhora está com Tuberculose e precisa tomar..., (diminui a tonalidade da voz).

(Congela)

Narrador: Você decide: Quanto tempo a D. Maria deverá ficar em tratamento?

Narrador: A dona Maria fez o tratamento de forma correta e teve alta após 6 meses.

(Congela)

Narrador: Você decide: Como são os paciente da Unidade de Saúde atendidos na Pneumologia? Eles recebem geralmente alta em 6 meses? Quais os fatores que podem interferir no tratamento, no abandono e na cura?

Fonte: texto elaborado por Marialda da Silva Inês, Margarida Aparecida P. Guedes Santos e Célia Rose Langue para a Oficina Pedagógica, sobre Educação em Saúde, tema Tuberculose, 1999. Departamento de Vigilância à Saúde, Prefeitura Municipal de Santo André.

JOGO DOS ABRAÇOS - I

Vamos imaginar...Vamos imaginar...
que somos fetos?
Que estamos na barriga de nossas mães?
Ih! Acho que está chegando a hora!
Acho que vamos nascer!
E... E... nascemos! (choro de criança)
Oh! O que estou vendo? O mundo!
Como o mundo é lindo!
O tempo começa a correr Tic...Tac...Tic...Tac...
Começamos a crescer!
Estamos aprendendo a andar...
Cambaleamos, caímos, levantamos e até que enfim... nos afirmamos!
De repente... já temos 5 anos.
Vamos para a escola. Fazemos muitas brincadeiras: pulamos cordas,
jogamos bolinha de gude, jogamos amarelinha, brincamos de roda: “A
canoa virou, foi por causa da... que não soube remar. Siriri prá cá...
Siriri prá lá... A... é velha e não quer casar.”
Mas...o tempo é implacável;
agora somos jovens, vaidosos. As mulheres pintam os lábios, passam
blush, escovam sem parar os cabelos. Os homens
fazem a barba e capricham no visual!
Temos muitos amiguinhos,
mas seis são os preferidos.
Praticamos muitos esportes: natação, vôlei, basquete.
Nossos corpos estão esculturais!
Nesta hora, um problema muito sério marca nossas vidas...
A escolha das nossas carreiras.
Serei professor? Não, não tenho jeito para ensinar.
Serei varredor de rua?

Não, não é nada disso!
A menina pensa:
Já sei, serei bailarina,
afinal meu corpo é escultural!
Os meninos sonham: serei bombeiro... afinal gosto de viver perigosamente.
Mas... eis que uma luz ilumina meu horizonte!
Serei enfermeiro(a).
Sete amigos meus tiveram a mesma decisão.
Fizemos o vestibular!
Estamos agora frente a frente com o listão, com os resultados e de repente... a surpresa!
Passamos! Passamos!
Daí ao final do curso, que sofrimento, mas valeu a pena!
Dia da formatura...
Valsa dos formandos (Danúbio Azul).
Bailamos, bailamos...
Meus sete amigos lá estavam, dançando!
Hoje, profissionais responsáveis, participamos de muitos eventos!
Congressos e Cursos como este.
Fazemos novas amizades, ficamos nos querendo bem!
Mas... como tudo... eles acabam.
E já uma grande saudade nos invade.
Mas, um dia... quem sabe...
nos encontraremos novamente.
Até lá... venha cá um
ABRAÇO!!!

Fonte: texto elaborado por Maria Aparecida P. Sanches, Núcleo de Educação em Saúde/
CVE. Encontro de Enfermeiros, 1997.

JOGO DOS ABRAÇOS - II

Vamos imaginar que somos grãos, somos sementes!

Eu sou o grão de feijão... e você? E você?

Sabem onde estamos? Estamos todos juntos dentro de um saco!

Ih! Já vem o lavrador nos semear!

E... lá vou eu para minha cova.

E todos nós estamos sendo semeados.

Agora, estamos embaixo da terra.

Recebemos água da chuva, raios de sol e nutrientes da terra. E começamos a brotar; nasce uma folha, outra folha. Vamos crescendo!

Agora, somos plantas adultas. Balançamos ao sabor do vento.

E, já se passaram três meses!

Mas, a nossa imaginação é muito ágil e fértil!

Imaginemos agora que somos crianças e que temos sete anos!

E brincamos muito! Mas também brincamos de roda, imitamos trenzinho. Brigamos também, puxamos os cabelos dos colegas.

Ei! mas esperem, isto é um curso de Saúde Pública.

Somos todos adultos, profissionais de saúde, temos uma certa idade e *status* na sociedade.

Como nosso trabalho é dirigido ao público, por que não colocamos no trabalho, além do racional, o lúdico?

E o importante é que hoje estamos todos juntos e com um só objetivo: contribuir para a saúde da população.

Antes do curso acabar, que tal nos abraçarmos?

Fonte: texto elaborado por Maria Aparecida P. Sanches. Núcleo de Educação em Saúde/
C V E . C u r s o d e
Saúde Pública - Paragüai,1999.

JOGO DOS ABRAÇOS - III

Deus, ao criar o mundo, decidiu:

“Vou preservar um lugar especial na terra, um lugar mais belo que qualquer outro no mundo! Quero colocar ali aves majestosas e coloridas, animais exóticos e águas cristalinas abrigando peixes das mais variadas espécies, que saciarão a fome de todos que ali viverem! Tudo isso dentro de uma vegetação exuberante!”

O que Deus criou todos nós sabemos, afinal: foi esse paraíso que hoje é um patrimônio do mundo, mas acima de tudo, é um patrimônio local, é um patrimônio nosso, é o Pantanal.

Há alguns anos, resolvemos vir aqui ao Pantanal para conferir essa beleza tão decantada em versos e novelas.

Sáimos de São Paulo de ônibus e demoramos dois dias para chegar.

Vimos numa excursão quando conhecemos cinco pessoas extraordinárias, alegres, extrovertidas, formidáveis. No dia em que entramos no Pantanal, fomos almoçar numa fazenda. Que legal! Vimos lá muitas galinhas, galos e muito gado.

Chegando aqui, em Campo Grande, nossa próxima meta era Corumbá, viagem que fizemos de trem.

Conhecemos nessa viagem um grupo de pescadores que o tempo todo tocava violão e cantava músicas caipiras. Mas, continuando nossa viagem a esse relicário da natureza, vi uma coisa estupenda! O meu grande sonho se realizava.

Cortava os céus do Pantanal uma revoada de pássaros.

Foram mais ou menos 25 minutos de encantamento!

Deus estava ali dizendo: “Eu te concedi esta graça. Agora vá! Vá e conte a todos que de ti se aproximou o paraíso que consegui formar!

Mas não te esqueças de pedir aos homens aí da Terra que não destruam o objeto dos teus sonhos e aquilo que com tanto carinho Eu construí.”

Depois de tanto tempo, eu volto, agora com outro objetivo: acompanhar uma amiga e companheira na realização desta Oficina e conheço outro feito Teu, meu Deus: um grupo de profissionais responsáveis, comprometidos com os menos favorecidos e que estão saindo daqui, hoje, cheios de esperança e de sonhos.

Agora, sou eu que Te peço: “Demos a eles um pouquinho de nós e de Ti, Deus! Dê-lhes as mãos. Ajude-os nessa caminhada, nessa tarefa na comunidade.”

Assim pessoal, estou cumprindo o que disse para vocês no 1º ou 2º dia desta Oficina: que, a qualquer momento, eu falaria para vocês da minha viagem ao Pantanal.

E falando em Oficina, ela está terminando. Ela vai terminar, mas antes de acabar, que tal nos abraçarmos?

Fonte: texto elaborado por Maria Aparecida P. Sanches. Núcleo de Educação em Saúde/CVE. Curso de Educação em Saúde, 1999.

SAMBA DA TUBERCULOSE

(Letra e Música: Cortez
Colaboração: Flávia e KK)

Eu vou contar pra vocês
A história de um antigo freguês:
Ao pagode cantar ele ia,
Mas quando chegava tossia.

Perguntei: O que está havendo?
- Essa tosse, estou emagrecendo!
Uma fraqueza, um suor, insistia
Há semanas que mal comia

Disse ao compadre que vi na televisão:
“Ao médico deve-se ir sem medo não.”
Ofereci uma carona ao postinho, de carro,
Pra uma consulta e fazer seu exame de escarro

O resultado do exame ao postinho chegou
E viu que Tuberculose ele pegou.
Mas, conversando com o médico, ele se acalmou
E junto com sua família, ele se tratou.

Foram meses seguidos de tratamento,
Mas viu-se logo livre deste tormento,
E ao pagode curado ele voltou.
Com firmeza e saúde ao BRASIL ele cantou:

Tuberculose, não queremos não.
Só no futebol, se quer ser campeão.
Com a consciência do povo estaremos contente
E fora com essa doença da terra da gente!!!
Com a consciência do povo será diferente
E fora com a Tuberculose da terra da gente!!!

Fonte: texto elaborado por técnicos da Secretaria Municipal da Saúde de São José dos Campos - Projeto Educação em Saúde e o Planejamento das Ações de Controle da Tuberculose, 1998/2000.

Bibliografia

ANDREOLA, B. **Dinâmica de grupo: jogo da vida e didática do futuro.** 20^a. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

ANTUNES, C. **Manual de técnicas de dinâmica de grupo, de sensibilização e ludopedagógicas.** 3^a.ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

ANTUNES, C. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências.** 8^a.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

AUBRY, J.M.; SAINT-ARNAUD, Y. **Dinâmica de grupo.** São Paulo: Loyola, 1978.

BEAUCHAMP, A.; GRAVELINE, R.; DUIVIGIER, C. **Como animar um grupo.** São Paulo: Loyola, 1987. (Coleção Ser e Conviver)

BOSCO PINTO, J. A educação de adultos e o desenvolvimento rural. In: WERTHEIN, J. ; DIAZ BORDENAVE, J. (Org). **Educação rural no terceiro mundo: experiências e novas alternativas.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. Ação educativa através de um método participativo no setor Saúde. In: **Ação Participativa: metodologia.** Brasília: MS, 1987. (Série F: Educação e Saúde, n° 4)

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Divisão Nacional de Educação em Saúde. **Ação Participativa: metodologia.** Brasília, MS, 1987. (Série F: Educação e Saúde, n° 4)

CAVIEDES, M. **Dinâmicas de grupo: para uma comunidade.** São Paulo: Paulinas, 1979.

COELHO, M. J. R.; SANTOS, M. S. **Comunidade criativa: fazer brincando.** São Paulo: Paulinas, 1986.

DIAS, R. **Construindo a organização popular**. S.l.: CEPIS, 1985. (Texto de Apoio, nº. 3) Mimeografado.

DIAZ BORDENAVE, J. A opção pedagógica pode ter consequências individuais e sociais importantes. In: Planejamento e Participação. **Revista Educação AEC do Brasil**. v.13 n. 54, 1984.

DIAZ BORDENAVE, J.; PEREIRA, A. M. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 7ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

ESCOBAR, V. F. **Técnicas pedagógicas: domesticação ou desafio à participação?** 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

FLEURY, R. M. **Educar para quê? Contra o autoritarismo da relação pedagógica na escola**. Goiânia: Ed. UCG; Uberlândia: Ed. UFU, 1986.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FRITZEN, S. J. **Exercícios práticos de dinâmica de grupo e de relações humanas**. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1975. (v.1)

_____. **Exercícios práticos de dinâmica de grupo**. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1982. (v. 2)

_____. **Treinamento de líderes voluntários**. 3ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Janela de Johari: exercícios vivenciais de dinâmica de grupo, relações humanas e de sensibilidade**. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

_____. **Jogos dirigidos para grupos, recreação e aulas de educação física**. 14ª. ed. São Paulo: Vozes, 1991.

GAIOTO, M. L. C. et al. **Líder de mudança e grupo operativo**. Petrópolis: Vozes, 1985.

GONÇALVES, A. M.; PERPÉTUO, S. C. **Dinâmica de grupos na formação de lideranças.** 6ª. ed. S.l.: DP & A, 2001.

GRAMIGNA, M. R. M. **Jogos de empresa.** São Paulo: Makron Books: Mc Grow Hill, 1993.

JARA, O. **A concepção dialética da educação popular.** São Paulo: CEPIS, 1985. (Texto de Apoio, nº. 2) Mimeografado.

_____. **Como conhecer a realidade para transformá-la?** São Paulo: CEPIS, 1986. (Texto de Apoio, nº. 10) Mimeografado.

MACCARI, N. **Vivendo e convivendo: dinâmicas de grupo.** 8ª. ed. São Paulo: Paulinas, 1997. (Recursos pedagógicos; 1)

MAILHIOT, G. B. **Dinâmica e gênese dos grupos.** São Paulo: Duas Cidades, 1977.

MENDONÇA, G. F. Ação educativa nos serviços básicos de saúde. *In: Ação Participativa: metodologia.* Brasília: MS, 1987. (Série F: Educação e Saúde, nº. 4)

MILITÃO, A.; MILITÃO, R. **S.O.S. Dinâmica de Grupo** 2ª. reimpr. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

_____. **Jogos, dinâmicas e vivências grupais: como desenvolver sua melhor “técnica” em atividades grupais.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2000.

MIRANDA, S. **Oficina de dinâmica de grupos para empresas, escolas e grupos comunitários.** 8ª.ed. Campinas: Papyrus, 2001. (v. 2)

MONTEIRO, R. F. **Jogos dramáticos.** 4ª.ed. São Paulo: Ágora, 1994.

MOVIMENTO DE EDUCAÇÃO POPULAR INTEGRAL. **Folhetos educativos para trabalho em grupos populares: técnicas e jogos para grupos, nº. 1.** São Paulo: Fundação Fé e Alegria do Brasil, s.d. Mimeografado.

_____. **Folhetos educativos para trabalho em grupos populares:** diagnóstico participativo, nº. 2. São Paulo: Fundação Fé e Alegria do Brasil, s.d. Mimeografado.

NÉRICI, I. G. **Metodologia de ensino.** São Paulo: Pioneira, 1970.

_____. **Metodologia de ensino:** uma introdução. 2 ed. São Paulo: Atlas, 1983.

_____. **Didática:** uma introdução. São Paulo: Atlas, 1986.

PEREIRA, W. C. C. **Dinâmicas dos grupos populares.** Petrópolis: Vozes, 1982.

RONCA, A. C. C.; ESCOBAR, V. F. **Técnicas pedagógicas:** domesticação ou desafio à participação? 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Saúde. **Trabalhando com gestantes:** manual para profissionais de saúde. São Paulo, 1988.

_____. **Educação em Saúde:** coletânea de técnicas. CADAIS, São Paulo, 1993.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Saúde; Centro de Vigilância Epidemiológica “Prof. Alexandre Vranjac”. **Educação em Saúde:** planejando as ações educativas - teoria e prática. São Paulo, 1997.

SLADE, P. **O jogo dramático infantil.** São Paulo: Summus, 1978. (Novas buscas em educação, v. 2).

TORRES, Z. **A ação social dos grupos.** Petrópolis: Vozes, 1993.

VASCONCELOS, E. M. **Educação popular nos serviços de saúde.** São Paulo: Hucitec, 1989.

YOZO, R. Y. K. **100 jogos para grupos:** uma abordagem psicodramática para empresas, escolas e clínicas. 12ª. ed. São Paulo: Ágora, 1996.

Governo do Estado de São Paulo
Geraldo Alckmin - Governador

Secretaria de Estado da Saúde
Luiz Roberto Barradas Barata - Secretário

Coordenação dos Institutos de Pesquisa
José da Rocha Carneiro - Coordenador

Centro de Vigilância Epidemiológica
“Prof. Alexandre Vranjac” - CVE
José Cássio de Moraes - Diretor Técnico

Núcleo de Educação em Saúde - NES
Zenaide Lazara Lessa - Coordenadora

